



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

PRISCILA ALVES E SILVA SIQUEIRA

**RELAÇÕES DE PODER E INTERGERACIONALIDADE NAS NARRATIVAS
DE VIDA DE MULHERES ABUSADAS NA INFÂNCIA: UM ESTUDO A
PARTIR DE RELATOS PUBLICADOS NA PÁGINA DO FACEBOOK
MOVIMENTO GIRASSOL**

FORTALEZA

2020

PRISCILA ALVES E SILVA SIQUEIRA

**RELAÇÕES DE PODER E INTERGERACIONALIDADE NAS NARRATIVAS
DE VIDA DE MULHERES ABUSADAS NA INFÂNCIA: UM ESTUDO A
PARTIR DE RELATOS PUBLICADOS NA PÁGINA DO FACEBOOK
MOVIMENTO GIRASSOL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito para obtenção do diploma de Mestre.

Área de Concentração: Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S632r Siqueira, Priscila Alves e Silva.
RELAÇÕES DE PODER E INTERGERACIONALIDADE NAS NARRATIVAS DE VIDA DE
MULHERES ABUSADAS NA INFÂNCIA : UM ESTUDO A PARTIR DE RELATOS PUBLICADOS
NA PÁGINA DO FACEBOOK MOVIMENTO GRASSOL / Priscila Alves e Silva Siqueira. – 2020.
101 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2020.

Orientação: Profª. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos.

1. narrativas de vida. 2. intergeracionalidade. 3. relações de poder. 4. abuso sexual na infância. I. Título.
CDD 410

PRISCILA ALVES E SILVA SIQUEIRA

**RELAÇÕES DE PODER E INTERGERACIONALIDADE NAS NARRATIVAS
DE VIDA DE MULHERES ABUSADAS NA INFÂNCIA: UM ESTUDO A
PARTIR DE RELATOS PUBLICADOS NA PÁGINA DO FACEBOOK
MOVIMENTO GIRASSOL**

Dissertação em andamento apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística da Universidade Federal do
Ceará como requisito para aprovação na
disciplina de Seminários de Pesquisa I.
Área de Concentração: Práticas
Discursivas e Estratégias de
Textualização
Orientador: Profa. Dra. Sandra Maia
Farias Vasconcelos

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos - Orientadora
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Ana Paula de Oliveira Santana
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Profa. Dra. Maria Leidiane Tavares Freitas
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira (Unilab)

“Você tem palavras para mudar uma
nação, mas você está mordendo a língua
Você gastou uma vida inteira preso no
silêncio com medo de dizer algo errado
Se ninguém jamais o ouviu, como vamos
aprender sua música?”

Read About It, Part III – Emeli Sandé
(Tradução Nossa)

AGRADECIMENTOS

À Deus, que tudo fez e a quem tudo devo.

À minha mãe, que me fez a mulher que eu sou hoje e por absolutamente tudo. A minha tia Sônia, extensão de minha mãe. Sem vocês eu não teria chegado até aqui.

À minha avó, que partiu para o próximo plano antes de ver esse momento. A minha tia Helena, pelo investimento em minha educação, a senhora tinha toda a razão em não se preocupar, eu vou chegar lá sim.

Às minhas amigas queridas Andressa, Brunna e Jamille, pela torcida e pela fé que tem em mim. Vocês estiveram lá no fracasso e no sucesso e em todo caminho no meio.

À Leili e a Mi, minhas maiores líderes de torcida, vocês estiveram lá literalmente enquanto todos dormiam. Obrigada pelas madrugadas de desespero e surto, por estarem ao meu lado sempre, mesmo há milhares de quilômetros.

Ao meu grupo feminista, em especial a Kell, Camila, Bia, Isa, dentre outras meninas tão queridas que resistem todos os dias ao machismo estrutural e velado no mundo literário. Nossas discussões me ajudaram a tomar muitas posições ao longo desse trabalho.

À Mayara, você esteve lá desde o primeiro dia de nossa caminhada nessa casa, muitos anos, dividimos muitos “lás” a se chegar e esse é só mais um deles, você acreditou quando eu não podia. Ao Marcos, cuja presença brilha mesmo na ausência, meu amigo querido que completa nossa turminha.

Aos meus “migs”, Jéssika e Wan, vocês merecem todo o reconhecimento do mundo, são joias que encontrei em meio a esse mar de tubarões que nos jogaram. Em especial ao Kevyn, você é a pérola que encontrei dentro da concha, sem você esse trabalho não teria saído. Obrigado por estar “lá” todos os dias e não se preocupe que quando a gente passar mais de 24 horas sem se falar eu não vou esquecer seu nome. Você é importante demais para ser esquecido, menino!

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, minha segunda casa que sempre me acolheu e onde eu passo a maioria dos meus dias.

Ao meu grupo de pesquisa GELDA, que esteve presente ao longo desse ano de mestrado e que me acolheu com tanta gentileza. Em especial a Fernanda, pelas horas de discussão e pela amizade.

A minha querida orientadora, profa. Sandra, que acreditou mais em mim do que eu mesma e a quem devo todo o contorno desse trabalho. A senhora me deu o que eu não

esperava, nada acontece por acaso e tenho certeza que a senhora foi o meu presente de Deus nesse mestrado, sem seus conselhos e puxões de orelha eu não teria conseguido chegar até aqui.

À minha banca, Profa. Ana Paula de Oliveira Santana muito obrigada pela atenção e contribuições. À Profa. Maria Leidiane Tavares Freitas, sua história inspira. À Profa. Lia Matos pelos conselhos e pela gentileza de sempre.

À CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

RESUMO

A infância é o momento em que nos são apresentados nossos primeiros passos em todos os aspectos. Aprendemos a narrar, ouvindo histórias desde cedo, aprendemos as regras sociais e o que nos é ou não permitido. O presente trabalho analisou as narrativas de vida, seu aspecto intergeracional e as relações de poder marcadas pelo abuso sexual sofrido por crianças. Para tanto, nos apoiamos na teoria acerca das narrativas de vida de Bertaux (2010), que nos traz a noção de narrativa de vida como um ato de contar. Greimas (2014) nos dá a noção do aspecto material linguístico da narrativa, também apoiado em seu aspecto temporal por Ricoeur (1995). A intergeracionalidade foi abordada sob a visão de Lani-Bayle (2018), através, da insciência, o saber que não se sabia a história será repassada de geração em geração. Os mecanismos de poder foram analisados sob a ótica de Van Dijk (2017) e Foucault (1988) que nos deram as dimensões das relações de poder organizadas intra-familiarmente sobre a sexualidade. O corpus foi composto por narrativas de vida coletadas da página *Movimento Girassol* que trouxeram experiências de abuso sexual sofridos na infância e narrados por mulheres. A questão central que nos propomos a responder é: De que maneira as narrativas de vida e a intergeracionalidade se relacionam com as relações de poder estabelecidas pelo abuso? Nos guiamos pela etnosociologia de Bertaux (2010), em uma análise que compreende aspectos linguísticos baseados em Greimas (2014) e chegamos a resultados que nos mostraram que a relação entre as narrativas de vida e os mecanismos da intergeracionalidade se manifestam dentro das narrativas de abuso sexual na infância. Destacamos que os resultados mostraram também uma ligação entre os mecanismos utilizados dentro relações de poder e a maneira que a intergeracionalidade se manifesta dentro das narrativas.

Palavras-chave: narrativas de vida; intergeracionalidade; relações de poder; abuso sexual na infância

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: NAS RAÍZES	9
CAPÍTULO 2: REFLEXÕES TEÓRICO- FILOSÓFICAS	20
2.1. Relações de poder entre masculino e feminino	20
2.2.As relações de poder intrafamiliares e a sexualidade	24
CAPÍTULO 3: NOSSO MODO DE CONTAR – AS NARRATIVAS DE VIDA E A NOSSA HISTÓRIA	28
3.1 A narrativa de vida e sua estrutura de abordagem	29
3.2 A narrativa de vida e a intergeracionalidade	33
METODOLOGIA.....	37
4.1 Caracterização da pesquisa.....	37
4.2 Delimitação do universo da amostra.....	38
4.3 Procedimento de coleta de dados.....	39
4.4 Procedimento de análise de dados	40
4.4.1 Uma análise compreensiva.....	40
4.4.2 Uma análise semio-discursiva.....	40
4.5 A questão temporal.....	44
4.6 QUADRO METODOLOGICO SÍNTESE	45
ANÁLISE DE DADOS.....	47
5.1 – Análise da narrativa 1	47
5.2 – Análise da narrativa 2	54
5.3 – Análise da narrativa 3	59
5.4 – Análise da narrativa 4	62
5.5- Análise da narrativa 5.....	65
5. 6 -Analisando mais de perto os dados	68
5. 6. 1 – A estrutura narrativa	68
5. 6. 2 – As relações de poder e as construções intergeracionais.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS	76
ANEXOS	81

1. CAPÍTULO 1: NAS RAÍZES

O imaginário social desenha a infância como um momento nostálgico, cheio de lembranças de brincadeiras, acolhimento, com pais, avós, irmãos, primos. Todos nós temos histórias a contar sobre nossos tempos infantis, é possível que tenhamos lembranças boas, o cheiro do bolo da avó, aquele doce que só sua tia sabia fazer, a brincadeira favorita. Porém, há uma boa parcela da população mundial que não guarda lembranças felizes da infância, guarda marcas que na maioria das vezes não são visíveis, marcas na alma que são caladas pelo medo e pela vergonha.

Enquanto trabalhava de estagiária voluntária em uma casa de acolhimento me deparei pela primeira vez com uma história assim e aquilo me chocou como nada antes. Claro que já tinha ouvido falar sobre meninas que eram abusadas na infância, creio que todas nós guardamos ao menos uma história em que nos sentimos violadas, seja por assédio ou abuso, quando ainda somos pequenas e por vezes até mesmo inocentes, mas enquanto trabalhava ali conheci a história de uma menina de 13 anos, que só conversava com uma das psicólogas da casa, ela havia sido adotada por uma família cujos pais tinham outros filhos, mas o pai queria uma menina, coisa que a mãe não queria, porém a família a adotou, quando o pai morreu a mãe incentivava os irmãos a estuprá-la. Não bastando, a menina desenvolveu um tipo de câncer e foi devolvida à casa de acolhimento depois de sofrer por anos nas mãos da mãe adotiva e dos irmãos adotivos. Essa foi a primeira vez que lidei tão de perto com crianças abusadas. Chorei por dias e até hoje ao contar essa história preciso respirar fundo. Ali foi plantada uma semente em mim que veio a florescer anos depois. Ali, naquele dia, ao ouvir a história daquela garota eu perdi um pouco da fé que tinha nas pessoas, ali naquele momento ao passar por aquela menina naqueles corredores passei a entender as diferenças entre meninos e meninas e comecei a refletir sobre o quanto a sociedade nos é ingrata desde cedo. Muitos anos depois me tornei ativista pelos direitos das mulheres e hoje, enquanto pesquisadora, a história daquela menina me inspirou a ouvir, a entender, a prestar maior atenção às dores narradas por mulheres que sofreram o que aquela menina sofreu. Eu não lembro seu nome, mas hoje através dessa pesquisa sua história será lembrada, assim como a história de vida de cada uma das mulheres que participarão desse projeto.

Nos baseando nessas inquietações e acerca das narrativas de vida de mulheres abusadas na infância observamos e que maneira as narrativas de vida e a intergeracionalidade se relacionam com as relações de poder estabelecidas pelo abuso sexual na infância, o que nos levou a acreditar que as narrativas de abuso sexual sofrido na infância expressam relações de poder estabelecidas dentro da narrativa intergeracional. Para isso, nos debruçamos no contexto social e cultural em que atualmente vivemos. Um momento histórico importante no qual as mulheres estão se levantando por seus direitos, esse é um fenômeno global, que conta com uma série de iniciativas como o movimento #metoo que levou milhares de mulheres a confessarem que foram abusadas sexualmente, e virou símbolo do combate à violência sexual. A expressão ficou conhecida após o escândalo com o produtor hollywoodiano Harvey Weinstein que foi acusado de abuso sexual, no ano de 2017. O movimento foi criado em 2006 por uma ativista dos direitos humanos e ganhou grandes proporções anos depois quando tomou proporções nas redes sociais, chegando à marca de mais de 4 milhões de usuários usando a hashtag #metoo símbolo do movimento em 24 horas. Isso quer dizer que 45% dos usuários americanos tinham pelo menos um amigo que tinha falado sobre ou contado uma história sobre o movimento #metoo, o que levou a outras manifestações como o #churchtoo que trouxe novamente ao debate o abuso sexual cometido pela Igreja, assim como outras iniciativas midiáticas como protestos no Oscar, realizado pela atriz Meryl Streep, e em várias premiações, discursos emocionantes e acalorados contra a violência sexual que explodiram na *Woman's March*, a marcha das mulheres que saem às ruas todos os anos em busca de direitos iguais, em março de 2018 se juntaram ao coro da luta contra o estupro e o assédio sexual. Denúncias ganharam força e documentários como *The Hunting Ground* (2016), que foi exibido pela Netflix, que mostra como as Universidades americanas encobrem estupros que acontecem dentro de seus campi, ganhassem foco novamente. Mulheres ao redor do mundo saíram das sombras de sua vergonha, superaram seus medos e incentivadas por tantas outras mulheres vieram à tona para contar suas histórias. foi o que aconteceu recentemente no caso do médium João de Deus, que foi acusado por mais de 300 mulheres de abuso e assédio sexual. Esse movimento foi apoiado e muitas vezes foi proposto pelo movimento feminista que vem lutando pela igualdade de oportunidades e de direitos entre homens e mulheres. Segundo Gonçalves (2019) “Feminismo é conhecimento e, acima de tudo, uma prática diária, constante que precisa ser exercida de forma saudável e tranquila tanto por homens quanto mulheres.” (GONÇALVES, 2019. p. 13).

Seguindo esse rastro histórico acerca do movimento pela igualdade de direitos e oportunidades das mulheres nos deparamos com três fases do movimento feminista. A primeira ligada ao movimento pelos direitos políticos, como o movimento sufragista que garantiu as mulheres o direito ao voto. O segundo momento está ligado as discussões de caráter racial, as diferenças das lutas entre mulheres brancas e negras, é o momento dos chamados feminismos. Essa fase garantiu, por exemplo, a lei chamada “Estatuto da Mulher Casada” que garantiu as esposas o direito de trabalhar, fazer transações bancárias, etc. sem o consentimento dos maridos. Estamos vivendo atualmente a chamada “terceira onda” ou “Feminismo 3.0” que discute questões de sexualidade e luta contra a violência física e psicológica a qual as mulheres são submetidas. O movimento feminista é de muita importância para este trabalho, pois suas bandeiras contra a violência e as campanhas que encabeça pelo combate a denúncia a violência sexual contribuíram para muitas conquistas nos últimos anos, o que veremos é um dos fatores que pode ter contribuído para políticas de combate e incentivo a denúncia contra o abuso sexual.

Como nosso principal objetivo nessa pesquisa é analisar as narrativas de vida de mulheres que sofreram abuso sexual na infância considerando o aspecto intergeracional dessas narrativas e as relações de poder estabelecidas pelo abuso sexual sofrido na infância em seus *récits de vie*, julgamos que como pesquisadores da língua nossa responsabilidade vai além da materialidade linguística, pois como nos assegura as Diretrizes Curriculares Nacionais uma das competências do profissional da área de Letras é a reflexão analítica e crítica sobre a linguagem como fenômeno psicológico, educacional, social, histórico, cultural, político e ideológico; portanto, a língua é viva e atuante no meio da sociedade e ela é o meio pelo qual essas mulheres conseguem expressar pelo que passaram, construir e dar sentido a sua existência, assim como exortar para que outras mulheres não passem pela mesma situação. A partir daí nos questionamos como se estruturam essas narrativas de vida, ponderamos que as narrativas de vida se expressam pelo ato de contar um episódio vivido a um sujeito e têm uma estrutura que revela um encadeamento de atos discursivos que se estruturam em um fazer de um sujeito que afeta a relação do mesmo com um objeto de desejo. Assim, observamos as narrativas de vida dos sujeitos analisados se constroem como um encadeamento de ações que revelam uma relação desses sujeitos com o objeto infância.

Ao iniciar esta investigação nos propusemos a primeiro entender quais os conceitos de infância foram estabelecidos por outros estudos, o que nos é essencial para

compreender o processo de protecionismo que existe sobre a infância e as relações de poder que são estabelecidas entre a criança e sua família, o que nos parece essencial, pois de acordo com os dados levantados sobre abuso sexual mais de 60% dos agressores sexuais de menores são familiares ou pessoas próximas a vítima. é o que mostra o Mapa da Violência no Brasil divulgado no ano de 2018 (ANEXO I) no Fórum Nacional de Segurança, mostra dados coletados entre 2006 e 2016, período em que o país mostrou-se mais preocupado em mapear e combater violências contra a mulher, um exemplo disso é a Lei Maria da Penha que criou mecanismos de coibir a violência doméstica contra a mulher e foi sancionada em agosto de 2006, e principalmente tentar mapear quem eram seus agressores e em quais faixas etárias essas violências se davam, apesar desse avanço, ainda há muito no que se trabalhar, pois os dados acerca de violência sexual contra meninas menores de quatorze anos são assustadores e podem ser muito maiores, segundo estatísticas mostradas pelo Observatório da Mulher, comissão que mapeia a violência contra a mulher no Brasil.

Analisando os dados do Mapa da Violência do ano de 2018 nos deparamos com mais de 70 mil casos registrados de violência sexual no período analisado que compreende 10 anos, destes 50,1% foram praticados com crianças de até 13 anos e 17% com adolescentes entre 14 e 17 anos, isso quer dizer que 67% dos casos relatados as autoridades competentes de violência sexual no país foram praticados contra crianças e adolescentes, sendo 30% destes perpetrados por familiares próximos como pais, irmão e padrastos. Esses dados mostram um cenário no mínimo preocupante acerca da infância brasileira, uma parcela considerável das nossas crianças tem sofrido abuso sexual e esses dados são apenas de uma década de mapeamento, se formos ampliá-lo ou considerar estudos que mostram o que não chega até as autoridades talvez tenhamos dados mais assustadores, é o que mostra os dois últimos estudos divulgados pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), que nos informa um aumento de 10% nas notificações de estupro no país no ano de 2017 (ANEXO II), em relação ao ano de 2016. Só em 2017 foram relatados mais de 60 mil casos de estupro, enquanto em 2018 (ANEXO III) foram registados mais de 66 mil casos, destes 53,8% praticados contra menores de 13 anos. Colocamos os dados em evolução na tabela abaixo para melhor visualização dos números aqui apresentados e recolhidos dos órgãos responsáveis.

CASOS DE ESTUPROS RELATADOS		
2006 - 2016	2017	2018
72.415 casos	61.032 casos	66.041 casos

Como podemos visualizar, nos últimos dois anos o número de casos de estupros relatados no país ultrapassa e muito o número levantado de 2006 a 2016, o que nos mostra também uma realidade assustadora: 4 meninas são estupradas no Brasil por hora. Daí a importância de identificar através dessas narrativas o impacto que essa violência tem deixado para as mulheres brasileiras.

A partir desses dados, e com a construção científica dos conceitos de infância, família e violência, partiremos para analisar outros estudos sobre violência na infância, abuso sexual na infância, dentre outros que nos levarão a compreender um pouco melhor o panorama dos estudos acerca de nosso tema proposto.

Quando falamos em infância precisamos compreender que esse conceito foi mudando ao longo dos séculos, etimologicamente a palavra infância provém do latim *in-fans* que significa “sem linguagem”, ou seja, como podemos ver a origem da palavra remete ao início da vida, mas poderia também se remeter ao papel social-histórico do infante antes do século XVII. Hoje ao fazermos um levantamento de estudos acerca da infância podemos encontrar os mais variados temas, desde estudos sobre métodos de aprendizagem, construção de significados e socialização como é o caso dos estudos de Pires e Uchoa (2007), que fazem um panorama acerca do protagonismo infantil nos espaços como construtores de significados em meio as muitas práticas sociais. Em meio a esse estudo nos deparamos com um panorama histórico acerca da evolução do conceito de infância e em como a escolarização veio a mudar e estabelecer um parâmetro que permitiu se estabelecer um critério cronológico sobre a infância. É o que nos mostra Ariès (1986) que traz fatos históricos acerca do tratamento dado as crianças ao longo dos séculos.

Em *História Social da Criança e da Família* (ARIÈS, 1986), vamos nos deparar com uma linha do tempo que se inicia entre os séculos XII - XV onde a infância era reduzida ao seu período mais frágil, as crianças eram como espécies de bichinhos de estimação e logo que começassem a conseguir se virar sozinhos já eram introduzidos na sociedade como espécie de mini adultos, participando dos trabalhos e da vida social. A

educação nessa época não era delegada a família, mas as crianças aprendiam ofícios convivendo com outros adultos e jovens. Era comum na época que a criança, logo que saísse de seu período mais frágil, fosse levada a viver em outra casa longe da família. Logo, a família tinha uma outra estrutura, diferente da que consideramos hoje, pois era composta pelo casal e pelas crianças que ficavam em casa. Estamos falando aqui, em séculos anteriores aos fins da Idade Média, por volta do século XV, em que a função da família era apenas a conservação de bens, a prática de um ofício e a vida quotidiana. Podemos compreender que nessa época não se criavam relações afetivas propriamente ditas e não se tinha ainda o sentimento de proteção que gozamos hoje quando falamos de infância e família, essas trocas afetivas se davam fora da família e em um meio que consideramos mais amplo composto por vizinhos, amigos, amos e amas, dentre outros onde se podia expressar e construir esses laços de maneira mais livre. Ainda no século XIII, por exemplo, modos anteriores a razão e era tarefa dos adultos ensinar-lhes modos e a razão, de modo semelhante cabia a Igreja o papel da educação que era feita em monastérios.

Consideramos essencial para construir nossa narrativa acerca do abuso sexual na infância entender que o conceito de infância que temos hoje foi construído social-culturalmente e mudou ao longo dos séculos uma das consequências da moralização promovido pela Igreja Católica em meados do século XVII, na qual a criança saíria do seio familiar para ficar em uma espécie de quarentena, que seria a escola, até ter condições de voltar novamente a conviver em sociedade, segundo afirma Ariès (1986) essa valorização da escolaridade “(...) não teria sido realmente possível sem a cumplicidade sentimental das famílias (...)” (ARIÈS,1986.p.11). Assim como os estudos de Locke e Rousseau, que a partir do século XVIII se começou a enxergar a criança de forma diferente. Para Locke a criança era como uma folha em branco que poderia ser moldada conforme se quisesse, já Rousseau inaugura a ideia da natureza boa, na qual o ser humano em sua gênese seria bom, puro e ingênuo sendo corrompido pela sociedade, daí a ideia da criança como um ser cuja proteção seria necessária. A partir desse movimento a criança tomou uma importância que outrora não existia, as famílias se organizavam em torno da afetividade e proteção de algo que se tornou precioso. Essa moralização acabou por criar um novo parâmetro, já que a criança passa a ser um objeto que denota inocência e que por isso deve ser protegida e não exposta as malevolências do mundo.

Essa é uma discussão de caráter essencial para o nosso trabalho, pois traz um aspecto importante para o que será abordado. A infância é o momento que nos define e que, segundo a cultura em que vivemos, deveria ser um momento em que somos protegidos e quando aprendemos com segurança sobre nossos costumes e cultura. Também é o momento em que somos apresentadas às primeiras relações de poder as quais lidaremos na vida, as relações intrafamiliares. Além disso, com a moralização trazida pela Igreja Católica entra em voga mais um aspecto fundamental para nossa discussão: a opressão acerca da discussão sobre o sexo. Esse tema foi trabalhado por Foucault (1988) que afirma que as crianças não tem sexo e por isso são impedidos de discutir o assunto. Essa repressão expressa e os mecanismos de repressão utilizados pelas relações de poder serão discutidas mais a frente neste trabalho, pois nos é necessário esboçar um pouco mais sobre o funcionamento das relações de poder e como elas operam quando o tema é o sexo. Por ora, nos é importante dizer que a moralização foi a responsável por esse tema ser tabu quando tratado em relação as crianças.

Como nosso corpus é moldado no contexto brasileiro do século XXI, vamos trilhar o caminho na infância no Brasil para refletirmos acerca desse conceito fundamental para nossas reflexões acerca da infância e as relações de poder estabelecidas no contexto cultura e social atual.

Ao fazermos o resgate histórico acerca da infância no Brasil vamos encontrar muitas semelhanças com os moldes europeus, em que a religiosidade e a Igreja Católica têm papel fundamental para a construção do conceito de infância, assim como foi na Europa. Seguiremos essa trilha a seguir para que possamos entender quais os documentos que regem o sistema de proteção da criança atualmente.

No Brasil colônia, iniciamos essa jornada com os jesuítas, que seguindo os moldes europeus, enxergam a infância como um período ideal para a catequese. Passando de colônia para a independência do Brasil, vemos uma preocupação pungente para além da educação quanto ao tocante da infância, a preocupação com a mortalidade infantil e ao tocante da saúde, sendo apenas no século XX que chegamos ao tocante psicológico o que culminou com uma responsabilização dos adultos com as crianças, resultando no primeiro documento institucional que garantia os direitos as crianças datado de 1959, a Declaração Internacional dos Direitos da Criança. Mais tarde chegamos ao documento que rege hoje leis de proteção, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), tão criticado por muitos

nos dias atuais, mas que foi um marco que garantiu às crianças proteção, e que em seu artigo 5 afirma “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”, tornando, assim, crime qualquer tipo de violência contra a criança. O documento é um dos principais legisladores que garantem a defesa da criança e do adolescente no Brasil.

É necessário então, que nos debruçemos sobre o conceito de violência, pois assim como o conceito de infância ele nos será necessário para construção de nosso objeto de pesquisa. A Organização Mundial da Saúde (OMS) tipifica em três as categorias de violência: a primeira delas é a violência auto infligida que compreende suicídio, tentativas de suicídio, ideação suicida ou autoagressões, a segunda seria a violência doméstica/intrafamiliar que compreende toda violência provocada entre parentes íntimos, membros da mesma família, principalmente no ambiente familiar, mas não apenas nele, esse tipo de violência inclui toda ação que prejudique a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito de pleno desenvolvimento de outra pessoa da família. Nesse grupo também se compreende pessoas sem função parental, mas que convivam no espaço doméstico. Por último temos a violência extrafamiliar/comunitária que ocorre em ambientes sociais no geral, praticada entre conhecidos ou desconhecidos.

Nosso foco nesse estudo se dará na violência intra e extrafamiliar, mais especificamente na violência sexual contra crianças, levando em conta que muitas narrativas com as quais trabalharemos não chegaram até as estatísticas levantadas pelo governo nos últimos anos por se tratarem de violências praticadas dentro do seio familiar, informação essa que será ratificada pelo estudo que mostraremos a seguir. Consideramos de vital importância essa informação, pois um dos nossos questionamentos se baseou nas relações de poder expressas nas narrativas de vida que potencializariam a intergeracionalidade. Respaldados por Foucault (1988) que expressa as relações de poder estabelecidas pelo tratamento dado a sexualidade pela sociedade, consideramos que as relações de poder estabelecidas estão arraigadas a tabus estabelecidos pelo comportamento discursivo - social e cultural estabelecido pela comunidade ao qual o sujeito pertence e como veremos as narrativas intergeracionais muitas vezes resultam na reprodução da violência, abordaremos esse assunto mais adiante.

Em seu estudo sobre o perfil da violência contra a criança e ao adolescente, baseado em dados coletados de Conselhos Tutelares, Costa et al (2007) faz um panorama interessante e reforça esses dados mostrando que no Brasil a violência estrutural, que é um dos sintomas principais da desigualdade social, contribui para que a violência se desenvolva, pois mexe diretamente na dinâmica familiar. Ora, esse estudo vem a reforçar o que já foi comprovado em outros estudos, mas ainda não chega ao cerne da questão, pois a violência intrafamiliar não escolhe classe social; poderemos nos deparar ao longo desse estudo com várias narrativas de mulheres de todas as classes, cores e credos. Muitas dessas histórias, não chegam até as autoridades sendo enterradas pela vergonha, pelo medo e muitas vezes pela anuência de familiares, e é dessas narrativas que nos ocuparemos e como elas afetaram a construção da identidade dessas mulheres, quais foram as consequências desses abusos e como eles moldaram suas vidas.

Quando falamos nas consequências dessa violência perpetrada contra crianças e adolescentes, podemos encontrar estudos nas mais variadas áreas, como o de Galeano e Varas (2018) que fizeram um levantamento de estudos acerca da violência contra crianças e adolescentes exercida por cuidadores (pais, padrastos, parentes próximos) na América do Sul e depararam com dados muito próximos na comparação entre esses países. As consequências dessa violência se mostram devastadoras e apresentam sintomas como medo, agressividade e instabilidade emocional nas vítimas. Essas experiências podem ser associadas na idade adulta a problemas como alcoolismo, abuso de drogas, câncer, depressão e obesidade. Alguns dos estudos levantados pelos pesquisadores inclusive mostram que a área cognitiva é a mais afetada pelo abuso e pela negligência na infância. Apesar desses dados, de suma relevância para nossa pesquisa, ainda encontramos lacunas que nos mostram que é necessário entender mais de perto como as vítimas compreendem essas consequências, quais os sentidos que são construídos através dessas narrativas, quais as implicações e o impacto desses abusos nas vítimas e como essas consequências se mostram através do aspecto intrageracional, já que esse estudo também mostra que parte dos entrevistados reproduzem a violência que sofreram na infância, durante a idade adulta. Nesse estudo observamos de que modo as linhas intergeracionais são estabelecidas nas narrativas coletadas. Fundamentados por Lani-Bayle (2018) que opera a intergeracionalidade como parte fundante para a construção da história do sujeito e de sua narrativa, projetamos que os aspectos intergeracionais são potencializados pelas relações de poder expressas nas narrativas de vida coletadas.

Em seu estudo Antunes (2010) faz um levantamento de narrativas de abuso que levam a resiliência e o impacto desse abuso nas vítimas. Para isso, a autora faz um levantamento em sua tese dos estudos internacionais sobre o tema e mais uma vez constata o que já havíamos defendido: as estatísticas reais de abuso sexual em crianças e adolescentes são mais assustadoras do que imaginamos, pois em suma maioria dos estudos levantados por ela os abusos não chegaram a ser relatados as autoridades, sendo alguns deles nunca relatados anteriormente aos estudos. Outro dado corroborado pela pesquisadora é sobre o perfil do abusador, segundo ela dos estudos levantados como base de sua pesquisa em 60% deles o ofensor sexual pertencia ao convívio das vítimas, a autora ressalta ainda que alguns resultados ressaltam a importância do fenômeno ser estudado a luz da cultura e contexto social das vítimas, pois estudos na Espanha, por exemplo relatam um alto índice de abusadores entre padres e educadores enquanto numa comunidade indígena americana a porcentagem de abusadores serem membros da família imediata mostraram os mesmos altos índices.

Esses dados serão relevantes para nossa pesquisa, pois revelam um quadro maior que será de suma importância para o estudo que pretendemos fazer, pois olhando mais de perto o contexto social e cultural das vítimas de abuso no Brasil, podemos chegar a como essas mulheres revelam em sua narrativa e como podem ter sido também influenciadas pelo fator cultural e social no qual estão inseridas e na dinâmica familiar imposta pelas relações de poder se o abusador foi um parente e principalmente como essas narrativas trazem um aspecto intergeracional, mostrando vozes de outras mulheres através de gerações que exortam e viveram situações parecidas. Nosso objetivo nesse estudo foi compreender de que forma as construções intergeracionais admoestam os sujeitos acerca das relações de poder estabelecidas nas narrativas de vida de mulheres que sofreram abuso sexual na infância, apoiados por Lani-Bayle (2018), Bertrand (2010) e Foucault (ano), que estabelecem que há mediações no ato da narrar uma experiência vivida, que vai desde as relações de poder estabelecidas até as relações intrafamiliares, consideramos que as narrativas de vida acerca do abuso sexual sofrido na infância expressas pelos sujeitos trazem pistas da influência intergeracional e suas relações de poder são destacadas no corpus estuda.

É importante também lembrarmos que, as mulheres já vêm passando sua sabedoria através de narrativas por séculos, é o que defende Estès (1992) ao afirmar que “As instruções encontradas nas histórias nos confirmam que o caminho não terminou, mas que ele ainda conduz as mulheres mais longe, e ainda mais longe, na direção de seu próprio conhecimento.” (ESTÈS, 1992.p.19). A autora trabalha com mitos e contos de fadas, mas nos chama a atenção para a importância das narrativas como instrumento de repasse de sabedoria e exortação. E é nesse contexto que as narrativas intergeracionais se debruçam, os estudos de Brandão, L., Smith, V., Sperb, T.M., & Parente, M.A.M.P. (2006) acerca do assunto revelam dados interessantes acerca dos aportes teóricos de narrativas de crianças e idosos, mas não se concentram em narrativas intergeracionais em idades diferentes como adultos e adolescentes. O que nos concerne já que nossas narrativas são focadas também nessa faixa etária, não lidaremos com narrativas de crianças, mas nos concentraremos em mulheres adultas que narram os abusos que sofreram durante o período infanto-juvenil.

Nos capítulos a seguir vamos iniciar uma discussão acerca das relações sociais entre homens e mulheres e seu papel dentro da família, assim como seus papéis estabelecidos desde a infância, a violência e o abuso sexual contra meninas e o papel das narrativas de vida. Primeiro esboçando uma reflexão teórico – filosófica acerca do feminino e os papéis estabelecidos dentro da sociedade. Após isso, parraremos no capítulo subsequente a um exame das teorias acerca das narrativas, para daí esboçarmos a metodologia utilizada nesse trabalho a ser aplicada, por fim, nas análises.

CAPÍTULO 2: REFLEXÕES TEÓRICO - FILOSÓFICAS

2.1 Relações de poder entre masculino e feminino

Ao iniciarmos nossa discussão e antes de partirmos para as relações entre homem e mulher e dos papéis sociais estabelecidos para ambos, é necessário que nos voltemos um pouco para como o feminino e o masculino são construídos dentro do contexto social para que possamos compreender melhor a dinâmica dessas relações.

A célebre frase de Beauvoir (1970) “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1970. p. 9) nos revela que o papel atribuído a mulher é construído desde cedo. Os costumes impostos a meninos e meninas são, latentes em todas as sociedades patriarcais, eles vão desde o ato de fazer xixi até mesmo ao ato de expressar emoções, como o choro. Às meninas estão reservados os direitos de chorar e fazer xixi sentadas e aos meninos o ato de demonstrar tristeza ou emoção através do choro está vetado, assim como o ato de fazer xixi em pé lhes é reservado. Aos meninos está reservado o direito de preocupar-se com afazeres econômicos e a menina a maternidade. Essas nuances e diferenças em suas criações perpetuam até o sistema atual. Afinal, “(...) esse prestígio dos homens não é uma miragem pueril. Tem bases econômicas e sociais; são indiscutivelmente os senhores do mundo, (...)” (BEAUVOIR, 1970. p. 66) e é aí que mais uma vez nos deparamos com a instituição casamento, como o objetivo final, o grande papel atribuído a mulher: ser mãe e esposa. Constituir e pertencer a uma família, o casamento age como uma carreira, a única possível à mulher e aquela que mais lhe cabe, assim “Ela se libertará do lar paterno, do domínio materno e abrirá o futuro para si, não através de uma conquista ativa e sim, entregando-se passiva e dócil, nas mãos de um novo senhor.” (BEAUVOIR, 1970. p. 67)

Enquanto condutas violentas não são permitidas às moças, os rapazes são incentivados a tê-las. Muitas das condutas masculinas são pautadas na violência e esse é

um papel que não é atribuído a eles, mas incentivado através de esportes, brigas de rua e disputas.

A violência é a prova autêntica da adesão de cada um a si mesmo, as suas paixões, a sua própria vontade, recusá-la radicalmente é recusar-se toda verdade objetiva, é encerrar-se numa subjetividade abstrata; uma cólera, uma revolta que não passa pelos músculos são coisas imaginárias. (BEAUVOIR, 1970. p. 69)

Dessa forma, podemos concluir que à mulher é atribuído um papel, não basta apenas nascer do sexo feminino, cabe a mulher cumprir o papel feminino imposto para a ela ser dado a função de mulher. Já que “A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo” (BEAUVOIR, 1970. p. 10) Essas relações estruturais de poder dão vazão a papeis sociais distintos para homens e mulheres, esses papéis, por sua vez são cuidadosamente montados desde a nossa infância, é o que afirma Beauvoir (1970), ao analisar os papéis aos quais as mulheres são submetidas desde cedo e como elas são preparadas para tal, “Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade.” (BEAUVOIR, 1970. p. 7)

Enquanto a eles é atribuída a violência, a elas é atribuída a aceitação dela, suportá-la é papel da mulher, pois “ela não acredita numa força que não experimentou em seu corpo; não ousa empreender, revoltar-se, inventar: voltada à docilidade, à resignação, não pode senão aceitar, na sociedade, um lugar já preparado. “ (BEAUVOIR, 1970. p. 69) A mulher acaba por encarar as coisas como dada, lhe é ensinado que seu papel é apenas o de aceitar e submeter-se.

Assim, ao analisarmos os papéis atribuídos ao feminino nas sociedades patriarcais nos deparamos com séculos de registros das falhas e fraquezas femininas em relação ao homem, para mantê-las nos papéis estabelecidos a “(...) mulher ‘realmente mulher’, isto é, frívola, pueril, irresponsável, submetida ao homem.” (BEAUVOIR, 1970. p. 18) tem de seguir as regras ou arcar com as consequências.

As consequências desse desvio de conduta foram documentadas ao longo dos séculos pela História e pela Literatura, vastos são os mitos e os episódios em que a mulher é retratada como pivô ou maldição. É o caso, de Helena de Tróia que com sua beleza iniciou uma guerra, o mito da Medusa que foi punida pela sua beleza que tentou um deus e a fez trair a deusa a qual servia e chega até histórias mais recentes como a de Joana

D'Arc queimada na fogueira condenada por heresia. As mulheres são dados os castigos pelo desvio de conduta e a quebra as regras que lhes são impostas pelo sistema patriarcal, estes pelo que vimos virá dos homens que lhes são responsáveis, pais, maridos ou aquele que está responsável pela família a qual a mulher pertence. Como veremos a seguir quando analisarmos um pouco do resgate histórico das relações entre homens e mulheres.

Voltando para sociedades ou as primeiras organizações na era do paleolítico, encontramos, segundo Badinter (1986), uma sociedade com papéis claros e de igualdade entre homens e mulheres, observando que “Do paleolítico à idade do ferro, homens e mulheres partilharam as tarefas com maior ou menor equidade, (...)” (BADINTER, 1986. p. 87). Conforme vamos avançando na história, nos deparamos com um sistema de hereditariedade que estabelece o homem como responsável pela linhagem familiar, assim iniciamos um sistema no qual o pai passa a ter um papel de chefe e progenitor. A partir dessa concepção nos deparamos com um sistema baseado no poder do pai e em que

(...) não basta, para os homens, que eles detenham os poderes mais importantes, que reinem tanto sobre a família como sobre a cidade, isto é, como Deus todo-poderoso sobre o universo. É preciso também impor sistemas de representações e de valores que justifiquem tal desequilíbrio. É o início de uma concepção dos sexos, hierarquizada ao extremo. Se o homem governa o mundo e sua mulher, é por que ele é o melhor representante da criação e do criador. (BADINTER, 1986. p. 92)

O sistema patriarcal inaugura assim, um novo momento para as relações entre homens e mulheres nas sociedades, no qual a família é baseada não só pelo parentesco masculino, mas pelo poder paterno que é assegurado por toda uma estrutura social, esta está estritamente ligada ao controle da sexualidade feminina. O conceito de ligar seu nome e seus bens a um filho de sangue leva os homens a uma obsessão com o adultério feminino.

Um dos mecanismos do controle patriarcal exercido está diretamente ligado ao controle religioso. O tributo a um Deus – Pai que “detinha, em relação à criança, o poder que outrora era o apanágio da mãe, mas também se tornou o criador da mulher.” (BADINTER, 1986. p. 105) isso fica muito claro ao olharmos para as sociedades cuja religiosidade é baseada na crença judaico-cristã. De acordo com essa cultura a mulher passa a ser o receptáculo da vida que é produzida pelo pai através de sua semente.

Na vanguarda dessa dominação está a instituição do casamento que foi comandada pela exogamia (cruzamento de indivíduos sem parentesco ou com parentesco distante) e pela proibição do incesto. Esses ritos foram instituídos, segundo Badinter (1986), para assegurar a repartição das mulheres entre os homens e para disciplinar a competição masculina em torno delas. Podemos então, acrescentar uma consequência a isso: a dupla objetificação da mulher. “Ela é objeto para o pai que a troca. Ela continua sendo um objeto para o marido que a obtém.” (BADINTER, 1986. p.120).

O processo de objetificação da mulher será de profunda importância para nossa compreensão do processo de violência com o qual nos depararemos ao longo deste trabalho, já que como já vimos a construção do masculino está muito ligada a violência e ao feminino a obediência. O sistema patriarcal desde sua gênese se apodera da mulher a usando como moeda de troca, já que “O laço de reciprocidade que funda o casamento não é estabelecido entre homens e mulheres, mas entre homens, por meio de mulheres, que são apenas a principal oportunidade para isso.” (BADINTER, 1986. p.123). Durante a Idade Média isso fica ainda mais latente aliado a religião, pois como já discutimos durante a Idade Média a Igreja Católica promoveu profunda reformulação e moralização na sociedade (ARIÈS, 1986), o pai exerce então papel que fornece plenos poderes sobre os filhos que ele casa segundo seus interesses. É importante que ressaltemos aqui mais uma vez que após a instituição casamento o tema incesto se tornou algo condenado dentro da sociedade, até mesmo para os nobres que mantinham o costume, com a justificativa de manter o sangue puro e escolhido por Deus.

Segundo o direito romano, que imperava na Europa da Idade Média, a mulher era um ser menor e ao casá-la o pai transferia seus direitos ao esposo que, por sua vez, os possuía até sua morte. O que configura um *status* triplo de objeto da mulher em relação ao marido, ao mesmo tempo ela poderia ser um objeto de ascensão social, um objeto de distração e um ventre que geraria sua descendência (BADINTER, 1986).

Quando passamos de um contexto europeu para um mais restrito, como o espaço na sociedade brasileira, não encontramos tantas diferenças, porém Almeida (2005) nos mostra um resgate histórico do papel da mulher na sociedade brasileira que ressalta as diferenças entre as mulheres da sociedade tidas como de “boa família” e mulheres consideradas “coisas” como índias e negras. As primeiras eram relegadas ao ostracismo

ao serem confinadas nas casas grandes, guardadas nos conventos e ao se dobrar aos desejos da família.

Esse contexto dava vazão a casamentos por interesse, já que as chamadas *sinhas-moças* se casavam cedo com homens escolhidos pela família.

Essas relações estabelecidas entre homens e mulheres no regime patriarcal, nos será de fundamental importância, pois através delas podemos perceber nuances da violência a qual mulheres são submetidas desde muito cedo. Esse enclausuramento ao qual eram submetidas acabaram por formar a imagem da senhora cruel, pois

(...) essas mulheres submetiam-se completamente a seus maridos, a quem chamavam de senhor, o que as fazia descarregar integralmente a ira sobre as escravas indefesas. Tais relações desenham o cotidiano da casa-grande, profundamente marcado pela violência entre marido e mulher, e entre senhor e senhora e seus escravos. (ALMEIDA, 2005. p.54)

As mulheres brancas brasileiras eram submetidas a atos de violência não apenas física, mas estrutural desde cedo e isso as levou a serem cruéis tornando o ambiente da casa-grande uma verdadeira zona de guerra, por muitas vezes. O que Almeida (2005), nos mostra é a face de um problema estrutural do patriarcado, pois o homem é criado para gerir a mulher e esta, por sua vez é criada para gerir a casa e ser submissa ao marido. São dois papéis sociais impostos ao homem e a mulher pelo patriarcado cujas minúcias parecem despontar desde cedo. Como vimos, a mulher é preparada para o casamento logo que chega a puberdade, entre treze e quinze anos, enquanto o homem sempre mais velho é criado para obter um papel completamente diferente, o de senhor.

Em contra partida do outro lado estão as negras, as índias e as criadas, as duas primeiras tratadas como mero objeto são submetidas a violência do senhor, que é sexual na maioria das vezes, e da senhora que é cruel. As criadas, por sua vez, têm um papel diferente, elas exercem o papel de servas e são submetidas as regras sociais impostas as mulheres brancas desde cedo. Esse processo de violência ao qual mulheres brancas, negras e índias sofreram em diferentes níveis no Brasil colônia é mais uma nuance do controle patriarcal ao qual as mulheres são submetidas até os dias atuais e sobre as quais nos ateremos a seguir, já que como vimos as relações entre homens e mulheres perpassam pelo controle patriarcal do homem sobre a mulher, sendo o primeiro mecanismo a família.

2.2 As relações de poder intrafamiliares e a sexualidade

Ao analisarmos o discurso familiar sob a ótica da prática social, nos colocamos em um tipo de comunicação inserida em uma situação social, cultural, histórica ou política. Por isso é necessário que olhemos para essas relações para fora da materialidade linguística, considerando a estrutura social, além da estrutura linguística, pois a

relação entre estruturas discursivas e estruturas sociais não é uma simples relação casual ou de correlação. Antes, temos que considerar um processo sociocognitivo bastante complexo, (...) (VAN DIJK, 2017. p.14)

Por isso para nós foi necessário analisar as relações intrafamiliares nas narrativas de vida para chegarmos até aqui, sob o olhar etnosociológico, pois entendemos a família como um microcosmos pelo qual se consegue identificar mecanismos sociais, processos de reprodução e transformação social (BERTAUX, 2010).

Analisando relações intrafamiliares, podemos observar que elas são marcadas pelas relações de poder expressas principalmente entre pais e filhos, embora também possa aparecer em outras formas, entre tios e sobrinhos, avós e netos, dentre outras tantas que poderíamos citar aqui. Vamos nesse primeiro momento nos ater as relações entre pais e filhos, que a nós parece ser a espinha dorsal das relações intrafamiliares.

Dentro do contexto familiar em muitas culturas a relação entre pais e filhos é expressa através do controle, pois a eles cabe controlar os comportamentos, ensinar as regras sociais, dentre outras atribuições “os pais também podem controlar o comportamento da criança de forma mais direta, por exemplo, reprimindo, ameaçando, dirigindo ou corrigindo as crianças nas conversas” (VAN DIJK, 2017. p.59).

O controle parental sobre o discurso da criança aparece principalmente sobre a sexualidade. Historicamente a repressão sexual começou dentro do seio familiar, sendo o quarto dos pais o único ambiente onde a sexualidade encontrou liberdade por seu caráter utilitário, sendo esse discurso moralista instituído pela Igreja, como já discutimos em uma seção anterior. Essa coibição sobre a sexualidade veio primeiro no controle dos enunciados, através de um vocabulário autorizado guiado pelas regras da descendência, assim foi definido de forma clara onde e quando era aceitável se falar sobre a sexualidade, depois assumiu a forma do silêncio, que também é uma forma de controle (FOUCAULT, 1988).

Os pais que ditam as regras acerca da sexualidade determinam o que é lícito e o que é ilícito, aquilo que é permitido e o que é proibido, aquilo que é dito e aquilo que é

calado. Essa censura, informa Foucault (1988) pode ser inscrita de três formas "afirmar o que é permitido, impedir que se diga, negar que exista" (FOUCAULT, 1988. p.82)

É dentro dessa perspectiva que vamos observar e analisar as narrativas de vida dessas mulheres que foram abusadas na infância, como essas relações de poder se desenvolveram em relação ao abuso, como elas afetaram a experiência vivida e como se expressam dentro do discurso, pois como veremos os castigos aplicados aos considerados desvios de conduta podem variar de acordo com o que o homem determina, vai desde o castigo físico a torturas psicológicas. Segundo Osterne (2006) “Em seu sentido mais amplo a violência pode ser compreendida como fenômeno que perpassa todo o ordenamento social, tanto no âmbito das relações pessoais como das ligações institucionais” (OSTERNE, 2006. p.16). O emprego da violência nas relações está pautado na dinâmica social e depende da condição do sujeito que é vitimado por ela em relação a seu algoz. A chamada violência simbólica que está “presente na ordem do sistema de relações sociais vigentes’ (OSTERNE, 2006. p. 20) constitui esse fenômeno que é histórico e cultural, como já vimos e que se pauta nas influências e visões de mundo construídas pelos sujeitos. Esse tipo de violência está pautado nos mais vastos mecanismos culturais como anedotas, programas televisivos, provérbios como: “Prendam suas cabras, pois meu bode está solto”, que se refere a liberdade sexual total masculina, enquanto se recomenda a clausura feminina. É preciso, portanto, entender que a violência contra a mulher não ocorre de forma isolada e meramente física, mas também no âmbito de suas relações e em seus construtos mentais, é o caso da violência psicológica, que está pautada no âmbito mental e pode ocorrer na forma de humilhações, ofensas, julgamentos, palavrões.

Além dessas violências que não deixam marcas visíveis, temos as que de fato seriam mais fáceis de se constatar, mas que muitas vezes não chega a ser denunciada, por conta dos mecanismos de repressão utilizados e aplicados através das violências psicológica e simbólica. Frases como “Ninguém acreditará em você” e “Foi sua culpa” é recorrente em campanhas que tentam combatê-las, pois são frases recorrentes nos relatos das vítimas. No tocante a nosso estudo e relativo ao tema violência sexual vamos nos valer da concepção dada por Osterne (2006) acerca do tema

Por violência sexual compreende-se todo ato ou jogo sexual, relação hetero ou homossexual, entre uma ou mais pessoas, praticado de maneira forçada, com níveis gradativos de

agressividade, com vistas a obtenção de prazer sexual pela via da força. As entidades de enfrentamento à violência contra a mulher, por exemplo, consideram que a violência sexual poderá ir dos atos sexuais que não agradam um (a) parceiro (a), da crítica ao desempenho sexual ou a prática de sexo quando cometida com sadismo, até o estupro seguido ou não de morte (OSTERNE, 2006. p. 20).

E como pudemos constatar através dos dados já apresentados nesse estudo acerca da violência sexual contra a criança, vimos que a imensa maioria dos casos acontece com parentes ou amigos da família dentro de suas residências ou na casa de parentes ou amigos próximos. Nesse caso podemos considerar que os casos no tocante a violência sexual contra a criança é um caso de violência doméstica, que segundo Osterne (2006), “acontece numa relação afetiva, cuja ruptura, na maioria das vezes, exige intervenção externa.” (OSTERNE, 2006. p. 23). Nesse caso podemos concluir que

Trata-se de um poder exercido entre homens e mulheres ou sobre os filhos, entre jovens e pessoas idosas, enfim, entre membros que mantêm vínculos familiares. Os agressores, portanto, podem ser encontrados entre qualquer uma das pessoas de convivência doméstica, no caso, pais, pai, mãe, filhos, padrasto ou madrasta, mulher, marido, avô, avó, tios etc. (OSTERNE, 2006. p.23).

A dominação do corpo do outro parece ser um dos motivos aparentes para essa violência, dominação esta que já vinha sendo discutida por Foucault (1979) ao afirmar que “não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o corpo dos indivíduos” (FOUCAULT, 1979. p. 146), assim essa materialidade investida sobre os corpos dos indivíduos nos parece ser exercida pela manutenção do poder operado pelo grupo dominante, no caso deste estudo dos homens sobre as mulheres, dos homens sobre as meninas, mais especificamente.

Dessa forma precisamos entender a violência contra a mulher como um fenômeno integrante da própria esfera social e que pertence ao problema de gênero vigente, principalmente na sociedade brasileira que será nosso objeto de estudo. Teremos de nos ater as relações de poder entre homens e mulheres articuladas em diversas dimensões que estarão expressas nas narrativas dessas mulheres que sofreram abuso sexual na infância. No próximo capítulo nos ateremos as narrativas e suas construções.

3 CAPÍTULO 3: NOSSO MODO DE CONTAR – AS NARRATIVAS DE VIDA E A NOSSA HISTÓRIA

Desde a mais tenra idade somos apresentados a histórias como modos de nos exortar, ensinar e encantar. Nossos pais, os pais de nossos pais passam de geração em geração as histórias que ouviram em suas infâncias sobre tradições, magia e ensinamentos ancestrais.

O ato de contar é algo que aprendemos desde cedo, narramos nossos dias na escola, criamos narrativas ao brincar, ouvimos narrativas todos os dias em diferentes estágios da vida. Quando pensamos em narrar nossas vidas, logo pensamos em diários que escrevemos desde a infância ou naquelas (auto)biografias que contam desde o nascimento até a morte de alguém. Com o advento das novas tecnologias as redes sociais tem ganhado cada vez mais espaço enquanto espaço de interação social, é o que afirma a nós será interessante verificar mais de perto como tem sido desenvolvido esse espaço na *web* como uma espécie de diário, antes de passarmos a examinar a narrativa de vida do modo como a abordaremos nesse estudo.

É inegável que nos últimos anos o ambiente virtual se tornou cada vez mais popular entre pessoas de todas as idades. Blogs, *instagram*, *Facebook*, e tantas outras redes sociais estão cada dia mais acessíveis e acessados, cujos limites estão cada vez mais expandidos através das conexões entre as próprias redes sociais, hoje já é possível publicar em mais de uma delas simultaneamente através de hiperlinks, o que permitiu que essas pessoas construíssem um legado de memória disponível a sua rede contatos, pois é um “Local onde se propagam eventos e memórias. Um espaço onde se faz possível “ter” e “ser”, seguindo as teclas e a tela do computador.” (RENDEIRO, 2011. p. 257) o que nos será de suma importância, pois trabalharemos com memórias de abusos sexuais sofridos na infância e compartilhados através de depoimentos nas redes sociais.

As redes sociais funcionam hoje como uma espécie de refúgio para aqueles que querem expressar suas memórias e revelar suas histórias, e é necessário frisar que ao se investir tanto tempo e emocional nessas redes elas acabam se tornando uma espécie de “braço” do mundo real e ao tratar de narrativas de vida colhidas em ambiente virtual, ou qualquer outro, é importante que ressaltemos que

Entre as experiências vividas por um sujeito e a narrativa dessas experiências se interpõe, necessariamente, um grande número de mediações. Concentrar a atenção sobre essas mediações

(percepções, memória, reflexividade do sujeito, sua capacidade narrativa, parâmetros da situação da entrevista, etc.) pode levar - e a posição “textualista” - à conclusão de que todo discurso autobiográfico, e por extensão toda narrativa de vida, seria apenas uma reconstrução subjetiva, sem nenhuma relação com a história realmente vivida (BERTAUX, 2010 .p.51.).

Dessa forma, as narrativas colhidas em ambiente, virtual, assim como qualquer outras, passam por um processo de subjetivação, através do qual não podemos alcançar a história realmente vivida, aquela que seria considerada real, pois a narrativa de vida em si já é uma organização do sujeito de sua experiência dentro do mundo social. Sobre isso Bruner (1997) afirma

Há uma deformação curiosa na acusação de que “o que as pessoas dizem não é necessariamente o que elas fazem”. Ela implica que o que as pessoas fazem é mais importante, mais “real”, do que o que elas dizem, ou que esta última categoria é importante apenas pelo que pode revelar a respeito da primeira (BRUNER, 1997, p. 26).

Assim, consideramos para esse estudo mais importante que concentrar nossos esforços nas mediações entre a história vivida e a história narrada, seria nos concentrar nos traços sociais, culturais e nas linhas de vida que se entrelaçam e são comuns a essas narrativas para compreender o fenômeno da intergeracionalidade e da narrativa de abuso sexual na infância. Para isso, iniciaremos por conceituar nossa abordagem sobre narrativa de vida.

3.1 A narrativa de vida e sua estrutura de abordagem

Essa é uma concepção mais geral, mas para os objetivos dessa pesquisa utilizaremos a concepção de Bertaux (2010) que conceitua a narrativa de vida como um ato de contar, ou seja, a partir do momento que um sujeito “conta a outra pessoa, pesquisador ou não, um episódio qualquer de sua experiência vivida.” o ato de narrar um pedaço de sua própria história a outrem, já é considerado nessa visão uma narrativa de vida.

Nessa visão mais minimalista de narrativa de vida, poderemos analisar com mais minúcia os mundos sociais formados pelos sujeitos, que dividem uma atividade específica, no caso, a infância. Sob essa perspectiva ficaremos atentos as lógicas próprias criadas por esse mundo social, o que não exclui que seja necessário no ato do contar outras formas de discurso já que é necessário ainda que se estruture a narrativa

delimitando personagens, descrevendo relações, contextos e interações e mesmo formulando julgamentos sobre as ações e os personagens (Bertaux,2010).

Contar é antes de mais nada um ato de ação humana, nos remetendo a ação humana comunicativa, e para que a comunicação ocorra, em seu sentido mais amplo, é pressuposto que haja um *eu* que se remete a um *tu*, que se inscreve em um espaço e um tempo essas estruturas serão analisadas em sua materialidade presentes nos enunciados. As categorias de pessoa, espaço e tempo serão essenciais para nosso estudo, pois elas irão reger nossas categorias de análise que serão apresentadas mais à frente.

A estrutura narrativa foi estudada por vários teóricos, mas optamos pelos estudos de Greimas (2014) que conceitua a geração do sentido em níveis que vão de uma instância mais elementar até o discurso propriamente dito, propondo duas concepções de narrativa que se complementam e que serão fundamentais em nosso estudo da materialidade das narrativas apresentadas no corpus.

A primeira delas está ligada a uma teoria da narratividade, concebendo a narrativa como um encadeamento de mudanças de estado entre um sujeito e um objeto. Elaborando, assim um enunciado elementar no qual existem sujeitos que estão em relação com objetos e é a partir dessa relação elementar que vamos organizar a narratividade.

A organização de mudanças de estado operada pelo fazer de um sujeito que age no mundo em busca de valores investidos nos objetos. Dentro dessa concepção, teremos dentro das narrativas dois tipos de relações: a de junção e de transformação. Sendo a primeira uma relação de estado entre sujeito e objeto e a segunda uma relação que transforma o estado em que o objeto se encontra com relação ao sujeito. Ora, podemos pensar em nosso contexto ao nos depararmos com uma mulher cuja infância foi transformada através de um abuso, que operou como agente transformador do estado em que a criança se encontrava.

Levando em consideração essa concepção elementar de operar as narrativas analisaremos essas mudanças de estado em um nível mais compreensivo, verificando quais são os objetos de desejo desses sujeitos e como essa mudança de estado foi operada ao longo da narrativa de vida.

Retomando o encadeamento de relações e transformações entre sujeito e objeto, podemos pensar em competência e performance, já que para um sujeito operar um fazer

é necessário que ele tenha competência para tal, que ele saiba e queira fazer, e que ao fazer ele obtenha um resultado. O que nos leva a segunda concepção de narrativa, ora se levamos em consideração que elementarmente temos um sujeito que está em relação com um objeto em sucessivos estados de transformações devemos levar em consideração que existem agentes que operam essas transformações e que tenham competência para tal e esses agentes são regidos por contratos, esses que são social e culturalmente dirigidos. Dentro dos enunciados criados pelos sujeitos, esses atores tomam forma e são figurativizados, pois esse sujeito que opera a transformação na materialidade do texto ele assume uma forma para cumprir esse papel.

Observando também a dimensão figurativa que esses sujeitos elaboram, vamos ressaltar quais os papéis figurativos esses sujeitos assumem dentro das narrativas apresentadas e como eles se relacionam nas operações formadas dentro das narrativas. Levando em conta que as escolhas feitas pelo sujeito que enuncia a narrativa não são por caso, mas fazem parte de uma estrutura imprimida ali pelo que chamamos de enunciação, que é uma instância pressuposta que se exprime através da materialidade do discurso fazendo uma ponte entre as estruturas narrativas elementares e o discurso já figurativizado (GREIMAS, 2014) teremos que analisar o enunciado levando em consideração outros fatores que influenciam nessas escolhas. Por ora, nos interessa entender a figurativização, e é dentro dessa figurativização dentro das estruturas discursivas que iremos estudar as categorias de pessoa, espaço e tempo, pois como já assumimos, é necessário que um eu se remeta a um tu ancorados em um determinado estado e tempo.

A categoria de pessoa em um primeiro momento nos deveria ser óbvia por se tratar de uma narrativa de vida que é concebida por um *eu* que conta sua história a um *tu*, mas veremos que não é bem assim, pois sob a vez desse “eu” há outras vozes que ressoam, o que foi denominado de polifonia (BARROS, 2005) e chamou a atenção para as várias vozes que ressoam no discurso. Essa categoria será analisada mais a frente, pois consideramos que a polifonia de vozes apresentadas no interior do discurso está ligada ao que Bertaux (2010) chama de mediações sendo essas subjetivas e culturais que se interpõem entre a vida vivida de modo “bruto” e sua narrativa. (BERTAUX, 2010. p. 51), voltaremos a ela mais a frente nessa pesquisa. Por ora, diremos que a categoria pessoal é o que ancora o texto em um espaço e um tempo.

O espaço não é muito estudado pela Linguística, porém devemos diferenciar primeiramente o espaço linguístico do espaço tópico. Ambos dizem respeito a localização em um determinado espaço e são simétricos e reversíveis, características que são inerentes a construção espacial, mas o espaço tópico é o que estabelece uma posição fixa em relação a um ponto de referência dentro do enunciado. Já o espaço linguístico é o espaço do “eu”, que se inscreve através do “aqui” no discurso, numa dimensão subjetiva. Esse espaço linguístico nos interessará por inscrever um “eu” e ancorá-lo em um determinado mundo social, que seriam comunidades que se organizam em torno de uma determinada atividade dentro da sociedade global (Bertaux, 2010).

Além dos espaços linguísticos para nós interessará o efeito de ambientação que provocará efeitos semânticos na narrativa. A semântica espacial revela muitas vezes reminiscências do ser humano, embora a sintaxe não se ocupe em produzir uma sintaxe espacial, mas uma espécie de ambientação, o que seria a ordem semântica da espacialidade. (FIORIN,1996) Para nós importará qual o investimento semântico aquela ambientação trará para a narrativa, a construção espacial então ganhará uma dimensão muito mais de investimento de valor, que de ancoragem espacial.

Quando pensamos nos aspectos temporais de uma narrativa, devemos colocar em perspectiva que “A narrativa de vida, como testemunho da experiência vivida traz, entre outras, a dimensão temporal, diacrônica, que é também a articulação concreta, na ação, de “fatores” e de mecanismos muito diversos” (BERTAUX,2010.p 31) É necessário lembrar que a narrativa exprime sucessões de ações, lembranças, reproduzidas em enunciados concatenados. A categoria temporal é de suma importância para a narrativa de vida, pois toda ação “se desdobra no tempo” (Bertaux, 2010.p30) e ao narrarmos algo, contamos o que sai de nossa memória, ou seja, um acontecimento que será ancorado em um tempo passado.

Ricoeur (1995) nos apresenta através dos estudos de Muller três tempos cuja diferença queremos chamar atenção, pois através deles poderemos identificá-los no enunciado

(...) o do contar, o do que é contado e, finalmente, o tempo da vida. O primeiro é o tempo cronológico: é um tempo de leitura mais do que de escrita; só se mede seu equivalente espacial que se conta em números de páginas e linhas. Quanto ao tempo narrado, é contado em anos, meses, dias e, eventualmente datado na própria obra. Por sua vez, procede por “compreensão” de um

tempo “economizado”, que não é narrativa, mas vida.”
(RICOEUR,1995. p.138)

Esse jogo entre o tempo do contar e o tempo contado podem ser expressos nas relações quantitativas de tempo e nas qualidades de tempo, a que se referem a vida. Toda narrativa é pautada em vivências temporais e é nesse jogo de linearidade ou falta dela que se desenvolve na memória é a que deveremos nos ater. O tempo cronológico para nós não será tão importante, pois “quando contamos, o que sai de nossa memória não é a realidade mesma (*res ipsae*), que não é mais, mas palavras nascidas das imagens que formamos dessas realidades(...)” (FIORIN,1996. p.129), assim o que para nós interessará é a “relação do tempo da narração com o tempo da vida através do tempo contado” (RICOEUR, 1995. p.136).

Esse tempo, não é linear e harmonioso, mas indica principalmente uma trajetória contínua, mas que apresentam ondas determinadas pela memória, pois experiências vividas são influenciadas por vários fatores dentre eles analisaremos o papel das relações familiares e interpessoais e as relações de poder estabelecidas dentro das narrativas de vida analisadas.

3.2 A narrativa de vida e a intergeracionalidade

A narrativa de vida conta a história de uma vida, antes de mais nada é necessário que façamos uma distinção entre a história real e a história que se conta, esta última como veremos perpassa pela subjetividade do sujeito que faz uma retrospectiva de sua vida passada em sua totalidade, a percepção e a avaliação dos sujeitos sobre sua própria história é cruzada pelas relações sociais construídas ao longo de sua vida, importância essa ressaltada por Bertaux (2010)

Não podemos compreender as ações de um sujeito, nem a própria produção dos sujeitos, se ignorarmos tudo sobre os grupos dos quais ele/ela fez parte em algum momento de sua existência. Seu próprio projeto de vida, decidido em certo momento de sua existência. Seu próprio projeto de vida, decidido em certo momento de sua existência, não foi elaborado *in abstracto* dentro de uma consciência isolada, mas foi falado, dialogado, construído, influenciado e negociado ao longo da vida em grupo.”
(BERTAUX, 2010. p.53)

Dentro dessas relações podemos destacar a que nos é apresentada desde a mais tenra idade, as relações intrafamiliares. Esses laços são formados por relações intersubjetivas permeadas pelas relações afetivas, morais e geradoras de sentido na vida de todos nós. Nosso principal objetivo no que se refere as relações intrafamiliares se dará

dentro da constatação que cada família coexiste em sua própria dinâmica, já que entre todas as famílias existem diferenças de classe, costumes, projetos, etc. Deveremos sob o olhar etnociológico compreender essas relações e estabelecer suas similaridades dentro de suas diferenças, já que disporemos de vários depoimentos do mesmo fenômeno, o abuso sexual na infância e cruzando-os, esperamos isolar “um núcleo *comum* às experiências” (BERTAUX, 2010. p.52).

Por ora, vamos nos focar na importância da esfera familiar na construção da narrativa de vida, já que é através dele que adquirimos *habitus*, aprendemos tradições, e é nesse ambiente que a maioria dos seres humanos estruturam suas personalidades, ou seja nas

(...) narrativas de vida – e os históricos de famílias procedendo por narrativas cruzadas, no âmbito de uma mesma família –, podem contribuir para o conhecimento sociográfico de formas e tipos de família relocalados em seus contextos sociais e sua época(...) (BERTAUX, 2010. p.55)

Em nosso estudo nos parece essencial compreender, então como essas narrativas são cruzadas, como essas relações intrafamiliares e arriscamos dizer entre várias gerações de uma mesma família se apresentam dentro das narrativas de vida com as quais vamos nos deparar, pois como mostramos em uma seção anterior desse estudo inicial a família tem papel elementar nos casos de abuso sexual na infância. Esse contato geracional intrafamiliar pauta a intergeracionalidade que abordaremos, ou seja, como as narrativas de diferentes gerações se cruzam, como essas vozes se comportam.

O contato com outras gerações e como elas se comportam diante de algumas situações, como defende Ferrigno (2006) “A construção social das gerações se concretiza através do estabelecimento de valores morais e expectativas de conduta para cada uma delas, em diferentes etapas da história.” (FERRIGNO, 2006. p. 67). Entendendo que as gerações estão em constante construção social e cultural e que aos mais velhos é designado o papel de ensinar as outras gerações memórias culturais, valores éticos através da construção, na maioria das vezes, de narrativas de vida (Ferrigno, 2016) miramos a construção dessas histórias.

Quando falamos na construção de uma narrativa, como já dissemos na seção anterior, nos parece oportuno falar das várias vozes que evocamos no discurso, pois “existe em nós um mundo muito maior do que aquele que desejamos acreditar, povoado

de muitas histórias latentes, implícitas.” (LANI-BAYLE, 2018. p.57) o que foi abordado por Lani-Bayle (2018) ao falar do sentimento de continuidade, uma espécie de transmissão geracional, que se origina na linhagem familiar a qual detém uma espécie de pré-texto.

Essa espécie de mensagem geracional traz sentimentos de continuidade e confiança ao sujeito, e potencializaria uma sequência a ser aprendida, o ser testemunha do que aconteceu. (LANI-BAYLE, 2018). Esse saber anterior é pautado muitas vezes pelo silêncio e pode ser acessado pela insciência que é o

(...) não saber que sabemos – um saber interior – o que se sabe mesmo estando proibidas as palavras ou faltando palavras para dizê-lo.(...) Ele constitui o nosso estoque de potencial, nosso alforge, o que não foi (ainda) conscientizado, explicitado com palavras. (LANI-BAYLE, 2018. p.56)

Nos é permitido, então afirmar que nosso saber acerca de nossa própria história se forma não só por nossas próprias experiências, mas que se mescla as mensagens intergeracionais deixadas em nossa insciência. Um saber, que muitas vezes é proibido por uma fronteira marcada por segredos principalmente no que diz respeito às crianças, que parecem estar na ponta mais protegida na cadeia geracional. Porém, mais uma vez o insciente age e sob um impulso a palavra nos surge. Podemos constatar que o efeito dos segredos na mensagem perpassada intergeracionalmente são nefastos e muitas vezes são causados por dissonâncias em nossa própria história. Podemos então assumir que cada um modelará sua narrativa ao seu “*saber não sabido*”,

Para esse estudo nos interessará saber como os sujeitos narram os “saberes não sabidos”, as mensagens geracionais secretas em suas experiências vividas e como essas relações intrafamiliares se organizam.

Mais especificamente a nós interessa a história de mulheres que foram abusadas na infância, antes de mais nada assumindo que há uma pressão existente para cada membro no seio familiar e que nos parece mais pesado para as mulheres quando colocado na balança de várias culturas e em vários meios sociais existentes nas sociedades, é o que exemplificou Bertaux (2010)

(...) levar em consideração a esfera familiar já é suficiente para compreender vários planos da existência das mulheres em muitas sociedades “tradicionais”, onde elas estão destinadas

exclusivamente à esfera dita doméstica aos seus trabalhos antroponômicos como mães, mas também fora, como avó, filha mais velha ou criada.” (BERTAUX, 2010. p.54)

Quando se trata então da mulher há latentes diferenças na esfera familiar e social, vemos culturalmente em nossa sociedade de caráter tradicional que a mulher assume todos os papéis atribuídos por Bertaux (2010). Culturalmente chamada de “sexo frágil” nos parece que as mulheres são oprimidas no seio familiar desde cedo, além do mecanismo de protecionismo infantil que já discutimos anteriormente, por ser considerada frágil desde seu nascimento, o papel da mulher já assume um papel delicado perante a sociedade.

Vamos passar então a observar mais de perto como essas relações de poder se organizam no seio familiar dentro do discurso e como a questão da sexualidade está implícita nas narrativas e como elas se organizam dentro do que foi proposto para esse estudo.

4 METODOLOGIA

Nessa seção discutiremos os procedimentos teórico-metodológicos utilizados nessa pesquisa, nos baseando na Teoria da Narratividade de Greimas (1979), na Análise de Narrativas de Vida proposta por Bertaux (2010), na Intergeracionalidade de Lani-Bayle (2018) e das discussões acerca das relações de poder de Van Dijk (2017). Também nos ocuparemos em caracterizar a pesquisa, delimitar o universo e a amostra. Por fim, nos ocuparemos em mostrar os procedimentos utilizados para coleta e análise de dados.

4.1 Caracterização da pesquisa

Segundo Bertaux (2010) quando falamos sobre narrativas de vida devemos nos apoiar na perspectiva etnosociológica, olhar por nós adotado nessa pesquisa por “estudar um objeto particular da realidade sócio- histórica; (...) de compreender como ele funciona e se transforma destacando as configurações de relações sociais, os mecanismos, os processos, as lógicas de ação que o caracterizam” (BERTAUX,2010,p.16)

Assim, realizamos uma pesquisa apoiada na pesquisa de campo, visto que construímos nosso objeto a partir de referências a problemas sociológicos, explorando situações da vida real, ao perceber o contexto em que essas situações ocorreram e formulando nossas hipóteses. Passando do particular para o geral, observando as narrativas dessas mulheres que foram abusadas na infância e como são as relações de poder estabelecidas nas narrativas de vida, adotando um caráter exploratório – descritivo.

Seguindo a trilha de Bertaux (2010) que orienta as narrativas de vida para uma

forma de *narrativas de prática em situação*, baseando-se na ideia central de que, através das práticas, pode-se começar a compreender os *contextos sociais* nos quais elas se inscrevem e que elas contribuem para reproduzir ou para transformar. (BERTAUX, 2010. p. 17)

Ou seja, adotamos um olhar no qual as narrativas são práticas em situação e expressam práticas que retratam as relações de poder inseridas em dado contexto social. Ressaltamos que os contextos sociais aqui, são apenas plano de fundo reprodutor ou transformador dessas relações e foram analisados a partir da materialidade apresentada nos textos e de nossos conhecimentos do campo estudado.

Levantamos através de observação ativa no universo de amostra escolhido variáveis para o entendimento do comportamento social do grupo tais como: estrutura

social, sistema de valores, estruturas formais utilizadas, meios para que o grupo cumpra suas metas, natureza das sanções que o grupo impõe, pois consideramos que estes são fatores fundamentais para as construções observadas durante nossa pesquisa. O que caracteriza uma pesquisa de caráter indutivo, pois

É esse o espírito da utilização das narrativas de vida em uma perspectiva etnosociológica: partir do particular para o geral, graças ao estabelecimento de relações entre casos particulares, do que eles contêm de dados factuais recolocado em ordem diacrônica, de indícios descritivos ou explicativos propostos pelos sujeitos, graças a descoberta de recorrências de um percurso de vida para o outro e à construção de conceitos e hipóteses sobre essas recorrências. Nessa perspectiva, a função dos dados não é a de verificar hipóteses elaboradas anteriormente, mas de ajudar na construção de um corpo de hipóteses. (BERTAUX, 2010. p.34)

Nosso principal objetivo nessa pesquisa é observar esse fenômeno de forma a preservar todos os participantes, para isso, nomes e fotos presentes nas amostras coletadas serão retirados e trocados durante sua análise por pseudônimos para garantir sua anonimidade. Por se tratar de dados coletados na internet através de comunidades específicas na rede social *Facebook* e serem dados abertos ao público termos de responsabilidade do conteúdo não serão necessários, mesmo assim tomamos medidas para preservar nossos indivíduos de pesquisa.

4.2 Delimitação do universo da amostra

Com o advento das redes sociais nos vemos mais conectados a um universo cada vez mais dinâmico, no qual compartilhamos anseios, dividimos conquistas e angústias com uma comunidade virtual, portanto para essa pesquisa utilizamos relatos postados em determinada comunidade virtual na rede social *Facebook*. A escolha dessa rede social se deu pelo alto índice de usuários no Brasil, esse número chegou a 127 milhões mensais só em 2017, sendo uma das principais redes sociais utilizadas no país sendo fonte rica de informações e narrativas.

A comunidade foi escolhida através de observação participante da pesquisadora que está inserida na rede social e acompanha a página escolhida, pois concordamos com Hine (2000) que afirma

O etnógrafo não é um simples voyeur ou um observador desengajado, mas é, em certo sentido, um participante compartilhando algumas das preocupações, emoções e

compromissos dos sujeitos pesquisados. Essa forma estendida depende também da interação (HINE, 2000. p 47).

Optamos por observar as postagens da página *Movimento Girassol* que contava com mais de seis mil curtidas e suas postagens eram voltadas para a união e ajuda a mulheres sobreviventes de abuso, seja ele sexual, psicológico ou físico, sendo desses o mais comum o abuso sexual. A página foi criada por uma mulher que sobreviveu a dois estupros, sendo um deles ainda na infância praticado por seu irmão e, através da dor, resolveu criar uma rede de apoio entre mulheres, onde se pudesse pedir ajuda de forma anônima, contar sua história de vida sem julgamentos. Através da página, milhares de mulheres vinham contando suas vivências. Infelizmente durante o decorrer dessa pesquisa a página foi deletada pela administradora sem maiores esclarecimentos, o andamento da pesquisa não foi prejudicado visto que já tínhamos material suficiente para análise.

Para melhor delimitar os depoimentos que foram analisados, elegemos apenas as narrativas de mulheres que sofreram abusos na infância e que traziam o título “*Relato de um Girassol*”. Fizemos essa escolha, baseado em uma pré-observação realizada na página durante o período de seis meses anteriores ao desenvolvimento da pesquisa, para garantir que os dados coletados continham relatos relevantes para nosso objetivo, visto que durante essa observação prévia foi constatado que haviam outras publicações sobre o tema abuso sexual publicados.

4.3 Procedimento de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada na rede social *Facebook*, na página do Movimento Girassol e contemplou o período de um ano, postagens realizadas de outubro de 2018 a outubro de 2019.

Por se tratar de uma pesquisa em ambiente virtual, utilizamos a ferramenta *Print Screen* do computador para a coleta das narrativas, em seguida esses dados foram salvos em uma pasta na rede de compartilhamento *Google Drive*.

Foram coletadas todas as postagens que relataram abuso sexual na infância e com o título “*Relatos de Um Girassol*” durante o período estipulado. Após isso fizemos uma primeira seleção nos dados de forma a identificar quais narrativas trazem construções narrativas acerca do abuso, com descrições precisas e gráficas dos abusos sofridos, ou

seja, quando a narradora relata o abuso sofrido diretamente, e quais apenas sugerem ou relatam o abuso sem entrar em detalhes. Essa seleção foi realizada para melhor catalogar o tratamento dos dados, pois acreditamos que essa separação contribuiu para a análise dos enunciados presentes no corpus, já que faremos uma análise da materialidade inscrita nas narrativas de vida, através de categorias que expressaremos a seguir.

Após essa primeira seleção esses dados foram posteriormente tratados, reproduzimos essas postagens retirando nomes e possíveis imagens de modo a preservar as identidades dos participantes e facilitar sua análise.

Os dados foram analisados de acordo com as categorias escolhidas e esmiuçadas na próxima seção.

4.4 Procedimento de análise de dados

A análise dos dados se deu em dois momentos, o primeiro compreendeu uma dimensão mais ampla e que contempla o social, as relações de poder envolvidas nas situações relatadas e como isso se expressa nas narrativas analisadas. Após essa primeira análise, que possui maior subjetividade por parte da pesquisadora envolvida na análise, entramos em um nível de análise semio – discursivo, no qual nos valem de questões que nortearão nossa análise e que foram categorizadas em dois níveis que compreendem uma dimensão pessoal e espacial.

4.4.1 Uma análise compreensiva

Não podemos isolar as narrativas de seu contexto social e das práticas comportamentais dos sujeitos que as constroem, assim como não podemos esperar que estes sujeitos descrevam em suas narrativas com clareza as práticas comportamentais e o contexto social no qual estão inseridos. Por isso, optamos por iniciar a análise fazendo uma varredura acerta dos contextos sociais e práticas comportamentais dos indivíduos construtores das narrativas utilizadas. Ressaltamos que não teremos acesso a totalidade de informações, pois o corpus possui informações não divulgadas até mesmo para nós, já que as narrativas são publicadas anonimamente na página escolhida, *Movimento Girassol*, na rede social *Facebook*, porém utilizamos as categorias de gráfica (descritiva) e não-gráfica (não-descritiva) a que os dados foram submetidos no primeiro tratamento dado durante a coleta, como descrevemos na seção anterior, separamos as narrativas coletadas

nessas duas categorias, optamos por trabalhar apenas com narrativas gráficas, ou seja, aquelas que trazem relatos de cenas ou acontecimentos do abuso sofrido.

Dessa forma coube a nós durante essa análise, além de identificar os investimentos de valores, identificar pistas que remetam a esse contexto social e as práticas que marcaram aquelas experiências.

Em nossa análise levamos em consideração e apontamos essas pistas, pois consideramos que esses mecanismos culturais têm uma relação que não é casual ou de correlação, mas uma relação de poder e é o que nos aponta Bertaux (2010)

Levando em conta a onipresença das relações de poder em nossas sociedades, pode-se esperar que o mundo social que se tenta compreender seja produto de atividades regulares e interações de certo número de categorias de agente/atores situados uns em relações aos outros em posições hierárquicas e funcionais diferentes. Essas posições serão caracterizadas por status, papéis, interesses, recursos para a ação, relações intersubjetivas de aliança e de oposição, margens de manobras específicas(...)" (BERTAUX,2010. p.34)

Nos ativemos a nosso conhecimento cultural e sensibilidade para essa observação, sendo nós também sujeitos participantes dessa comunidade. Assim como tentamos estabelecer nessa análise um olhar sobre as pistas deixadas nas narrativas acerca do contexto social e das relações intrafamiliares. Nessa primeira análise tratamos os dados prestando atenção a contornos que nem sempre estão explícitos, pois concordamos com Laine-Bayle (2018) cuja visão sobre o comportamento das narrativas intergeracionais guiará esse estudo, acerca do saber que não se sabe, a insciência, que nada mais é que a dimensão subjetiva da psique agindo sobre nossa própria história.

Após essa análise das narrativas de vida passamos para uma análise guiada pela materialidade do texto, que se deu em dois momentos, um semiótico-discursivo e outro acerca da temporalidade.

4.4.2 Uma análise semio-discursiva

Para essa análise optamos por nos debruçar nos dados com um olhar de viés semiótico discursivo, pois consideramos que esse olhar "(...) detecta, detrás das grandezas expressas no texto, valores de ordem actancial, modal, aspectual, temporal, numa palavra, valores de ordem tensiva mantendo – ou esboçando – entre si interações sintáticas."

(TATI, 2002. p.15). Optamos, porém por tratar do aspecto temporal separadamente, por se tratar de um aspecto da narrativa de vida que é tratado de forma diferente pela Semiótica Discursiva.

Em um primeiro momento organizamos as informações dispostas nas narrativas identificando categorias que regulam as interações pressupostas expressas na superfície. Ou seja, seguiremos algumas perguntas básicas para essa análise que serão expressas de acordo com as categorias abaixo:

a. Valores Actanciais

b. Valores Espaciais

O discurso está ligado às relações entre um *eu* que se relaciona com um *tu* em um determinado espaço e tempo. Sendo assim o sujeito “constrói o mundo enquanto objeto ao mesmo tempo em que constrói a si mesmo” (GREIMAS e COURTÉS, 1979.p.127). A discursivização é assim, o mecanismo que instaura a representação actancial, temporal e espacial nos enunciados.

Optamos por trabalhar com categorias que expressem valores, pois para nós interessará os investimentos semânticos que os sujeitos dão as figuras expressas nas narrativas de vida. Explicaremos a seguir como cada uma dessas categorias foi organizada dentro da análise proposta.

4.4.2.1 – Os Valores Actanciais

Os valores actanciais são de extrema importância para nossa pesquisa, pois tratamos diretamente com os sujeitos expressos nas narrativas e como eles estão figurativizados e relacionados com os objetos de valor. Os valores actanciais são amplamente estudados em seus mais diversos níveis de figurativização com base no percurso gerativo, para nós interessa, porém apenas as relações figurativas dos actantes com os objetos expressos nas narrativas de vida.

Na instância do nível narrativo, para Semiótica Discursiva, como já discutimos na seção anterior, há um encadeamento de sucessivas relações entre sujeitos e objetos, que são carregados de valores. Essas relações, que podem ser disjuntivas ou conjuntivas, são modificadas por performances operadas por sujeitos do fazer e pressupõem uma competência. Quando passamos de um nível a outro, esses sujeitos em relação com objetos passam a ser figurativizados em actantes que cumprem papéis temáticos dentro

das narrativas. Partindo desse pressuposto trabalhamos dentro dos textos analisados com as seguintes perguntas norteadoras:

- *Quais os atores presentes no texto? Quais os valores que eles expressam?*
- *Quais os papéis actanciais assumidos pelos atores dentro do texto?*
- *Quais são as relações estabelecidas entre esses atores dentro da narrativa de vida?*
- *Há uma relação de poder expressa entre os valores expressos por esses atores?*

Dessa forma, almejamos identificar no texto pistas que nos levem a perceber como esses atores e os valores investidos nos objetos expressos no texto analisado contribuem para a construção das relações de poder nas narrativas de vida analisadas.

4.4.2.2 – Os Valores Espaciais

Em um primeiro momento, podemos ressaltar que os valores espaciais são aspectos pouco estudados, mas para esse estudo consideramos que eles carregam grande importância, pois meditamos acerca do investimento semântico dado a eles pelos enunciadores avaliados no estudo. Devemos ressaltar aqui, que não se trata dos espaços citados, mas do que se chama *ambientação*, que são processos possíveis que criam na narrativa uma noção de ambiente (Lins,1976).

Compreendemos que essa ambientação nem sempre é um espaço expresso em um texto, mas um conjunto de representações que pode expressar pistas que nos revelem aspectos das relações de poder impostas pelas narrativas de vida analisadas.

Na construção de sentidos “a semântica espacial revela reminiscências arquetípicas do ser humano.” (FIORIN,2016. p. 258), dessa forma nessa categoria analisamos o investimento semântico dado aos espaços citados com as seguintes perguntas norteadoras:

- *Quais os espaços representados na narrativa? Quais os valores foram investidos neles?*
- *Como esses valores se relacionam semanticamente dentro da narrativa?*
- *Esses espaços investidos semanticamente atuam como base/cenário para a construção das relações de poder dentro das narrativas de vida? De que forma?*

Desta forma analisamos pistas dos investimentos de suporte a construção das relações de poder entre os sujeitos dentro das narrativas de vida analisados nesta pesquisa. Passamos para a última categoria analisada já que toda narrativa está ancorada além de em um espaço, em um tempo, optamos pela análise temporal voltada mais uma vez para a visão etnosociológica e intergeracional, pois observamos que essa visão é mais adequada para os objetivos desta pesquisa.

4.5 A questão temporal

É importante que nós ressaltemos a questão temporal nessa análise, pois “a dimensão temporal, *diacrônica*, que é também a articulação concreta na ação, de “fatores” e de mecanismos muito diversos.” (BERTAUX,2010. p.31) não é uma dimensão completamente linear e pode influenciar nas narrativas de vida, já que como já discutimos as linhas de vida são “contínuas, mas fazem ziguezague.” (BERTAUX,2010. p.49). A nós interessará que a cronologização nas narrativas se constrói apenas após o fato ocorrido através da ficção narrativa e que o inconsciente é atemporal (LANI-BAYLE,2018)

O caráter psíquico da temporalidade irá nos levar por caminhos que desembocarão na relação do tempo vivido e o tempo contado, diferença que já discutimos, mas que aqui irá nos guiar na análise das narrativas de vida e a questão da intergeracionalidade, também já discutida em capítulos anteriores, que traz as vozes de gerações anteriores as quais os sujeitos da pesquisa pertencem e que se manifestam através de contos, conselhos, lendas, costumes.

Nos guiaram as perguntas norteadoras acerca da temporalidade:

- *Quais são as pistas deixadas pelo enunciado acerca do tempo vivido pelo sujeito?*
- *A temporalidade expressa na narrativa de vida expressa alguma pista das vozes intergeracionais?*

Essa análise da temporalidade nos parece crucial para a compreensão da intergeracionalidade presente nas narrativas analisadas, pois ela nos guiará para as pistas materiais deixadas nos enunciados pelos sujeitos.

4.6 QUADRO METODOLOGICO SÍNTESE

METODOLOGIA	
PRIMEIRO MOMENTO: ANÁLISE COMPREENSIVA	
CATEGORIAS	PROCEDIMENTO DE ANÁLISE
<ul style="list-style-type: none"> • Características objetivas (descritivas) • Características subjetivas (não – descritivas) 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise compreensiva com o intuito de identificar as pistas deixadas nas narrativas acerca do contexto social e das relações intrafamiliares.
SEGUNDO MOMENTO: ANÁLISE SEMIO-DISCURSIVA	
CATEGORIAS	PROCEDIMENTO DE ANÁLISE
<ul style="list-style-type: none"> • Valores Actanciais: relações figurativas dos actantes com os objetos expressos nas narrativas de vida. 	<ul style="list-style-type: none"> • Perguntas norteadoras <ul style="list-style-type: none"> - <i>Quais os atores presentes no texto?</i> - <i>Quais os valores que eles expressam?</i> - <i>Quais os papéis actanciais assumidos pelos atores dentro do texto?</i> - <i>Quais são as relações estabelecidas entre esses atores dentro da narrativa de vida?</i> - <i>Há uma relação de poder expressa entre os valores expressos por esses atores?</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Valores Espaciais: nessa categoria analisamos o investimento semântico dado aos espaços citados 	<ul style="list-style-type: none"> • Perguntas norteadoras <ul style="list-style-type: none"> - <i>Quais os espaços representados na narrativa? Quais os valores foram investidos neles?</i> - <i>Como esses valores se relacionam semanticamente dentro da narrativa?</i> - <i>Esses espaços investidos semanticamente atuam como base/cenário para a construção das relações de poder dentro das narrativas de vida? De que forma?</i>
TERCEIRO MOMENTO: Análise da Questão Temporal	
CATEGORIAS	PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

<ul style="list-style-type: none">• Tempo narrado: tempo narrado na narrativa de vida, que é afetado pela memória.• Vozes intergeracionais: vozes de gerações anteriores, marcadas por lendas, contos, conselhos e costumes.	<ul style="list-style-type: none">• Perguntas norteadoras<ul style="list-style-type: none">- <i>Quais são as pistas deixadas pelo enunciado acerca do tempo narrado pelo sujeito?</i>- <i>A temporalidade expressa na narrativa de vida expressa alguma pista das vozes intergeracionais?</i>
---	---

5 ANÁLISE DE DADOS

A seguinte análise foi norteada pela metodologia proposta e explicada anteriormente, os relatos dispostos a seguir foram retirados da página de *Facebook* intitulada *Movimento Girassol*, todos os dados aqui dispostos são de cunho público, pois se encontravam disponíveis na rede social supracitada. Assim como todos os dados relativo à identidade dos sujeitos dos relatos são anônimos e não constam na página ou em nosso estudo.

5.1 – Análise da narrativa 1:

A seguir intercalaremos trechos do relato com observações acerca da narrativa apresentada. A cópia da postagem original está disponível no Anexo IV deste presente trabalho.

A narrativa 1 inicia nos mostrando a dinâmica familiar do sujeito, onde os pais se separam logo cedo e o núcleo familiar presente passa a ser os avós, os tios e tias e os primos.

“Nasci em outubro, meus pais se separaram depois disso.

Fui criada com minha mãe e às vezes saía com meu pai.

Quando comecei a ir a escola no primário, eu nunca conseguia ter coleguinhas, então eu tinha amigos imaginários.

No segundo ano, minha mãe resolveu se mudar para outra cidade em busca de trabalho e por ter se separado do meu padrasto; com isso fui morar com minha avó. Na casa da minha avó morávamos 3 tios, 2 tias, 1 prima, minha avó, meu irmão e 1 primo.

Nessa época eu tinha 8 anos.

E quando minha prima não saía para brincar com a vizinha (que tinha quase a mesma idade que ela, e elas eram amigas) ela brincava comigo no fundo do quintal nós brincávamos de casinha.”

Alguns indícios da situação cultural e socioeconômica em que o sujeito vivia durante seu relato. Passagens em que expressa que a mãe viajou para poder trabalhar e a deixou com a avó e os tios, indica que a situação da família é de classe baixa a média, mais tipicamente da classe média. Também temos indícios de uma família bastante tradicional em que a mãe cuida e brinca com os filhos, no caso da tia que brincava com a prima. Esses indícios podem ajudar a percebermos como a dinâmica familiar se desenrola dentro da narrativa e como essa dinâmica afetou o sujeito.

“Eu sempre fui uma criança só, e às vezes eu via minha tia brincando com minha prima e eu me perguntava: cadê minha mãe? E eu chorava escondido por ver minha tia brincar com minha prima e eu não.”

Durante o texto o sujeito fala sobre vários atores, sua mãe, avó, os tios, primos, as amigas da escola, seu pai. São atores que fazem parte do núcleo familiar e escolar do sujeito, cada um deles carrega um valor que parece estar embutido na narrativa. A mãe e o pai representam no início a falta, já que a mãe ausente a deixa na casa da avó, ela também expressa um sentimento de abandono e culpa ao se perguntar *“Jesus, o que eu fiz? Porque minha mãe não volta para casa? Ela não me ama?”*. Os valores religiosos presentes no texto também mostram mais uma face do relato, a criança procura no personagem Jesus a resposta a sua angústia, pois para ela tudo se resolveria se Jesus trouxesse de volta a mãe, que também assume aqui um papel de protetora.

Ao seguirmos a narrativa, veremos que o primeiro algoz do sujeito, aquele que assume o papel de uma espécie de vilão é o tio, que é o primeiro homem a estuprá-la.

“Comecei a perceber que meu tio me observava, e achei estranho, porém não falei nada. Depois de alguns tempos, fiquei sozinha com ele na cozinha e tínhamos um monte de cadeiras de fio. Eu estava sentada em uma e ele ao lado e do nada ele passa a mão na minha coxa e começa ir em direção a minha virilha, porém não chegou, pois minha tia tinha chegado e ele disfarçou e eu saí dali imediatamente.

No outro dia a noite ele me acorda à madrugada e lá começa todo o meu inferno.

*Ele me obriga a lhe mas**rbar e ele toca meu peito, e vai em direção a minha vag*. Ele começa a tocar e eu peço para parar e falo que estou com sono; volto a dormir.*

Depois de 3 dias, a madrugada acorda e eu estou lá, sobre a cama. Ele abaixa meu short e começa a tocar minha vag, enquanto isso estou abraçada com um travesseiro com os olhos bem fechados.*

*Sinto seus dedos dentro de mim, começo a sentir cada toque nojento dele, e de repente ele coloca o p**is dentro de mim. Eu não gritei, apenas senti uma lágrima no meu rosto enquanto sentia uma dor interna e intensa.*

Os movimentos de vai e vem eu sentia, sentia os pingos de suor, seu cheiro sobre mim. Era nojento.

Quando ele terminou, me disse que se eu contasse ele me bateria tanto eu iria ficar roxa e me mandou me lavar.

Chegando ao banheiro, eu olhei para minha calcinha e vi sangue e ainda estava saindo um pouco; eu pego papel higiênico e água, passo sobre minhas coxas e ali mesmo limpo minha calcinha.

Como eu não sabia o que fazer para estancar o sangue, enrolei minha calcinha com papel higiênico.

Quando cheguei no quarto, onde ele minha avó, outra pessoa que não lembro dormíamos estavam todos dormindo então fui para minha cama e me deitei e comecei a chorar sozinha, peguei no sono e dormi.”

A partir desse primeiro abuso poderemos perceber nos trechos subsequentes que o narrador demonstra o quanto essa quebra de confiança e a violência sofrida afetam seu psicológico e a maneira como se relaciona com os núcleos sociais que participa.

“Na escola, passei a viver mais escondida no banheiro e com meus amigos imaginários. As minhas noites daquele dia em diante se passaram deitadas com meu tio.

Houve uma vez que eu gostava muito de uma roupa florida e fui dormir com ela, na madrugada meu tio me acordou depois dele ter terminado tudo o que fez, fui me limpar novamente, comecei a odiar aquela roupa e ela estava toda suja de sêmen. Fui até o outro quarto, peguei outra roupa e me troquei, peguei aquela roupa que eu tanto amava e passei a odiar, não a lavei a única coisa que fiz foi colocá-la dentro de uma sacola e a escondi porque não consegui limpar todo sangue.

Depois eu me ajoelhei no chão e me lembro de todas as palavras:

Jesus, o que eu fiz? Porque minha mãe não volta para casa? Ela não me ama? Jesus eu quero uma mãe que brinca comigo, que brinca de casinha... Jesus me dá uma mãe, ou uma amiga por favor. Pai nosso[...] E comecei a rezar

Comecei a orar para que tudo passasse.

Meu pai me buscava às vezes e eu adorava sair com ele, ele era o melhor pai do mundo.

Minha mãe voltou, meu tio foi embora e eu também.

Minha vida passou e eu fui crescendo, meu cérebro não me fazia lembrar das maldades do meu tio.”

Os papéis assumidos por esses adultos, para o sujeito ainda criança é o de abandono, em relação a mãe e o pai, a violência, relativo ao tio, a negligência, os avós e a mãe e ao abandono, que é retratado na cena em que vê a tia brincando com a prima. A religiosidade expressa não só o abandono dos adultos, mas o abandono da inocência, que

como veremos nos trechos a seguir a abandona por completo por conta dos abusos sofridos.

“Depois disso aconteceu outro...

*Aos 10 anos, no fim da tarde, meu primo me perguntou o que era s*xo? Eu não sabia e ele me disse quando formos brincar de esconde- esconde.*

Eu idiota demais fui, fomos para as casas no fim da rua. Ele me contou e passou a mão sobre mim e fui saindo e ele disse que iria me mostrar eu disse não, ele disse que contaria para minha tia e ela bateria muito na gente, eu fui na dele.

*Me lembro bem da nojeira, ele apenas passava o p**is na minha bunda e mais nada.*

Eu queria sair dali mas eu não tinha a força dele e ele me segurou e eu falava pra ele que a mãe dele iria brigar, mas ele não se importava; eu deixei mais uma vez.

Aquele dia me lembrei do que meu tio fez comigo foi o primeiro flash do meu passado.

A roupa minha? eu fiz a mesma coisa, porém guardei apenas minha calcinha aquele dia, mais nada.

*Depois daquele dia descobri o que realmente era o s*xo.*

Peguei minhas roupas escondidas pensei em queimar tudo, mas eu guardei e pensei comigo que guardaria de lembrança, eu não sei mas meu coração pedia.

Minha vida passava e sempre que havia oportunidade meu primo pedia para voltar eu dizia que não, até que um dia eu disse a ele que contaria para minha tia e ele começou a parar de me perturbar. Foi um alívio.

Tive meu primeiro assédio.

Aos 11 anos o marido da minha tia estava do meu lado e ficava me olhando, ele tinha bebido duas doses de pinga.

Eu estava com meu pai, mas ele estava ocupado com outras coisa e não podia me levar e me deixou na casa onde estávamos.

Ele estava sentado do meu lado e estávamos numa mesa, minha tia estava do lado e foi ao banheiro e do nada ele começa a falar sobre sexualidade.

E passa a mão na minha coxa, simplesmente olho de cara feia para ele, bato na mesa e saio.

Me encho de coragem para contar para minha tia e vou quando conto para ela, ela diz para mim: ele não tem coragem de fazer isso não, e ele está bêbado, mas fica tranquila eu vou falar com ele e não precisa contar pro seu pai.

Eu me desanimei.”

Dentro da narrativa temos relações de poder estabelecidas entre o sujeito e cada um dos personagens citados, o tio e a família expressam esse poder com violência, física e psicológica, primeiro ao ameaçar “dar uma surra” e depois ao afirmar que tudo pelo qual a mãe do sujeito passava era por sua culpa. Todos esses fatores foram gerando no sujeito um sentimento de abandono, que culmina em um ciclo depressivo.

“No sétimo ano meu professor de ciências fala sobre abuso sexual.

Ele não especifica, eu procuro saber tudo e vou para a internet.

Comecei a ir para a escola em tempo integral, um professor foi se sentar ao meu lado, começou a conversar comigo e eu não estava só na sala de aula.

Ele começou a passar a mão sobre meu ombro e vindo entre meu pescoço, eu gritei com ele e sai da sala, fui para o banheiro e fiquei lá uns 20 minutos sentada olhando pro nada.

Aquilo para mim não foi um assédio mas começou a ficar estranho, depois eu disse para ele que se aquilo acontecesse de novo eu contaria para minha mãe, ele não se aproxima mais de mim.

*Depois daí minha vida desandou, entrei em um ciclo depressivo, eu odiava todo mundo, começou a vir flash do meu tio tr**sando comigo.”*

Em outro trecho, o sujeito reforça esse ciclo que culminou em um ciclo de violência conta ele mesmo.

“Comecei a ter mais crises a pegar agulhas e me esperar, persebi que precisava desabafar e fui a alguém que em toda minha vida, naquela época eu confiava, fui na minha diretora e iria confirmar o que um dia ela me perguntou sobre me cortar.”

Dentro da narrativa podemos perceber que esses dois núcleos são mantidos em separado, o primeiro sempre é usado para expressar sentimentos e situações ruins e o segundo como uma espécie de refúgio, no qual o sujeito que relata sua história consegue chegar a denunciar os abusos. Os espaços principais encontrados dentro dessa narrativa são a casa da família, primeiro a casa dos avós onde ocorrem os primeiros abusos sofridos e depois a casa da mãe e a escola, que aparece diretamente como um lugar seguro onde o sujeito encontra apoio.

“Nesta época eu saía para a diretoria para me distrair com minha diretora ela era legal e eu gostava muito dela.

No final de 2016 me afastei dela e tive minha primeira amiga virtual foi uma maravilha.

No oitavo ano tentei não demonstrar meus sentimentos, minhas amigas todas já se cortavam e as aulas de português eram as aulas onde eu me cortava.

No segundo semestre eu melhorei comecei a gostar da minha professora de português e das aulas dela.

As aulas dela me traziam alegria e comecei a me apaixonar pela matéria.

Em outubro, faríamos um teatro da sala mesmo.

Em setembro, meu tio estava na minha avó, estava todos na área da frente eu fui no fundo beber água e ele passou a mão na minha bunda e eu parei de ir na minha avó por isso.

Voltei a me cortar.

Dia 1/03 fui contar para a primeira pessoa o que estava acontecendo comigo. Minha professora, o anjo que salvou minha vida.

Eu comecei a contar para ela, mas não terminei, porém ela me entendeu, e foi a primeira pessoa que me apoiou.

Ela sabia que eu precisava dela, e eu pedia vários abraços e ela me dava. Os abraços dela foi meu ponto de apoio.”

Por se tratar de uma narrativa memorial, o tempo expresso está diretamente ligado a infância e não necessariamente a fase adulta, pois não temos acesso a idade do sujeito ao relatar os fatos, nos parece que os fatos narrados ao final do relato são recentes e por frisar “Hoje sou maior de idade” o sujeito deixa pistas de ser ainda bem jovem. O tempo narrado abarca anos, vai desde a infância e passa por toda a adolescência, trazendo relatos dos abusos que sofreu durante anos e o silêncio subsequente.

“Mais ou menos uns 2 meses comecei a fazer curso de inglês e eu ia pelo ônibus da faculdade para outra cidade pois a minha era pequena e não tinha cursos, e um amigo da família me viu na outra cidade.”

“Dia 9/07 eu disse sobre os abusos do meu tio, porém não quis falar muito. Passei um mês sem falar com ela e fui novamente contei sobre meu primo e sobre o amigo da família. No outro dia ela me chamou na sala dela e então eu iria mostrar as marcas no meu corpo, mas antes que eu começasse a falar ela disse que iria contar para minha mãe. Eu implorei a ela que não falasse, que ela não iria entender. Foi tudo em vão... Minha mãe contou para a família toda, meu irmão aquele dia disse que eu era culpada e me deu uns tapas, minhas tias olharam de cara feia para mim por um tempo.”

No caso relatado nessa primeira análise as vozes intergeracionais aparecem em dois momentos, o primeiro deles está impresso a incredulidade e a exortação que vem através do silenciamento e da atitude de tentar desacreditar a vítima, ambas as posturas condizem com anos de vozes de mulheres através das gerações que foram silenciadas e desacreditadas. O segundo momento é aquele no qual o sujeito passa por um momento de discriminação no qual os parentes o rejeitam e “olham feio” para ele, como podemos ver no trecho relatado abaixo.

“Minha mãe me obrigou a dizer tudo pro meu pai no dia dos pais. Eu contei para ele e pedi para meu pai não fazer uma besteira e ele me prometeu que não iria fazer, porém ele se afastou de mim completamente. Acho que ele teve vergonha.

Minha mãe adoeceu e eu fui a culpada de toda a doença dela, e minha família inteira dizendo que minha mãe estava sobre uma mesa de cirurgia entre a vida e a morte por minha culpa.

Minha amiga de sala não sabia o que estava acontecendo e tentava conversar com a diretora para saber o que estava acontecendo.

Eu e a diretora conversamos pela última vez pois ela disse a mim que talvez não tenha acontecido mais, meu chão caiu e eu precisava de provas.

Eu tinha uma amiga que morava na cidade grande e me disse que se eu quisesse ela me ajudaria com as provas que comprovariam.

Peguei minhas roupas que eu tanto odiei e levei como prova, peguei a última camisinha que aquele verme usou em mim e levei tudo.

Eu não consegui fazer todos os exames consciente, pois eu estava com medo e nada me acalmava, fiz alguns dos exames dopada.

Ela me buscava e levava, e eu usava o celular dela sempre pra filmar a gente.

Eu tenho todos os nossos vídeos que ela tentava me alegrar e na hora dos exames ela não me deixava triste para não me traumatizar.

Passei na psicóloga, na psiquiatra e na ginecologista. Ela fez de tudo para que conseguíssemos apenas as provas, mais nada eu fiz o KIT (nome dos exames que fazem como prova de um estupro).

Eu tenho uma cópia, e ela os originais.

Eu perdoei meu tio, perdoei meu primo, perdoei o amigo da família.

Eu sei quem por tudo que passei, eu deveria denunciar, mas eu não irei fazer isso pois não quero ser a culpada de ter colocados eles na cadeia.

Hoje eu não preciso que as pessoas digam que eu menti, que são coisas da minha cabeça pois eu tenho provas possíveis e tudo que eles me fizeram Deus irá cuidar de tudo.

Eu tenho sequelas por isso talvez terei que fazer tratamentos por causa do meu útero se eu quiser ter filhos, às vezes tenho crises, medo mas eu vou superar tudo isso e tudo que eu vivi.

Eu oro pela alma dessas pessoas, e digo a Deus que se eu perdoei ele também pode perdoar.

Hoje sou maior de idade e estou superando meu passado com tudo isso.

*Hoje eu e minha diretora não nos falamos mais, tento falar o mínimo possível sobre abusos, s*xo ou do tipo com minha família, e tento seguir minha vida.*

Essa é minha história e todas as pessoas que estão nela.”

5.2 – Análise da narrativa 2

A seguir temos a transcrição de uma postagem publicada na página Movimento Girassol, a cópia da postagem original está disponível no Anexo V deste presente trabalho. Vamos intercalar trechos dessa narrativa e observações acerca da narrativa.

“quero participar sofro com o passado há 26 anos

BOA tarde fui vítima de abuso sexual quando eu tinha acredito que tinha 5 anos de idade e nunca consegui ter uma vida normal

Me indetifico com os relatos de outras pessoas

Já comecei tratamento por alguma vezes mas não consigo ir adiante”

Ao iniciar sua narrativa o sujeito começa demonstrando sua afinidade com os outros relatos disponibilizados na página, o que gera uma aproximação entre o narrador e o leitor da página.

“Na verdade vou contar um pouco da minha história quando eu tinha uns 5 anos de idade meus tios mudaram para nossa cidade ele e irmão do meu pai e esposa dele e irmã da minha mãe e juntos com eles Véio 2 funcionários um certo dia eu muito pequena mas lembro como se fosse hoje todas as vezes que um dos funcionario saia chegava com balinha pipocas para nós éramos umas 6 crianças mas ele me tratava especial me

colocava no colo cuidava em especial de mim meus pais eram muitos pobres e saia para cultivar a roça todos os dias e ficávamos a sós

*Um certo dia dia me lembro dele falar que tinha muita coisas boa para mim e começou me passar a mão disse que isso seria nosso segredo e começou a compra bolachas boneca e aquilo para mim era fantástico mas um dia a noite MEUS pais saíram e deixou ele cuidando de nós ele me colocou no colo e começou a me pen**rar achei estranho por que começou a doer muito mas ele disse que tava tudo bem*

*E daí em diante começou meu pesadelo ele me aliciava sempre que tinha oportunidades ele dormia na mesma casa com todos como se fosse da família ele uns 35 anos e não era casado então eu uma criança que não sabia nada sobre s*xo passei ser a mulher dele um dia ele me pene**ou totalmente e doeu muito e saiu muito sangue fiquei desesperada ã sabia exatamente o que estava acontecendo e aí começou as ameaças se eu contassem para qualquer pessoa ele me matava*

Naquele tempo a gente costumava a limpar poço de água e tinha um na minha casa onde tinha 15 metros de profundidade e eu decia 1 vez por ano para limpar o poço numa corda ele falava que se eu falasse pra alguém ele soltaria a corda e me matava”

O trecho acima nos mostra alguns indícios da situação cultural e socioeconômica em que vivia durante seu relato. Passagens em que expressa que os pais saíam todos os dias para o roçado indica uma família cuja situação financeira era precária. Também temos indícios de uma família bastante tradicional em que o pai se mostra autoritário e como chefe da família toma as rédeas da situação, sendo por vezes violento, enquanto a mãe assume um papel submisso. Esses indícios podem ajudar a percebermos como a dinâmica familiar se desenrola dentro da narrativa, como podemos ver a seguir.

“Isso passou alguns anos e fui embora para cidade para estudar

Mas não me comportei muito bem na cidade eu era muito revoltada e rebelde

Meu pai me tirou da escola e me levou pra Fazenda pra trabalhar

Daí começo a segunda etapa do meu pesadelo

Quando voltei para casa pelo fato de desobedecer meu pai comprar fiado pra ele pagar o meu pesadelo foi total

Eu passei a fazer trabalho de pessoas adulta com 11 Anos trabalhar na roça cuidar do gado quebrar milho e sempre que tinha oportunidades esse mostro me abusava sexualmente as vezes era a força depois passei a aceitar

E deixar acontecer porque meu pai era tão cruel comigo

E minha mãe sempre muito submissa ã fazia nada

Um contei para meu pai que ele estava tentando me agarrar e meu pai disse que era mentira e que eu não prestava era uma vagabundagem não valia nada meu pai sempre me xingava de nomes feios

Fiquei desesperada como ia fazer eu já tinha 13 anos de idade e já sabia exatamente o que estava acontecendo não queria aquilo pra mim meu sonho era casar vestida de noiva então comecei a me dar conta que minha vida era uma locura”

A dinâmica familiar e o abandono emocional que o sujeito sente por parte dos pais que sempre tratam com violência e indiferença essa relação intrafamiliar parece contribuir para que as relações de poder se desenrolem dentro da narrativa.

“Com 15 anos conheci um homem na escola me apaixonei por ele

Ele tinha 17 anos mas velho

*Nós primeiros meses este homem era uma pessoa maravilhosa passei 4 meses namorado normal mas depois disso ele queria s*xo e eu falei pra ele que não era virgem no primeiro momento ele ficou muito nervoso disse que eu a enganei por não ter falado desde o início mas fui obrigado a falar do meu passado*

Em primeiro momento ele se mostrou comovido com toda minha história mas depois dessa revelação passamos ter uma vida de sexo como marido e mulher eu tinha 15 Anos

Um certo dia fomos pra Fazenda onde meus pais morava e chegando lá ele pediu meu pai que queria casar comigo não sei realmente qual foi a intensão do meu pai mas ele perguntou se era isso mesmo que ele queria por que eu era de personalidade muito forte e não valia nada mas se ele quisesse podia me levar embora naquele dia mas uma vez passei a Odiar meu próprio pai pelas referências que ele tinha dado de mim

Não fui morar com este homem no mesmo dia mas 1 semana depois ele voltou e me levou pra morar com ele

Eu estudava e me recusei de parar de estudar daí começou as brigas 3 meses depois que estávamos morando juntos ele começou me bater por causa de ciúmes

Logo após me agredir fisicamente ele me obrigava a fazer sexo com ele

Fiquei grávida com 16 anos tive meu primeiro filho e com 17 tive meu segundo filho

A convivência era muito difícil arrumei um trabalho e me envolvi com um colega de trabalho ele descobriu aí que as coisas piorou

Não me lembro de ter um dia que ã era agredida ele me abusava e perguntava se era assim que o abusador fazia comigo

Tive coragem depois de uma agressão física e chamei a polícia para ele

Mas ele fugiu depois disso nós separamos depois de 6 anos morando juntos

Graças a Deus tive força para não voltar atrás”

As relações de poder expressas entre os sujeitos que participam dessa narrativa estão expressas principalmente dos atos de violência. O pai, o agressor, o marido sempre figuras masculinas que detêm o poder de machucar, de silenciar, de mandar para outro lugar, ou seja de modificar o destino da vítima, em contrapartida temos o personagem do amigo que é citado apenas uma vez que no contexto é uma espécie de salvador que fornece refúgio. As personagens femininas estão sempre em desvantagem em relação aos

personagens masculinos, são submissas e quando tentam se rebelar sofrem as consequências deste comportamento.

“Mas agora vivo a meio um pesadelo casei com uma pessoa maravilhosa temos uma filha de 8 anos ela é linda nós primeiro 4 anos eu era louca por ele mas meu sonho era casar na igreja

E ele SEMPRE falava que não precisava que isso não era importante com o passar do tempo fui ficando desiludida a ponto de não sentir desejo pelo meu marido

E agora para piorar a situação voltei a morar onde nasci e minha família toda mora aqui há 2 meses atrás dei de cara com o homem que abusou de mim por muito tempo acabo vendo ele na rua quase toda semana o passado todo voltou a bater na minha porta já não sei o que fazer TENHO pesadelo todas as noites

Já senti muita vontade de matar aquele homem

Mas tenho consciência que se fizer isso vou perder pela segunda vez não sei o que fazer

Já tive a ponto de pensar em suicídio as vezes tenho nojo de mim mesma não me sinto bonita muito menos feminina existe uma angústia tão grande que não estou conseguindo superar tudo isso sozinha Fiquei

Por favor girassol me ajude”

No trecho acima podemos verificar o fim da narrativa, onde apesar de conviver com relações cuja sua fragilidade era explorada, o sujeito conseguiu certo grau de contentamento, mesmo que ainda não tenha conseguido superar a violência sofrida.

Quanto aos espaços citados na narrativa, temos uma ambientação rural, na qual mais especificamente o núcleo se encontra em uma fazenda, onde o sujeito que narra, os pais e o agressor trabalham. Além disso, o narrador nos apresenta outros lugares como a cidade onde foi para estudar e para onde fugiu. Esses espaços parecem se contrapor como um lugar de sofrimento e rancor, o ambiente rural, e um local que inicialmente representa uma espécie de redenção, o ambiente urbano.

O tempo na narrativa está expresso através da idade do sujeito narrador, desde seu primeiro abuso, até a ida para a escola, quando fugiu e o momento que engravida. As passagens de tempo são expressas através dessas expressões.

As vozes intergeracionais parecem ser expressas através do silêncio, a mãe submissa que ficava em silêncio, a filha que ficou em silêncio por vários anos, até criar coragem para sair do primeiro casamento.

5.3 – Análise da narrativa 3

A seguir temos a transcrição de uma postagem publicada na página Movimento Girassol, a cópia da postagem original está disponível no Anexo VI deste presente trabalho. Durante essa análise vamos intercalar o texto transcrito com observações acerca dele.

AVISO: Este relato contém descrição detalhada de violência sexual.

*

*

*

Relato de uma Girassol

Olá Girassóis !! 

Eu,finalmente criei coragem de vir aqui contar a minha história,na verdade eu gostaria de não lembrar nunca mais,mas isso se torna impossível para um sobrevivente.

Primeiro quero dizer que uma parte da minha vida apagou e eu não consigo de forma alguma me recordar,temo muito do que possa ter acontecido nesse meio,mas enfim,estou viva!!

Nesse primeiro parágrafo percebemos que a narradora faz uma ressalva acerca de sua própria memória, que pode ser falha, pois “boa parte da vida apagou” podemos supor que essas lembranças foram suprimidas já que ela afirma que “gostaria de não lembrar”. Esses fatos evidenciam uma profunda dor do sujeito em contar sua própria história, nos parece que ao contá-la e lembrar dos fatos aquilo se torna algo do qual o sujeito não quer se apropriar.

A minha infância foi muito dura,passei muitas necessidades,meus pais tinham muitos filhos,e muitas das vezes faltava o básico para o nosso sustento,pra ter uma ideia eu sou

a sétima de 9 filhos,foi muito difícil,minha mãe sempre muito cuidadosa porém muito ocupada com os afazeres e com o meu pai que bebia muito,presenciei muitas agressões a ela,um lar sofrido.

A narrativa expressa pelo sujeito nos mostra alguns indícios da situação cultural e socioeconômica em que vivia durante seu relato. Passagens em que expressa que os pais tinham muitos filhos e que por isso viviam em um lar de instabilidade financeira. Também temos indícios de um lar violento quando o sujeito aponta “o meu pai que bebia muito,presenciei muitas agressões a ela,um lar sofrido” Esses indícios podem ajudar a percebermos como a dinâmica familiar se desenrola dentro da narrativa.

Durante o texto o sujeito fala sobre vários atores os pais, as irmãs, o primo. São atores que fazem parte do núcleo familiar do sujeito, cada um deles carrega um valor que parece estar embutido na narrativa. Os papéis adquiridos pelos parentes podem ser separados em dois núcleos, o dos pais e irmãs cujo papel é diminuto na narrativa, apenas a irmã aparece preocupada com o que aconteceu e o do algoz que foi o primo,poderemos constatar nos parágrafos abaixo.

*Por volta dos 7 ou 9 anos (não me recordo o certo) eu brincava com minhas primas no quintal da casa de uma delas,uma das minhas irmãs mais velhas estavam por perto,me recordo a roupa que eu usava,uma saia rodada,rosa florida e uma blusinha regata branca,eu era bem pequena,e eis que aconteceu,eis que fui ESTUPRADA pelo meu primo. Lembro que eu fui até o riacho pegar água pra brincadeiras,sempre botavam a menor pra fazer isso,chegando lá ele estava,me pegou no colo,ele era de estatura alta,não sei a idade,acho que uns 15 anos talvez,e ali aconteceu,me pegou a força,me ameaçou caso gritasse,ficou de joelhos e me pen**rou ao mesmo tempo ele falava que eu ia gostar,que aquilo era muito bom,e pedia pra eu responder que sim,que eu estava gostando.Eu nunca tinha visto um p*nis na minha vida,e ele fez,eja**lou em mim,me mostrando tudo,minha cabeça deu um nó,parecia um pesadelo,aqueles foram momentos de tortura,eu pedi chorando pra que me soltasse,que estava doendo que deixasse eu ir embora mas não,ele me estuprou aos 7 anos de idade.*

Antes de ir embora ele me ameaçou se eu contasse ia falar que eu chamei ele pra ir,que eu fiquei pedindo,que ia fazer outra vez,que minha mãe ia me bater com essa coisa feia que eu fiz,dali ele entrou no mato e ordenou que eu voltasse,voltei toda suja,algumas manchas de sangue na calcinha e eu anestesiada.

Ao voltar para o quintal ele havia acabado de chegar ,minha irmã chegou a perguntar pq demorei tanto,se ele tinha feito algo comigo,eu respondi que não,estava tudo bem.

Os dias se passaram eu cada dia mais assustada,o medo dele me dominou eu já não brincava mais como antes.

*Até que um dia,lembro da minha mãe se queixando de dores e me pediu pra ir até a farmácia comprar uma dipirona,haviam 2 caminhos,o que passava frente a casa dele e um outro que passava bem longe porém um pouco deserto,e adivinhem que eu escolhi o mais deserto que era mais perto e ele não poderia me ver,inocência,quando eu estava voltando sempre muito apressada,eu corria muito,lembro de muitas vezes ficar ofegante,corria sem olhar pra trás,e antes de eu começar a maratona ele já estava ali,sentado nos escombros de uma casa velha,me esperando como uma fera faminta,eu perdi o meu chão,já fui chorando pedindo pra não fazer nada comigo,ele me puxou pelo braço tão pequeno e indefeso e começou me tocar nas mesquinhas aonde ainda iriam nascer meus seio,sim eram apenas marquinhas,começou beijar minha boca,falando que era meu namorado,que nojo que eu sinto,e graças a Deus eu não me pe**trou,me soltou falando que depois voltava e eu saí dali com tanto desespero correndo cheia de culpa por ter pego aquele caminho esquisito.*

Os papéis assumidos por esses adultos, para o sujeito ainda criança é o de abandono e negligência, em relação a mãe e o pai, que é expresso e justificado por ser uma família com muitos membros e que passava com grande dificuldade e a violência, relativo ao primo.

Dentro da narrativa temos relações de poder estabelecidas entre o sujeito e cada um dos personagens citados, o primo e a família expressam esse poder com violência, física e psicológica, primeiro ao ameaçar “dar uma surra” e depois ao relato do sujeito do lar violento, pois o pai bebia e agredia a mãe, como pudemos ver nos trechos acima.

Por se tratar de uma narrativa memorial, o tempo expresso está diretamente ligado a infância e não necessariamente a fase adulta, pois não temos acesso a idade do sujeito ao relatar os fatos, não temos pistas da idade atual do sujeito, mas o tempo narrado abarca anos, vai desde a infância e passa pela adolescência, trazendo relatos de dois abusos que sofreu por parte do primo.

Percebemos uma pista das vozes intergeracionais através do papel exercido pela irmã, que ao perceber que o sujeito não estava bem pergunta se o primo fez algo com ela,

talvez um indício de que poderia vir a aconselhá-la ou ouvir o que o sujeito tem para relatar por sua própria experiência passada. Porém só pudemos ver isso por um breve momento já que o sujeito não expressa com clareza qual o objetivo da irmã ao fazer aquela pergunta.

Continuarei em uma outra oportunidade,teve muito mais...

Deus abençoe a vida cada um de vocês.

Por fim, podemos perceber que apesar de assegurar que o leitor tenha acesso a muitos detalhes sobre os abusos sofridos, o sujeito fecha o texto nos avisando que ainda há muito mais a ser dito. A religiosidade mais uma vez presente fecha o texto com uma benção.

5.4 – Análise da narrativa 4

A seguir temos a transcrição de uma postagem publicada na página Movimento Girassol, a cópia da postagem original está disponível no Anexo VII deste presente trabalho. Durante a análise vamos intercalar a transcrição do texto com observações.

Relato de uma Girassol

Sigo a página há mais de um ano mas nunca consegui contar minha história, talvez por medo, insegurança... mas também porque acho que nunca vou conseguir externar direito tudo que sinto. Enfim, vamos lá...

Nesse primeiro momento podemos ver que o sujeito ressalta a importância da página, pois já acompanha as postagens “há mais de um ano” sem ter coragem de contar sua história, mesmo assim incentivada pela página o sujeito acaba por tentar externar suas memórias.

A narrativa expressa pelo sujeito nos mostra alguns indícios da situação cultural e socioeconômica em que vivia durante seu relato. O próprio sujeito afirma que sua família é “*estruturada*” que vem de um bairro considerado “*bom*”, que sempre teve conforto e estudou nos melhores colégios. O que nos mostra que a situação cultural e econômica da família em questão era boa, o que para todos os aspectos conhecidos pelo senso comum seria uma família tradicional de classe média ou alta, como podemos ver nos trechos abaixo.

Minha família é “estruturada”, nas aparências. Moro em uma cidade boa, num bairro bom, numa casa boa, sempre frequentei os melhores colégios, nunca me faltou nada. Quando era criança minha mãe perdeu minha guarda na justiça por conta de problemas de alcoolismo. E fui morar com meu pai. Enquanto morei lá, me tornei muito próxima do meu irmão, ele sempre foi o queridinho da família, até que ele me abusou. Até hoje não entendo o que eu sentia, pq eu sabia que era errado, mas não fazia nada pra ele parar.

Durante o texto o sujeito fala sobre vários atores, sua mãe, o pai, o irmão, a miga da escola. São atores que fazem parte do núcleo familiar e escolar do sujeito, cada um deles carrega um valor que parece estar embutido na narrativa. A mãe representa no início a falta, já que a mãe ausente por conta do alcoolismo a deixa na casa do pai. De início a casa do pai lhe parece um lugar de acolhimento, já que ela expressa que por morar lá se tornou mais próxima do irmão.

Com 11 anos, contei isso pra uma amiguinha da escola, a mesma ligou pra mãe dela, que ligou pro colégio, e logo todo mundo ficou sabendo. Meu pai me acusou de querer machucar a pessoa que ele mais ama, todo mundo descreditou de mim, me castigaram em casa, na escola fiquei com “fama”...

E aí, com 12 anos, meu pai começou a abusar de mim também... Dessa vez eu não contei pra ninguém, apenas resolvi voltar a morar com a minha mãe.

Com 15 anos visitei meu pai novamente e ele tentou de novo, e eu saí do quarto dele e me tranquei no meu. Foi quando caiu a ficha... ele sabia que era verdade o que meu irmão fez, e resolveu fazer também... como ele me via? O que ele pensa que eu sou?

Passei da garota exemplar pra adolescente desvirtuada, comecei a fumar, reprovei diversas vezes, hoje em dia não vivo sem beber toda semana, por muitas vezes me vejo aceitando coisas e pessoas que são tão pouco pra mim, já transei com mais de 30 homens... Minha relação com eles é “boa”, ninguém sabe o que aconteceu, então na aparência de família perfeita a gente permanece... Em 2015 tentei me matar, mas consegui superar isso. Não consigo olhar pra homens perto de mulheres sem desconfiar de algo a mais, não consigo me ver fazendo algo que não seja ajudar pessoas... Ontem me indicaram a série “inacreditável”, na Netflix. Achei que conseguiria ver, porque as vezes eu sinto como se eu não fosse a mesma pessoa que passou por essas coisas que me aconteceram... mas foi um gatilho absurdo e precisei vir aqui desabafar. Queria agradecer pela existência dessa página, ela já me ajudou em diversos momentos, e o

Girassol se tornou minha flor favorita. Só queria não ter tanto medo do meu irmão e sua esposa terem uma filha.

.....
Ao seguirmos a narrativa, veremos que uma espécie de contradição muito comum a pessoas que sofrem abuso sexual na infância, a narradora se coloca também como sujeito atuante e participativo nos abusos, expressa sentimento de culpa por não parar o irmão durante os atos. Os papéis assumidos por esses adultos, para o sujeito ainda criança é o de abandono, castigo, violência e até mesmo culpa. Ela a todo momento se coloca culpada por ter contado para a amiguinha, que acionou a escola, por não ter parado o irmão, pelo pai também ter abusado dela.

Dentro da narrativa temos relações de poder estabelecidas entre o sujeito e cada um dos personagens citados, tanto que essa relação gera uma espécie de dependência punitiva, a narradora expressa que bebe toda semana, leva uma vida desregrada, reprovou nos estudos por várias vezes, dormiu com vários homens e chegou a tentar cometer suicídio.

O sujeito tem dois núcleos principais de relação, com a família, que abarca mãe, pai, mãe e o irmão, este é o mais nocivo, pois está diretamente ligado a negligência, abandono, violência e ao sentimento de culpa da narradora pelo abuso sofrido. E o núcleo escolar que seriam professores, a diretora, colegas e amigos da escola que representam dentro da narrativa mais uma forma de punição ao qual a narradora foi submetida. A escola quando notificada do que ocorreu parece ter se tornado mais um lugar punitivo que de acolhimento para a narradora que afirma que ficou com “fama”.

Dentro da narrativa podemos perceber que esses dois núcleos são muito similares do ponto de vista da função emocional que exercem na vida da narradora, que é o da punição. Os espaços principais encontrados dentro dessa narrativa são a casa do pai e a escola, o primeiro onde os abusos ocorreram e o segundo onde a narradora seguiu sendo punida.

Por se tratar de uma narrativa memorial, o tempo expresso está diretamente ligado a infância e em como ela se refletiu na fase adulta. O tempo narrado abarca anos, vai desde a infância e passa por toda a adolescência, e as implicações dos abusos durante elas e logo depois na fase adulta.

No caso relatado nessa primeira análise as vozes intergeracionais aparecem especialmente na fala da própria narradora ao dizer que não consegue olhar para um pai

e uma filha sem desconfiar, ali ela está utilizando da voz de sua experiência para expressar uma preocupação.

5.5- Análise da narrativa 5

A seguir temos a transcrição de uma postagem publicada na página Movimento Girassol, a cópia da postagem original está disponível no Anexo VIII deste presente trabalho. Como nas análises anteriores, vamos intercalar trechos da transcrição com observações.

Relato de uma Girassol

olá Boa noite, tudo bem?

Me chamo Girassol (Sigilo) , tenho 37 anos e um filho de 10.

Me lembro como se fosse hoje, uma noite pouco fria meu abusador (Pai) foi me buscar pra irmos pra nossa casa onde iriamos morar juntos, eu ele e minha mãe, eu tinha apenas 6 anos. Minha mae trabalhava em casa de família numa casa boa até, eu me lembro, me tratavam bem e me levavam pra sair. Porem ela deu uma chance ao meu pai que bebia demais mas deu, naquela noite ele passou de carro no trabalho dela e me levou pra dormir na casa nova, la só tinha o colchão e o fogão.

Nesse primeiro trecho vemos que o sujeito nos assegura que sua memória dos fatos é bem precisa, pois “*lembro como se fosse hoje*”, assim levando o autor para um contrato de confiabilidade.

A narradora não deixa indícios explícitos da situação econômica familiar, porém deixa expresso que a família segue o padrão dos pais casados, que cuidam dos filhos.

Durante o texto o sujeito fala sobre vários atores, sua mãe, pai, os primos, os amigos. São atores que fazem parte do núcleo familiar, escolar e da vizinhança do sujeito, cada um deles carrega um valor que parece estar embutido na narrativa. A mãe e o pai representam a negligência, o abuso e a violência, que também aparece representada pelos primos e colegas, já que a narradora conta vários episódios de abuso.

Ao seguirmos a narrativa, veremos que o primeiro algoz do sujeito, aquele que assume o papel de uma espécie de vilão é o pai, que é o primeiro homem a estupra-la. Os papéis assumidos por esses adultos, para o sujeito ainda criança é o de abandono, em relação a mãe e o pai, os primos e amigos a violência. Um ator que aparece muito e que tem o papel de redenção, aquele que faz com que a narradora seja uma pessoa melhor, é o filho dela, como vemos no trecho abaixo.

Peguei no sono, e então...

Senti ele mexendo em mim, me tocando...

*quando vi ele estava em movimentos vai e vem (sem pen**ração) eu e silêncio nao falei nada. Ele terminou e dormiu, fui me limpar estava Suja!*

Pela manhã ele fingiu que nada tinha acontecido e me deixou no quintal onde morava uma irma dele...

Fiquei brincando sem tomar banho, eu nao entendia nada do que ele fez, porem eu nao queria falar pra ninguem sobre aquilo.

Miinha mãe chegou a tarde e me deu banho e nao percebeu nada, ali ficamos uns meses morando junto, ate que ele me abusou de novo no meio da tarde e eu mais uma vez em silêncio.

Em meio ao tumulto e varios abusos naquele meio tempo, eu ja havia rodado na mão dos meninos maiores da rua, eles me puxavam pra qualquer canto e passavam a mão e eu sempre em silêncio, voltava pra casa.

Minha mae largou dele, achei que seria o fim...

ok, por algum tempo.

Voltaram de novo e pah, ele fazia oral em mim 🤢 com aquele bafo de cachaça.

E sempre botando a banca em casa.

segui mais alguns abusos ate que se separaram de vez, mas nesse meio tempo juntos que ficaram, fui abusada tb pelos meus primos que se esfregavam em mim, primos PATERNOS, e meninos que nao lembro de onde eram, parecia que ele falava pra esses: vai la, pode ir, é fácil e ela nao fala nada!!!

Passou uns anos, eu ja tinha meus 11 anos quando cheguei da escola e minha mae avisou que ele havia morrido, eu nao soltei uma lagrima se quer, nao falei nada e segui em Paz. Nao queria ver ninguem da família dele.

Aos 16 tive o primeiro surto de nervoso com minha tia Materna que falou merda pra minha mae e eu nao gostei, de lá pra ca nao calei mais a boca pra ninguém.

Me tornei arredia, bocuda, falava na lata, briguenta e nem eu me entendia.

Nunca usei nada de cigarro e bebidas, isso me deixa pessima.

Dos 17 aos 27 anos eu saia com varios, nao me dava valor, queria ser usada mesmo, afinal eu havia nascido pra isso.

Só fui soltar tudo isso aos 21 anos pra minha mãe numa briga, ela nao teve reação, alias ate hoje, ela finge que nao aconteceu, pq DÓI MAIS NELA que em mim.

Casei e me separei, tive meu filho.

O pai é um lixo que espalhou minha historia aos amigos dele, mais uma vez fui exposta.

Hj tenho alguem que cuida de mim e do meu filho, nao consegui me formar, pois nao consigo terminar nada, tenho varios gatilhos presos, ora to bem, ora não.

Mas sempre em pé pois hj tenho meu filho.

Eu sigo, sem entender pq nasci pra ser abusada tão cedo por quem deveria me proteger.

Não sei, sei que isso pesa, dói, e tem dias que as lágrimas caem...

Tem dias que eu esqueço e outros eu lembro.

Tem dias que é FOD@ e outros BEM FOD@.

É isso.

Dentro da narrativa temos relações de poder estabelecidas entre o sujeito e cada um dos personagens citados, o pai e a família expressam esse poder com violência, física e psicológica, por conta do silêncio imposto a ela e aos abusos físicos sofridos durante o período que estava vivendo com a família.

O sujeito tem dois núcleos principais de relação, com a família, que abarca mãe, pai e primos, os amigos e mais tarde o ex-marido que a assediaram e estupraram, este é o mais nocivo, pois está diretamente ligado a negligência, abandono este que se dá também pela própria narradora, violência. E o núcleo que seria seu redentor, que abarca o filho, personagem que tem um papel importante nessa narrativa para a intergeracionalidade.

Os espaços principais encontrados dentro dessa narrativa são a casa da família, onde ocorrem os abusos e a rua onde a narradora também sofre abusos.

Por se tratar de uma narrativa memorial, o tempo expresso está diretamente ligado à infância e não necessariamente à fase adulta, a autora marca sua idade atual, 37 anos, e quando os abusos começaram e o marco de quando foi estuprada por outras pessoas além do pai. O tempo narrado abarca anos, vai desde a infância e passa por toda a adolescência, trazendo relatos dos abusos que sofreu durante anos e o silêncio subsequente.

No caso relatado nessa primeira análise as vozes intergeracionais aparecem sempre ligadas ao filho, a narrativa se expressa exortadora, uma “lição” daquilo que ela quer passar ao filho por quem nutre profundo amor.

5. 6 -Analisando mais de perto os dados

Após o apanhado que fizemos acima sobre as narrativas analisadas, passaremos para uma análise da materialidade linguística expressa nos textos respondendo a algumas perguntas norteadoras presentes na metodologia desse trabalho, que serão retomadas a seguir para que possamos analisar melhor alguns dos dados encontrados e relacioná-los com os teóricos e teorias utilizados no trabalho.

5. 6. 1 – A estrutura narrativa

Observamos como as narrativas são estruturadas pelos sujeitos e percebemos que como já havíamos mencionado os narradores ancoram um “eu” em um determinado mundo social, que seriam comunidades que se organizam em torno de uma determinada atividade dentro da sociedade global (BERTAUX, 2010) e essa narrativa é onde se aparecem comunidades sociais cujos atores são inseridos. No caso das narrativas analisadas observamos que os atores mais proeminentes estão organizados em núcleos familiares, escolares e afetiva. Se olhamos de perto cada um desses núcleos percebemos que de acordo com a narrativa eles podem expressar valores diferentes a depender da performance do ator.

Quando o núcleo familiar, composto geralmente por pais, avós, irmãos, primos, interage com o narrador de forma a não o atacar ou ferir, esse núcleo carrega valores considerados positivos pelo narrador, como afeto, acolhimento, segurança. Quando o contrário ocorre podemos observar que os valores se invertem e esse núcleo passa a ser considerado uma ameaça e carrega sentimentos expressos nas narrativas com os vocábulos: medo, silêncio, negligência, nojo, lágrimas. Todos ligados a valores considerados ruins pelo narrador.

Cada um desses valores acaba sendo transmitido através dos papéis assumidos por esses atores, o pai que agride e estupra, o tio ou primo que machuca, a mãe que silencia e negligencia o narrador ao não estar presente para “salvar” o narrador. Do mesmo modo ocorre com os outros núcleos citados, professores, diretores, amigos de escola, maridos, filhos, todos eles assumem papéis e valores de acordo com as ações expressas pelo narrador.

Toda essa dinâmica se organiza de acordo com o que Greimas (1979;2014) propõe, pois as narrativas são organizadas de modo que o narrador entre em conjunção com o objeto de valor almejado, no caso a segurança e a felicidade, os agentes transformadores são aqueles que carregam valores positivos e aqueles que trabalham para que o narrador se coloque em disjunção com o objeto de desejo carregam valores negativos. Esse embate entre valores positivos e negativos dentro da narrativa segue de acordo com o circuito narrativo acionado pelo narrador e essa dinâmica poderá ser modificada se optarmos por seguir o circuito narrativo partindo de algum outro núcleo.

Ao percebermos esses núcleos pudemos ver também que eles se organizam em relações de oposição expressas em pares como negligência/atenção, violência/acolhimento, sigilo/ confidência. Assim, os atores também se organizam em relações de conflito com o narrador, a mãe que silencia frente a violência, a professora que denuncia, os colegas que ridicularizam e praticam bullying.

Unidos a esses atores estão os espaços citados nas narrativas, como já vimos esses espaços carregam investimentos semânticos pautados pela inserção social dos personagens (FIORIN,1996). Estes espaços são como palcos nos quais as situações se desenrolam e pudemos perceber que eles se organizam em torno dos núcleos presentes nas narrativas e são ligados aos valores expressos pelos atores. Quando, por exemplo, na casa da família há o ator que carrega o valor da violência, o pai que estupra, o espaço da casa se torna ameaçador e um local colocado como ameaça para o narrador, muitas vezes sendo expresso também através de vocábulos que remetem a sentimentos como tristeza, choro, dentre outros. Espaços como as escolas aparecem, na maioria das vezes, como espaços de acolhimento, salvação, assim como professores e diretores carregam esses valores. Da mesma forma que há essa espécie de embate entre a violência e a não-violência entre os atores, percebemos que os espaços atuam de forma semelhante.

Como já vimos, toda ação “se desdobra no tempo” (Bertaux, 2010.p30) e Ricoeur (1995) nos apresenta o tempo do contar e o tempo narrado, que não é linear, que está pautado na memória e nas escolhas linguísticas do narrado e ao olharmos para o tempo da narrativa, aquele expresso durante as narrativas pudemos observar que as escolhas dos narradores muitas vezes é expressar a idade na qual os abusos ocorreram e por quanto tempo até pararem e muitas vezes esses relatam abarcam anos de vida, narrados em minutos ou segundos. A materialidade linguística expressa vem em forma de números,

anos, meses e idade. Por ser um relato de abuso sexual, alguns narradores optam por não narrar outros momentos de suas vidas, outras fazem um paralelo com as consequências do abuso, também expresso na forma de um antes e depois em anos, meses e até mesmo idade.

Dada essas relações entre os sujeitos das narrativas e o espaço/tempo vamos a seguir olhar mais de perto a dinâmica das relações de poder e a implicância delas nas construções intergeracionais que encontramos.

5. 6. 2 – As relações de poder e as construções intergeracionais

Analisamos quais as relações de poder expressas nas narrativas de vida e relacionamos as construções intergeracionais presentes nas narrativas e percebemos durante as análises que há relações que ligam o que chamamos até aqui de núcleos, e que estas, estão pautadas em relações de poder em maior ou menor grau com o narrador. Os núcleos que possuem maior grau nessas relações de poder nos parecem o grupo familiar, onde na maioria das narrativas analisadas se encontra o personagem que agrediu sexualmente a pessoa que narra os acontecimentos.

Observamos que esse poder é exercido dentro de um cenário que é propício para que os personagens possam exercê-lo, podemos citar como exemplo a casa do pai onde os abusos ocorriam e que gerava medo na narradora, pois ali ela relata que era onde sabia que seria machucada.

Ferramentas como a violência e o medo operavam constantemente nessas relações de poder e provocavam uma pista de vozes intergeracionais nessa narrativa: o silêncio, que já vinha sendo discutido por Van Djik (2017) e Foucault (1988). Esse silenciamento provocado pelos pais acerca da sexualidade tendo em vista a preservação da moralidade, torna o ambiente propício para a quebra da confiança da parentalidade. Ora, o que percebemos durante as análises foi uma sucessão de quebras do acordo de confiança e proteção dado aos pais, como vimos pautados nos estudos de Àries (1976) aos pais cabe a tarefa de proteger e manter os filhos seguros, nessas narrativas observamos que este contrato de parentalidade e tutela foi quebrado o que gerou nas narradoras nas narradoras sentimento de culpa, o que resulta em seu silenciamento que só é quebrado tempos depois através da denúncia ou da própria narrativa analisada, na qual conta sobre os abusos.

Pudemos observar também, que as escolhas linguísticas sobre a temporalidade podem nos levar a compreender melhor como o silêncio funciona como ferramenta

intergeracional de controle, promovido através das relações de poder. Ao percebermos que há um lapso temporal, na maioria das vezes de anos, entre o abuso e a quebra desse silêncio, e que por vezes em gerações anteriores ele nem chega a ser quebrado, como a mãe que é tratada com agressividade pelo pai e se cala diante do abuso físico, notamos que essa quebra pode vir a ser promovida por um outro agente que vem quebrando as antigas relações de poder e estabelecendo novas dentro da linha do tempo. Esse lapso de anos pode indicar uma mudança no papel da mulher dentro dessas relações de poder, promovida por mudanças de comportamento, por lutas sociais promovidas por movimentos como o feminismo, que aos poucos provocou certa transformação no papel frágil e submisso da mulher, o suprimindo com força e coragem, que pode ter contribuído para que esse silêncio começasse a ser quebrado, contrariando a força de outro movimento, o machismo, que coloca o homem em lugar de força e controle absoluto sobre a mulher e que está sob constante exame.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início da jornada desta pesquisa minha principal preocupação foi tratar esses dados com o respeito e a responsabilidade que eles merecem. Trabalhando com Ciências Humanas, muitas vezes nos esquecemos dos seres humanos que pesquisamos e nos focamos no empirismo que a ciência exige.

A história de cada uma dessas mulheres foi tratada aqui de forma a refletirmos também sobre a necessidade de ouvir, de acreditar e principalmente de não colocar em xeque a verdade dessas vítimas. Se por um momento nós nos perguntamos acerca do efeito de verdade ou sobre a construção da verdade nessas narrativas, nós perdemos o foco e o objetivo deste trabalho. Enquanto cientistas das narrativas de vida nos cabe focar nas narrativas e é esse o objetivo central deste trabalho: Analisar as narrativas de vida de mulheres que sofreram abuso sexual na infância, seu aspecto intergeracional e sua relação com as marcas das relações de poder estabelecidas pelo abuso sexual sofrido em mulheres. Não nos cabe questioná-las, mas focar em suas vozes.

Mantendo nosso foco no objetivo geral deste trabalho, nos guiamos através dos objetivos específicos propostos que eram: Observar como as narrativas são estruturadas pelos sujeitos da pesquisa; Examinar as construções intergeracionais presentes nas narrativas de vida; Analisar quais as relações de poder expressas nas narrativas de vida; Relacionar as construções intergeracionais presentes nas narrativas e as relações de poder estabelecidas pela narrativa. Para tanto, refletimos acerca dessas proposições e elaboramos possíveis respostas para esses questionamentos que guiaram este estudo.

Quanto a estrutura narrativa percebemos que as narrativas apresentavam aspectos das comunidades sociais as quais estavam inseridas as narradoras e os atores presentes. Dessa forma, os valores expressos eram atribuídos aos atores presentes de acordo com a comunidade a qual ele estava inserido. Os núcleos familiares expressavam valores atribuídos a eles pela sociedade na qual estavam inseridos, assim como núcleo escolar, da vizinhança, dentre outros. Porém o papel assumido por esses atores, dentro dessas narrativas, não é o mesmo atribuído pela sociedade, o exemplo mais latente disso é o do pai, a quem a sociedade atribui o papel de protetor e nessas narrativas assume papel de algoz. Das categorias analisadas de tempo, espaço pudemos perceber que elas agem de maneira diferenciada. Quanto ao espaço pudemos perceber durante a análise que os espaços citados nas narrativas carregavam os mesmos valores que os núcleos dos atores

citados, porém também percebemos que eles agiam como suporte para que as ações pudessem ocorrer.

Quanto ao tempo, pudemos perceber a necessidade de um estudo mais aprofundado da categoria dentro das narrativas, pois pudemos perceber várias nuances acerca das escolhas temporais dos narradores acerca do tempo vivido que não puderam ser analisadas nesse estudo.

A primeira hipótese levantada foi que as narrativas de abuso sexual sofrido na infância expressam relações de poder estabelecidas dentro da narrativa intergeracional. Essa hipótese foi confirmada em todas as narrativas analisadas. Pudemos ver que as relações de poder estavam claramente expressas entre a vítima e cada um dos atores das narrativas, fossem eles o agressor ou não. Essas relações foram pautadas não só entre o narrador e os atores, mas foram potencializadas pelas práticas sociais promovidas durante as interações. Entre as famílias os papéis sociais, apesar de não ser o foco desse estudo, hierarquizaram as interações, visto que os pais ou responsáveis socialmente pertenciam a uma hierarquia maior do que a criança, vista como algo a ser protegido, e no caso dessas narrativas, algo a ser manipulado e machucado.

Dentro das relações intergeracionais, pautadas pelas interações entre as gerações, percebemos que ainda há um silenciamento acerca da sexualidade. Isso, dentro das narrativas, nos mostrou que gerou para os narradores angústias, uma sensação de desalento e abandono que refletiu no modo como esses narradores contaram suas histórias. Dentro as narrativas, por sua vez, apareceram nas vozes passadas das narradoras para as próximas gerações, porém estas também foram afetadas pelo silenciamento que só foi quebrado através da própria narrativa de vida. Pudemos perceber o aspecto cultural e social de exortar as próximas gerações acerca do problema da violência sexual na infância e suas consequências através das falas das próprias narradoras, mas nem sempre das vozes que vieram antes delas.

Supomos que as narrativas de vida se expressam pelo ato de contar um episódio vivido a um sujeito e têm uma estrutura que revela um encadeamento de atos discursivos que se estruturam em um fazer de um sujeito que afeta a relação do mesmo com um objeto de desejo. Assim, as narrativas de vida dos sujeitos analisados se constroem como um encadeamento de ações que revelam uma relação desses sujeitos com o objeto infância. Hipótese essa que também foi confirmada pelas narrativas que apresentaram os aspectos violentos das infâncias das narradoras, que repercutiram mais tarde em suas formações.

O que revela que o encadeamento narrado dessas violências sofridas deixou marcas na relação das narradoras com sua infância e a vida adulta. Essa sequência também mostrou um abandono das narradoras em relação a suas próprias histórias que só foi retomada durante o ato de narrar.

A partir das relações de poder estabelecidas pelo tratamento dado a sexualidade pela sociedade, consideramos que as relações de poder estabelecidas estão arraigadas a tabus estabelecidos pelo comportamento discursivo - social e cultural estabelecido pela comunidade ao qual o sujeito pertence. Essa premissa levantada se mostrou bastante assertiva. Conseguimos perceber em todas as narrativas analisadas que o assunto do abuso se torna mais do que um tabu, é motivo de vergonha, culpa e é silenciado por aqueles que tem maior poder sobre as vítimas. Quase que todas as narrativas analisadas apresentam narradoras que não conseguiram falar sobre os abusos que sofreram durante muitos anos e não conseguiram ter poder para contar suas próprias histórias. Percebemos também, que as famílias possuem papel quase que hegemônico ao silenciamento no tratamento quando o assunto é o sexo, o que acarretou nessas narrativas sequências onde pudemos perceber que a falta de diálogo levou as narradoras a se culparem pelos episódios de violência que sofreram. Detectamos um papel essencial da escola como instituição na qual muitas dessas narradoras encontraram apoio e informação acerca da problemática de abuso. Ressaltamos aqui, a importância do estudo dos impactos positivos da educação sexual e da intervenção da escola na vida de crianças que estão sendo abusadas, durante a análise das narrativas de vida, pudemos perceber claramente que o conhecimento e o apoio psicopedagógico foram fundamentais e mudaram a vida dessas garotas. Essas relações entre as narrativas de vida de abuso na infância e a escola, apesar de não ser o foco desse estudo, também foi observada nos resultados, pois o aspecto das relações de poder e a intergeracionalidade apareceu também latente nessas interações.

A intergeracionalidade opera como parte fundante para a construção da história do sujeito e de sua narrativa, projetamos que os aspectos intergeracionais são potencializados pelas relações de poder expressas nas narrativas de vida coletadas, porém essa hipótese não foi completamente confirmada, pois observamos que apesar de as relações de poder influírem como potencializadores nas narrativas de vida, nem sempre eles potencializam as vozes intergeracionais, muito pelo contrário, as vezes eles as silenciam. Observamos isso ao nos depararmos com narrativas nas quais o silêncio e a opressão de atores, geralmente femininos, se fizeram tão presentes e foram parte

fundamental para a relação das narradoras com sua infância. As relações de poder e opressão do feminino se tornou um aspecto bastante observado nas narrativas de vida e terá de ser analisado com mais cuidado futuramente, pois os resultados nos mostraram que as relações de poder que agem na opressão feminina são aspectos latentes nas narrativas de vida de mulheres abusadas na infância.

Estabelecem que há mediações no ato da narrar uma experiência vivida, que vai desde as relações de poder estabelecidas até as relações intrafamiliares, consideramos que as narrativas de vida acerca do abuso sexual sofrido na infância expressas pelos sujeitos trazem pistas da influência intergeracional e suas relações de poder são destacadas no corpus estudado. Essa proposição foi parcialmente confirmada, pois as relações de poder se manifestaram em direção ao silenciamento das narradoras em relação ao abuso sofrido, o que merece um pouco mais de nossa atenção em um estudo futuro, pois percebemos que o silêncio em alguns casos relatados pode se manifestar como mecanismo de intergeracionalidade, pois estabelece um comportamento a um grupo social e cultural específico ao longo dos séculos. Nas análises que fizemos, percebemos que o silêncio se mostra recorrente, tanto nas narradoras abusadas como na maioria das mulheres que foram personagens dessas histórias. Comprovamos que apenas quando as narradoras puderam romper com a influência que essas relações mantinham em suas vidas, conseguiram desfazer o silenciamento ao qual foram submetidas.

Por fim, ressaltamos a importância desse estudo como base para outros estudos acerca da relação entre as narrativas de vida e os mecanismos da intergeracionalidade, pois através dele pudemos identificar como a intergeracionalidade se manifesta dentro das narrativas de abuso sexual na infância. Destacamos que os resultados mostraram também uma ligação entre os mecanismos utilizados dentro relações de poder e a maneira que a intergeracionalidade se manifesta dentro das narrativas.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Suely Creusa de. **O Sexo Devoto**: normatização e resistência feminina no Império Português XVI - XVII. Recife: Ed. Universitária Ufpe, 2005. 374 p.

ANTUNES, Carla Margarida Vieira. **Abuso sexual na infância e adolescência**: Uma leitura narrativa do impacto e dos processos conducentes à resiliência. 2010. 380 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Escola de Psicologia, Universidade do Minho, Braga, 2010.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **TEORIA SEMIÓTICA DO TEXTO**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: 1. Fatos e Mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. 309 p.

_____. **O Segundo Sexo**: 2. A Experiência Vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. 500 p.

BERTAUX, Daniel. **Narrativa de Vida**: a pesquisa e seus métodos. São Paulo: Edufrn, 2010. 167 p.

BRANDÃO, Lenisa et al. **Narrativas intergeracionais. Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s.l.], v. 19, n. 1, p.98-105, 2006. FapUNIFESP (SciELO).

BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____, J. **La fábrica de historias. Derechos, literatura, vida**. Mexico: FCE, 2003.

COSTA, Maria Conceição Oliveira et al. **O perfil da violência contra crianças e adolescentes, segundo registros de Conselhos Tutelares:** vítimas, agressores e manifestações de violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 12, p.1129-1141, 2007.

ESTÈS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Ferrigno, J. C. (2006). **A co-educação entre gerações.** São Paulo, SP: *Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.*, 20(5), 67-69. Recuperado em 12 de julho, 2016, de: http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/19_Anais_p67.pdf.

FIORIN, José Luiz. **As Astúcias da Enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo.** São Paulo: Ática, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____ **Microfísica do Poder.** 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998

GALEANO, Cristian L. Santamaría; VARAS, Patricio A. Tapia. **Violencia contra niños y adolescentes ejercida por cuidadores.** *Informes Psicológicos*, [s.l.], v. 18, n. 1, p.13-34, 2018. Universidad Pontificia Bolivariana.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica.** São Paulo: Cultrix, 1979.

GREIMAS, Julien Algirdas. **Sobre o sentido ii: ensaios semióticos.** São Paulo: Edusp, 2014. 256 p.

HINE, C. **Virtual ethnography** Londres: Sagepublications, 2000.

LANI-BAYLE, Martine. **A Criança e Sua História: por uma clínica narrativa.** Natal: Edufrn, 2018.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco.** São Paulo: Ática, 1976.

OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. O sentido da violência e as especificidades da violência contra a mulher no contexto das relações de gênero. **O Público e O Privado**, Fortaleza, n. 8, p.15-32, Dezembro, 2006. Semestral.

PIRES, Sergio Fernandes Senna; BRANCO, Angela Uchoa. **Protagonismo infantil: co-construindo significados em meio às práticas sociais**. Paidéia, Brasília, p.311-320, 2007.

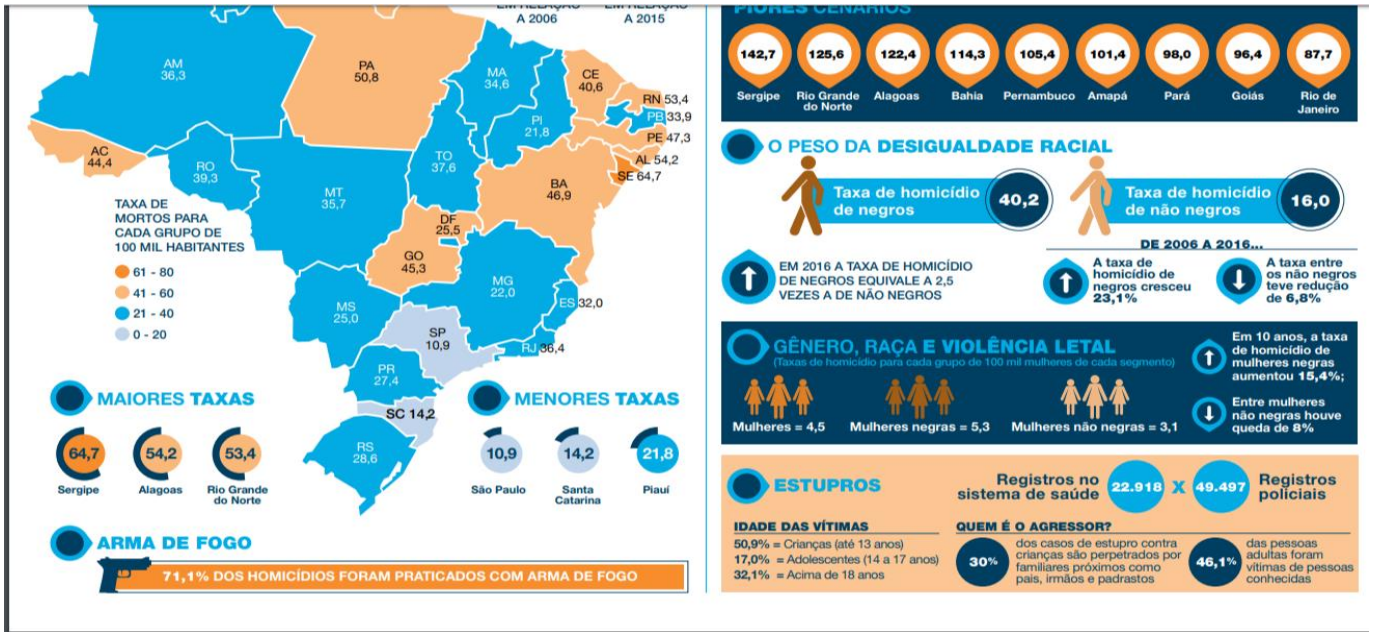
RICOEUR, Paul. **O Tempo e a Narrativa: tomo ii**. Campinas: Papirus, 1995. 2 v.

RENDEIRO, Marcia Elisa. **Orkut e Facebook: as teias da memória em meio às redes sociais**. Ciências Sociais Unisinos, vol. 47, núm. 3, septiembre-diciembre, 2011, pp. 256-262. Universidade do Vale do Rio dos Sinos São Leopoldo, Brasil

TATI, Luiz. **Análise Semiótica através das letras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

VAN DIJK, Teu A. **Discurso e Poder**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017

ANEXO I



ANEXO II

Segurança Pública em Números 2018



MORTES VIOLENTAS INTENCIONAIS

63.895

Mortes Violentas Intencionais em 2017

175 mortos por dia

Taxa de 30,8 por 100 mil habitantes

Crescimento de 2,9% entre 2016 e 2017



Taxas por 100 mil habitantes



DESAPARECIMENTOS



82.684 registros de desaparecimentos apenas em 2017

CRIMES NAS CAPITALIS

16.799 mortes violentas intencionais

Taxa de 34 por 100 mil habitantes



MAIORES TAXAS

PESSOAS ENCARCERADAS

729.551 pessoas encarceradas no Brasil em 2016

689.947 no Sistema Penitenciário

39.604 sob Custódia das Polícias

368.049 vagas

2 pessoas presas para cada vaga

Presídios Federais

832 vagas

437 presos

CONTROLE DE ARMAS

119.484 armas de fogo apreendidas em 2017



Necessidade de fortalecer a política

94,9% das armas apreendidas no ano não foram cadastradas no sistema da Polícia Federal (SINARM).

13.782 armas legais foram perdidas, extraviadas ou roubadas, o que equivale a 11,5% das armas apreendidas pelas polícias no mesmo ano.

É como se um mês de trabalho das polícias tivesse se perdido.

FINANCIAMENTO DA POLÍTICA DE SEGURANÇA

84,7 bilhões em 2017

Variação de 0,8%

Brasil gasta R\$ 408,13 por cidadão com segurança pública, 1,3% do PIB

União
9,7 bi
crescimento de 6,9%Municípios
5,1 bi
redução de 2%Unidades da Federação
69,8 bi
variação de 0,2%

55.900 Homicídios dolosos

crescimento de 2,1%

2.460 Latrocínios

redução de 8,2%

955 Lesões corporais seguidas de morte

crescimento de 12,3%

367 policiais mortos
redução de 4,9%5.159 mortos em intervenções policiais
crescimento de 21%

1 Policial Civil ou Militar assassinado por dia em 2017

14 Mortos em Intervenções Policiais por dia

ESTUPROS

61.032 estupros em 2017

Crescimento de 10,1% em relação a 2016

FEMINICÍDIOS

1.133 feminicídios em 2017

LEI MARIA DA PENHA

221.238 registros de violência doméstica em 2017 (Lesão corporal dolosa)

606 casos por dia

HOMICÍDIOS

4.539 mulheres vítimas de Homicídio em 2017

Crescimento de 6,1% em relação a 2016



ANEXO III

Violência em Números 2019



FEMINICÍDIO

1.206 vítimas



Crescimento de 4%

Ápice da mortalidade se dá aos 30 anos

28,2% entre 20 e 29 anos
29,8% entre 30 e 39 anos
18,5% entre 40 e 49 anos



61% negras



70,7% tinham no máximo ensino fundamental



Em 88,8% dos casos o autor foi o companheiro ou ex-companheiro



VIOLÊNCIA DOMÉSTICA



Um registro a cada 2 min

263.067 casos de lesão corporal dolosa



Crescimento de 0,8%



VIOLÊNCIA SEXUAL



66.041 registros em 2018, o maior já registrado

180 estupros por dia



Crescimento de 4,1%

Quem são as vítimas da violência sexual

- 81,8% do sexo feminino
- 53,8% tinham até 13 anos
- 50,9% negras e 48,5% brancas
- 4 meninas de até 13 anos estuproadas por hora



FINANCIAMENTO DA POLÍTICA DE SEGURANÇA

R\$91 bilhões gastos com segurança pública



de 3,9%

1,34% do PIB



Gastos Federais nas UF:

- R\$142 milhões em operações de Força Nacional
 - 36,8% aplicadas no Rio de Janeiro
 - 18,1% no Rio Grande do Sul
- R\$25 milhões em operações de GLO
 - 50% no Rio de Janeiro

PESSOAS ENCARCERADAS

726.354 pessoas encarceradas

32,4% não foram julgadas



Um sistema imutável

2000 2017

232.755 presos 726.354 presos

135.710 vagas 423.242 vagas

212% presos

212% vagas

212% déficit

DESAPARECIMENTOS



82.094 reportados às Polícias

Anexo IV

facebook.com/vivagirassol/posts/2603117406389423?_xts_%5B0%5D=68.ARCUucp_9LnY0alqVASGNSsVKqB-EwVBF3yf--DpLxuceqd9ECTGlij0NCH6gZ_LatVzoyWeR...

Movimento Girassol

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade
Publicações

Publicações

8 de agosto

ATENÇÃO: Este relato contém descrição detalhada de violência sexual.

*
*

"Relato de uma Girassol"

Oi.
Prefiro deixar no anonimato, nunca contei verdadeiramente minha história. Nasci em outubro, meus pais se separaram depois disso. Fui criada com minha mãe e às vezes saía com meu pai. Quando comecei a ir a escola no primário, eu nunca conseguia ter coleguinhas, então eu tinha amigos imaginários. No segundo ano, minha mãe resolveu se mudar para outra cidade em busca de trabalho e por ter se separado do meu padrasto; com isso fui morar com minha avó. Na casa da minha avó morávamos 3 tios, 2 tias, 1 prima, minha avó, meu irmão e 1 primo. Nessa época eu tinha 8 anos. E quando minha prima não saía para brincar com a vizinha (que tinha quase a mesma idade que ela, e elas eram amigas) ela brincava comigo no fundo do quintal nós brincávamos de casinha. Eu sempre fui uma criança só, e às vezes eu via minha tia brincando com minha prima e eu me perguntava: cadê minha mãe? E eu chorava escondido por ver minha tia brincar com minha prima e eu não. Comecei a perceber que meu tio me observava, e achei estranho, porém

Comunidade Ver tudo

Convide seus amigos para curtir esta Página

8.325 pessoas curtiram isso

8.455 pessoas estão seguindo isso

Sobre Ver tudo

Normalmente responde dentro de algumas horas

Enviar mensagem

Comunidade

Sugerir edições

Transparência da Página Ver mais

O Facebook está mostrando informações para ajudar você a entender melhor o propósito de uma Página. Veja as ações das pessoas que administram e publicam conteúdo.

Página criada em 3 de setembro de 2017

Membros Da Equipe

Alice Girassol

Bate-papo

facebook.com/vivagirassol/posts/2603117406389423?_tn_=-K-R

Movimento Girassol

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade
Publicações

Publicações

fundo do quintal nós brincávamos de casinha. Eu sempre fui uma criança só, e às vezes eu via minha tia brincando com minha prima e eu me perguntava: cadê minha mãe? E eu chorava escondido por ver minha tia brincar com minha prima e eu não. Comecei a perceber que meu tio me observava, e achei estranho, porém não falei nada. Depois de alguns tempos, fiquei sozinha com ele na cozinha e tínhamos um monte de cadeiras de fio. Eu estava sentada em uma e ele ao lado e do nada ele passa a mão na minha coxa e começa ir em direção a minha virilha, porém não chegou, pois minha tia tinha chegado e ele disfarçou e eu saí dali imediatamente. No outro dia a noite ele me acordou à madrugada e lá começa todo o meu inferno. Ele me obriga a lhe mas**rbar e ele toca meu peito, e vai em direção a minha vag*. Ele começa a tocar e eu peço para parar e falo que estou com sono; volto a dormir. Depois de 3 dias, a madrugada acordou e eu estou lá, sobre a cama. Ele abaixa meu short e começa a tocar minha vag*, enquanto isso estou abraçada com um travesseiro com os olhos bem fechados. Sinto seus dedos dentro de mim, começo a sentir cada toque nojento dele, e de repente ele coloca o p**is dentro de mim. Eu não gritei, apenas senti uma lágrima no meu rosto enquanto sentia uma dor interna e intensa. Os movimentos de vai e vem eu sentia, sentia os pingos de suor, seu cheiro sobre mim. Era nojento. Quando ele terminou, me disse que se eu contasse ele me bateria tanto eu iria ficar roxa e me mandou me lavar. Chegando ao banheiro, eu olhei para minha calcinha e vi sangue e ainda

Enviar mensagem

O Facebook está mostrando informações para ajudar você a entender melhor o propósito de uma Página. Veja as ações das pessoas que administram e publicam conteúdo.

Página criada em 3 de setembro de 2017

Membros Da Equipe

Alice Girassol

Páginas relacionadas

Textos que parecem t...
Lucy Ribeiro curtiu isso
Blog pessoal

Narcisismo Materno
Site de sociedade e cultura

Psiquiatria cuidadosos ...
Serviço de saúde mental

Português (Brasil) · Português (Portugal) · Bate-pap

facebook.com/vivagirassol/posts/2603117406389423?_tn_=K-R

Movimento Girassol

Priscila Página inicial Criar

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade

Publicações

Criar uma Página

Curtiu Seguindo Compartilhar

Enviar mensagem

Membros Da Equipe

Alice Girassol

Páginas relacionadas

Textos que parecem t...
Lucy Ribeiro curtiu isso
Blog pessoal

Narcisismo Materno
Site de sociedade e cultura

Psiquiatria cuidadosos ...
Serviço de saúde mental

Português (Brasil) · Português (Portugal) · English (US) · Español · Français (France)

Privacidade · Termos · Anúncios · Opções de anúncio · Cookies · Mais · Facebook © 2019

Chegando ao banheiro, eu olhei para minha calcinha e vi sangue e ainda estava saindo um pouco; eu peguei papel higiênico e água, passo sobre minhas coxas e ali mesmo limpo minha calcinha. Como eu não sabia o que fazer para estancar o sangue, enrolei minha calcinha com papel higiênico. Quando cheguei no quarto, onde ele minha avó, outra pessoa que não lembro dormiamos estavam todos dormindo então fui para minha cama e me deitei e comecei a chorar sozinha, peguei no sono e dormi. Na escola, passei a viver mais escondida no banheiro e com meus amigos imaginários. As minhas noites daquele dia em diante se passaram deitadas com meu tio. Houve uma vez que eu gostava muito de uma roupa florida e fui dormir com ela, na madrugada meu tio me acordou depois dele ter terminado tudo o que fez, fui me limpar novamente, comecei a odiar aquela roupa e ela estava toda suja de sêmen. Fui até o outro quarto, peguei outra roupa e me troquei, peguei aquela roupa que eu tanto amava e passei a odiar, não a lavei a única coisa que fiz foi colocá-la dentro de uma sacola e a escondi porque não consegui limpar todo sangue. Depois eu me ajoelhei no chão e me lembro de todas as palavras: Jesus, o que eu fiz? Porque minha mãe não volta para casa? Ela não me ama? Jesus eu quero uma mãe que brinca comigo, que brinca de casinha... Jesus me dá uma mãe, ou uma amiga por favor. Pai nosso[...] E comecei a rezar Comecei a orar para que tudo passasse. Meu pai me buscava às vezes e eu adorava sair com ele, ele era o melhor pai do mundo.

facebook.com/vivagirassol/posts/2603117406389423?_tn_=K-R

Movimento Girassol

Priscila Página inicial Criar

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade

Publicações

Criar uma Página

Curtiu Seguindo Compartilhar

Enviar mensagem

Membros Da Equipe

Alice Girassol

Páginas relacionadas

Textos que parecem t...
Lucy Ribeiro curtiu isso
Blog pessoal

Narcisismo Materno
Site de sociedade e cultura

Psiquiatria cuidadosos ...
Serviço de saúde mental

Português (Brasil) · Português (Portugal) · English (US) · Español · Français (France)

Privacidade · Termos · Anúncios · Opções de anúncio · Cookies · Mais · Facebook © 2019

Bate-papo

Jesus me dá uma mãe, ou uma amiga por favor. Pai nosso[...] E comecei a rezar Comecei a orar para que tudo passasse. Meu pai me buscava às vezes e eu adorava sair com ele, ele era o melhor pai do mundo. Minha mãe voltou, meu tio foi embora e eu também. Minha vida passou e eu fui crescendo, meu cérebro não me fazia lembrar das maldades do meu tio. Depois disso aconteceu outro... Aos 10 anos, no fim da tarde, meu primo me perguntou o que era s*xo? Eu não sabia e ele me disse quando fomos brincar de esconde-esconde. Eu idiota demais fui, fomos para as casas no fim da rua. Ele me contou e passou a mão sobre mim e fui saindo e ele disse que iria me mostrar eu disse não, ele disse que contaria para minha tia e ela bateria muito na gente, eu fui na dele. Me lembro bem da nojeira, ele apenas passava o p**is na minha bunda e mais nada. Eu queria sair dali mas eu não tinha a força dele e ele me segurou e eu falava pra ele que a mãe dele iria brigar, mas ele não se importava; eu deixei mais uma vez. Aquele dia me lembrei do que meu tio fez comigo foi o primeiro flash do meu passado. A roupa minha? eu fiz a mesma coisa, porém guardei apenas minha calcinha daquele dia, mais nada. Depois daquele dia descobri o que realmente era o s*xo. Peguei minhas roupas escondidas pensei em queimar tudo, mas eu guardei e pensei comigo que guardaria de lembrança, eu não sei mas meu coração

facebook.com/vivagirassol/posts/2603117406389423?__tn__=K-R

Movimento Girassol

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade
Publicações
Criar uma Página

meu passado.
A roupa minha? eu fiz a mesma coisa, porém guardei apenas minha calcinha aquele dia, mais nada.
Depois daquele dia descobri o que realmente era o s'xo.
Peguei minhas roupas escondidas pensei em queimar tudo, mas eu guardei e pensei comigo que guardaria de lembrança, eu não sei mas meu coração pedia.
Minha vida passava e sempre que havia oportunidade meu primo pedia para voltar eu dizia que não, até que um dia eu disse a ele que contaria para minha tia e ele começou a parar de me perturbar. Foi um alívio.
Tive meu primeiro assédio.
Aos 11 anos o marido da minha tia estava do meu lado e ficava me olhando, ele tinha bebido duas doses de pinga.
Eu estava com meu pai, mas ele estava ocupado com outras coisa e não podia me levar e me deixou na casa onde estávamos.
Ele estava sentado do meu lado e estávamos numa mesa, minha tia estava do lado e foi ao banheiro e do nada ele começa a falar sobre sexualidade. E passa a mão na minha coxa, simplesmente olho de cara feia para ele, bato na mesa e saio.
Me encho de coragem para contar para minha tia e vou quando conto para ela, ela diz para mim: ele não tem coragem de fazer isso não, e ele está bebado, mas fica tranquila eu vou falar com ele e não precisa contar pro seu pai.
Eu me desanimei.
No sétimo ano meu professor de ciências fala sobre abuso sexual. Ele não especifica, eu procuro saber tudo e vou para a internet.
Comecei a ir para a escola em tempo integral, um professor foi se sentar ao

Enviar mensagem

U Facebook esta mostrando informações para ajudar você a entender melhor o propósito de uma Página. Veja as ações das pessoas que administram e publicam conteúdo.

Página criada em 3 de setembro de 2017

Membros Da Equipe

Alice Girassol

Páginas relacionadas

Textos que parecem t...
Lucy Ribeiro curtiu isso
Blog pessoal

Narcisismo Materno
Site de sociedade e cultura

Psiquiatria cuidados ...
Serviço de saúde mental

Português (Brasil) · Português (Portugal) · Bate-papo

facebook.com/vivagirassol/posts/2603117406389423?__tn__=K-R

Movimento Girassol

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade
Publicações
Criar uma Página

bebado, mas fica tranquila eu vou falar com ele e não precisa contar pro seu pai.
Eu me desanimei.
No sétimo ano meu professor de ciências fala sobre abuso sexual. Ele não especifica, eu procuro saber tudo e vou para a internet.
Comecei a ir para a escola em tempo integral, um professor foi se sentar ao meu lado, começou a conversar comigo e eu não estava só na sala de aula. Ele começou a passar a mão sobre meu ombro e vindo entre meu pescoço, eu gritei com ele e sai da sala, fui para o banheiro e fiquei lá uns 20 minutos sentada olhando pro nada.
Aquilo para mim não foi um assédio mas começou a ficar estranho, depois eu disse para ele que se aquilo acontecesse de novo eu contaria para minha mãe, ele não se aproxima mais de mim.
Depois daí minha vida desandou, entrei em um ciclo depressivo, eu odiava todo mundo, começou a vir flash do meu tio tr**sando comigo.
Nesta época eu saia para a diretoria para me distrair com minha diretora ela era legal e eu gostava muito dela.
No final de 2016 me afastei dela e tive minha primeira amiga virtual foi uma maravilha.
No oitavo ano tentei não demonstrar meus sentimentos, minhas amigas todas já se cortavam e as aulas de português eram as aulas onde eu me cortava.
No segundo semestre eu melhorei comecei a gostar da minha professora de português e das aulas dela.
As aulas dela me traziam alegria e comecei a me apaixonar pela matéria.
Em outubro, faríamos um teatro da sala mesmo.
Em setembro, meu tio estava na minha avó, estava todos na área da frente

Enviar mensagem

U Facebook esta mostrando informações para ajudar você a entender melhor o propósito de uma Página. Veja as ações das pessoas que administram e publicam conteúdo.

Página criada em 3 de setembro de 2017

Membros Da Equipe

Alice Girassol

Páginas relacionadas

Textos que parecem t...
Lucy Ribeiro curtiu isso
Blog pessoal

Narcisismo Materno
Site de sociedade e cultura

Psiquiatria cuidados ...
Serviço de saúde mental

Português (Brasil) · Português (Portugal) · Bate-papo

facebook.com/vivagirassol/posts/2603117406389423?_tn_=K-R

Movimento Girassol

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade
Publicações

Curtiu
Seguindo
Compartilhar

Enviar mensagem

U Facebook esta mostrando informações para ajudar você a entender melhor o propósito de uma Página. Veja as ações das pessoas que administram e publicam conteúdo.

Página criada em 3 de setembro de 2017

Membros Da Equipe

Alice Girassol

Páginas relacionadas

Textos que parecem t...
Lucy Ribeiro curtuiu isso
Blog pessoal

Narcisismo Materno
Site de sociedade e cultura

Psiquiatria cuidados ...
Serviço de saúde mental

Português (Brasil) · Português (Portugal) · Bate-papo

Curtiu
Seguindo
Compartilhar

Contava.
No segundo semestre eu melhorei comecei a gostar da minha professora de português e das aulas dela.
As aulas dela me traziam alegria e comecei a me apaixonar pela matéria.
Em outubro, faríamos um teatro da sala mesmo.
Em setembro, meu tio estava na minha avó, estava todos na área da frente eu fui no fundo beber água e ele passou a mão na minha bunda e eu parei de ir na minha avó por isso.
Voltei a me cortar.
Dia 1/03 fui contar para a primeira pessoa o que estava acontecendo comigo. Minha professora, o anjo que salvou minha vida.
Eu comecei a contar para ela, mas não terminei, porém ela me entendeu, e foi a primeira pessoa que me apoiou.
Ela sabia que eu precisava dela, e eu pedia vários abraços e ela me dava. Os abraços dela foi meu ponto de apoio.
Comecei a ter minhas crises horríveis em casa.
Comecei a me cortar muito.
Mais ou menos uns 2 meses comecei a fazer curso de inglês e eu ia pelo ônibus da faculdade para outra cidade pois a minha era pequena e não tinha cursos, e um amigo da família me viu na outra cidade.
Eu percebia que via ele quase todas vezes mas achei nada demais.
Até que um dia ele foi até minha casa, eu estava sozinha, ele disse que iria pegar algumas coisas emprestadas do meu padrasto e eu não disse nada, ele disse que já falou com meu padrasto.
Ele simplesmente entrou e começou a se aproximar de mim de um modo estranho entrei pro quarto do meu irmão achando que ele pegaria as coisas e iria embora.

facebook.com/vivagirassol/posts/2603117406389423?_tn_=K-R

Movimento Girassol

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade
Publicações

Curtiu
Seguindo
Compartilhar

Enviar mensagem

Membros Da Equipe

Alice Girassol

Páginas relacionadas

Textos que parecem t...
Lucy Ribeiro curtuiu isso
Blog pessoal

Narcisismo Materno
Site de sociedade e cultura

Psiquiatria cuidados ...
Serviço de saúde mental

Português (Brasil) · Português (Portugal) · English (US) · Español · Français (France)

Privacidade · Termos · Anúncios · Opções de anúncio · Cookies · Mais · Facebook © 2019

Bate-papo

Curtiu
Seguindo
Compartilhar

Mas não ele estavam com um lenço branco e tampou minha boca, senti o cheiro do álcool e desmaiei.
Quando voltei do desmaio ele estava por cima de mim tra**ando comigo. Eu sentia ele por cima de mim, cada dor minha, tentei tirá-lo de cima de mim, mas não consegui pois estava sem forças e apaguei novamente.
Quando ele ia saindo ele virou para mim e disse: não me olha com essa cara vc também gostou. Quando eu puder eu volto.
Ele saiu e eu comecei a voltar ao normal, quando tive noção do que estava acontecendo eu comecei a gritar sobre o travessoiro. Me lavei como sempre e o ruim é que eu tentava me lavar e não saia o cheiro dele, e quanto mais eu me esfregava, mais eu me odiava e sentia nojo do meu corpo.
Comecei a ter mais crises a pegar agulhas e me esperar, percebi que precisava desabafar e fui a alguém que em toda minha vida, naquela época eu confiava, fui na minha diretora e iria confirmar o que um dia ela me perguntou sobre me cortar.
Dia 9/07 eu disse sobre os abusos do meu tio, porém não quis falar muito. Passei um mês sem falar com ela e fui novamente contei sobre meu primo e sobre o amigo da família.
No outro dia ela me chamou na sala dela e então eu iria mostrar as marcas no meu corpo, mas antes que eu começasse a falar ela disse que iria contar para minha mãe. Eu implorei a ela que não falasse, que ela não iria entender. Foi tudo em vão... Minha mãe contou para a família toda, meu irmão aquele dia disse que eu era culpada e me deu uns tapas, minhas tias olharam de cara feia para mim por um tempo.
Minha mãe me obrigou a dizer tudo pro meu pai no dia dos pais. Eu contei para ele e pedi para meu pai não fazer uma besteira e ele me prometeu que não iria fazer, porém ele se afastou de mim completamente. Acho que ele

facebook.com/vivagirassol/posts/2603117406389423?_tn_=K-R

Movimento Girassol

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade
Publicações

[Criar uma Página](#)

Interagir: Curtiu, Seguindo, Compartilhar

Enviar mensagem

O Facebook está mostrando informações para ajudar você a entender melhor o propósito de uma Página. Veja as ações das pessoas que administram e publicam conteúdo.

Página criada em 3 de setembro de 2017

Membros Da Equipe
Alice Girassol

Páginas relacionadas

Textos que parecem t...
Lucy Ribeiro curtii isso
Blog pessoal

Narcisismo Materno
Site de sociedade e cultura

Psiquiatria cuidadosos ...
Serviço de saúde mental

Português (Brasil) · Português (Portugal) · Bate-papo

entender. Foi tudo em vão... Minha mãe contou para a família toda, meu irmão aquele dia disse que eu era culpada e me deu uns tapas, minhas tias olharam de cara feia para mim por um tempo.
Minha mãe me obrigou a dizer tudo pro meu pai no dia dos pais. Eu contei para ele e pedi para meu pai não fazer uma besteira e ele me prometeu que não iria fazer, porém ele se afastou de mim completamente. Acho que ele teve vergonha.
Minha mãe adoeceu e eu fui a culpada de toda a doença dela, e minha família inteira dizendo que minha mãe estava sobre uma mesa de cirurgia entre a vida e a morte por minha culpa.
Minha amiga de sala não sabia o que estava acontecendo e tentava conversar com a diretora para saber o que estava acontecendo.
Eu e a diretora conversamos pela última vez pois ela disse a mim que talvez não tenha acontecido mais, meu chão caiu e eu precisava de provas. Eu tinha uma amiga que morava na cidade grande e me disse que se eu quisesse ela me ajudaria com as provas que comprovariam.
Peguei minhas roupas que eu tanto odiei e levei como prova, peguei a última camisinha que aquele verme usou em mim e levei tudo.
Eu não consegui fazer todos os exames consciente, pois eu estava com medo e nada me acalmava, fiz alguns dos exames dopada.
Ela me buscava e levava, e eu usava o celular dela sempre pra filmar a gente.
Eu tenho todos os nossos vídeos que ela tentava me alegrar e na hora dos exames ela não me deixava triste para não me traumatizar.
Passei na psicóloga, na psiquiatra e na ginecologista. Ela fez de tudo para que conseguíssemos apenas as provas, mais nada eu eu fiz o KIT (nome dos exames que fazem como prova de um estupro).

facebook.com/vivagirassol/posts/2603117406389423?_tn_=K-R

Movimento Girassol

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade
Publicações

[Criar uma Página](#)

Interagir: Curtiu, Seguindo, Compartilhar

Enviar mensagem

Membros Da Equipe
Alice Girassol

Páginas relacionadas

Textos que parecem t...
Lucy Ribeiro curtii isso
Blog pessoal

Narcisismo Materno
Site de sociedade e cultura

Psiquiatria cuidadosos ...
Serviço de saúde mental

Português (Brasil) · Português (Portugal) · English (US) · Español · Français (France) +

Privacidade · Termos · Anúncios · Opções de anúncio > · Cookies · Mais · Facebook © 2019

Bate-papo

gente.
Eu tenho todos os nossos vídeos que ela tentava me alegrar e na hora dos exames ela não me deixava triste para não me traumatizar.
Passei na psicóloga, na psiquiatra e na ginecologista. Ela fez de tudo para que conseguíssemos apenas as provas, mais nada eu eu fiz o KIT (nome dos exames que fazem como prova de um estupro).
Eu tenho uma cópia, e ela os originais.
Eu perdoei meu tio, perdoei meu primo, perdoei o amigo da família.
Eu sei quem por tudo que passei, eu deveria denunciar, mas eu não irei fazer isso pois não quero ser a culpada de ter colocados eles na cadeia.
Hoje eu não preciso que as pessoas digam que eu menti, que são coisas da minha cabeça pois eu tenho provas possíveis e tudo que eles me fizeram Deus irá cuidar de tudo.
Eu tenho sequelas por isso talvez terei que fazer tratamentos por causa do meu útero se eu quiser ter filhos, às vezes tenho crises, medo mas eu vou superar tudo isso e tudo que eu vivi.
Eu oro pela alma dessas pessoas, e digo a Deus que se eu perdoei ele também pode perdoar.
Hoje sou maior de idade e estou superando meu passado com tudo isso.
Hoje eu e minha diretora não nos falamos mais, tento falar o mínimo possível sobre abusos, s*xo ou do tipo com minha família, e tento seguir minha vida.
Essa é minha história e todas as pessoas que estão nela.

*Vale lembrar que quando você comenta aqui é como se estivesse falando diretamente com a Girassol autora do relato. Se ela estivesse agora na sua



**QUANDO DENUNCIEI, NÃO
CONSEGUI FAZER TODOS
OS EXAMES CONSCIENTE,
POIS EU ESTAVA COM
MEDO E NADA ME ACALMAVA.**

***Movimento
Girassol***

Anexo V

facebook.com/vivagirassol/posts/2640654442635719?_tn_=K-R

Movimento Girassol

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade
Publicações
Criar uma Página

Movimento Girassol
28 de agosto · 🌐

Relato de uma Girassol

quero participar sofro com o passado há 26 anos
BOA tarde fui vítima de abuso sexual quando eu tinha acredito que tinha 5 anos de idade e nunca consegui ter uma vida normal
Me indetifico com os relatos de outras pessoas
Já comecei tratamento por alguma vezes mas não consigo ir adiante
Na verdade vou contar um pouco da minha história quando eu tinha uns 5 anos de idade meus tios mudaram para nossa cidade ele e irmão do meu pai e esposa dele e irmã da minha mãe e juntos com eles Vêio 2 funcionários um certo dia eu muito pequena mas lembro como se fosse hoje todas as vezes que um dos funcionario saia chegava com balinha pipocas para nós éramos umas 6 crianças mas ele me tratava especial me colocava no colo cuidava em especial de mim meus pais eram muitos pobres e saia para cultivar a roça todos os dias e ficávamos a sós
Um certo dia dia me lembro dele falar que tinha muita coisas boa para mim e começou me passar a mão disse que isso seria nosso segredo e começou a compra bolachas boneca e aquilo para mim era fantástico mas um dia a noite MEUS pais saíram e deixou ele cuidando de nós ele me colocou no colo e começou a me pen**rar achei estranho por que começou a doer muito mas ele disse que tava tudo bem
E daí em diante começou meu pesadelo ele me aliciava sempre que tinha

Comunidade Ver tudo

Convide seus amigos para curtir esta Página

8.325 pessoas curtiram isso
8.455 pessoas estão seguindo isso

Sobre Ver tudo

Normalmente responde dentro de algumas horas
Enviar mensagem
Comunidade
Sugerir edições

Transparência da Página Ver mais

O Facebook está mostrando informações para ajudar você a entender melhor o propósito de uma Página. Veja as ações das pessoas que administram e publicam conteúdo.

Página criada em 3 de setembro de 2017

Membros Da Equipe

Alice Girassol

Bate-papo

facebook.com/vivagirassol/posts/2640654442635719?_tn_=K-R

Movimento Girassol

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade
Publicações
Criar uma Página

E daí em diante começou meu pesadelo ele me aliciava sempre que tinha oportunidades ele dormia na mesma casa com todos como se fosse da família ele uns 35 anos e não era casado então eu uma criança que não sabia nada sobre s*xo passei ser a mulher dele um dia ele me pene**ou totalmente e doeu muito e saiu muito sangue fiquei desesperada ã sabia exatamente o que estava acontecendo e aí comecei as ameaças se eu contasse para qualquer pessoa ele me matava
Naquele tempo a gente costumava a limpar poço de água e tinha um na minha casa onde tinha 15 metros de profundidade e eu decia 1 vez por ano para limpar o poço numa corda ele falava que se eu falasse pra alguém ele solitaria a corda e me matava
Isso passou alguns anos e fui embora para cidade para estudar
Mas não me comportei muito bem na cidade eu era muito revoltada e rebelde
Meu pai me tirou da escola e me levou pra Fazenda pra trabalhar
Daí começo a segunda etapa do meu pesadelo
Quando voltei para casa pelo fato de desobedecer meu pai comprar fiado pra ele pagar o meu pesadelo foi total
Eu passei a fazer trabalho de pessoas adulta com 11 Anos trabalhar na roça cuidar do gado quebrar milho e sempre que tinha oportunidades esse mostro me abusava sexualmente as vezes era a força depois passei a aceitar
E deixar acontecer porque meu pai era tão cruel comigo
E minha mãe sempre muito submissa ã fazia nada

Enviar mensagem

Membros Da Equipe

Alice Girassol

Páginas relacionadas

Textos que parecem t...
Lucy Ribeiro curtiu isso
Blog pessoal

Narcisismo Materno
Site de sociedade e cultura

Psiquiatria cuidados ...
Serviço de saúde mental

Português (Brasil) · Português (Portugal) · English (US) · Español · Français (France)

Privacidade · Termos · Anúncios · Opções de anúncio [>] · Cookies · Mais · Facebook © 2019

Bate-papo

facebook.com/vivagirassol/posts/2640654442635719?_tn_=K-R

Movimento Girassol

Priscila Página inicial Criar

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol @vivagirassol

Página inicial Sobre Vídeos Fotos Comunidade Publicações Criar uma Página

Curtiu Seguindo Compartilhar ...

Um contei para meu pai que ele estava tentando me agarrar e meu pai disse que era mentira e que eu não prestava era uma vagabundagem não valia nada meu pai sempre me xingava de nomes feios

Fiquei desesperada como ia fazer eu já tinha 13 anos de idade e já sabia exatamente o que estava acontecendo não queria aquilo pra mim meu sonho era casar vestida de noiva então comecei a me dar conta que minha vida era uma locura

Depois de contar pro meu pai e ele não fazer nada um dia meus pais saíram e ele abusou de mim Mas uma vez

Então fugir de casa e fui para uma cidade vizinha e pedir ajuda para um amigo

Fui trabalhar em casa de família mas o pior já tinha acontecido eu estava grávida

O homem que eu trabalhava na casa dele tinha uma farmácia eu nem sabia que estava grávida comecei a passar mal ele me levou para o hospital e descobriu TUDO sobre a gravidez então fiquei com muito medo e falei que era de um primo MEU e pedir desesperada que não podeis ser mãe com 14 anos

Fiz um aborto

E passei 1 anos sem ir na casa dos meus pais

Mas pessoa continuou morando lá na fazenda

Meu sofrimento tem várias etapas vamos para terceira etapa

Com 15 anos conheci um homem na escola me apaixonei por ele

Enviar mensagem

Membros Da Equipe Alice Girassol

Páginas relacionadas

Textos que parecem t... Lucy Ribeiro curtiu isso Blog pessoal Curtir

Narcisismo Materno Site de sociedade e cultura Curtir

Psiquiatria cuidados ... Serviço de saúde mental Curtir

Português (Brasil) · Português (Portugal) · English (US) · Español · Français (France) +

Privacidade · Termos · Anúncios · Opções de anúncio · Cookies · Mais · Facebook © 2019

Bate-papo

book.com/vivagirassol/photos/?ref=page_internal

facebook.com/vivagirassol/posts/2640654442635719?_tn_=K-R

Movimento Girassol

Priscila Página inicial Criar

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol @vivagirassol

Página inicial Sobre Vídeos Fotos Comunidade Publicações Criar uma Página

Curtiu Seguindo Compartilhar ...

Com 15 anos conheci um homem na escola me apaixonei por ele

Ele tinha 17 anos mas velho

Nós primeiros meses este homem era uma pessoa maravilhosa passei 4 meses namorado normal mas depois disso ele queria s*xo e eu falei pra ele que não era virgem no primeiro momento ele ficou muito nervoso disse que eu a enganei por não ter falado desde o inicio mas fui obrigado a falar do meu passado

Em primeiro momento ele se mostrou comovido com toda minha história mas depois dessa revelação passamos ter uma vida de sexo como marido e mulher eu tinha 15 Anos

Um certo dia fomos pra Fazenda onde meus pais morava e chegando lá ele pediu meu pai que queria casar comigo não sei realmente qual foi a intensão do meu pai mas ele perguntou se era isso mesmo que ele queria por que eu era de personalidade muito forte e não valia nada mas se ele quisesse podia me levar embora naquele dia mas uma vez passei a Odiar meu próprio pai pelas referências que ele tinha dado de mim

Não fui morar com este homem no mesmo dia mas 1 semana depois ele voltou e me levou pra morar com ele

Eu estudava e me recusei de parar de estudar daí começou as brigas 3 meses depois que estávamos morando juntos ele começou me bater por causa de ciúmes

Logo após me agredir fisicamente ele me obrigava a fazer sexo com ele

Fiquei grávida com 16 anos tive meu primeiro filho e com 17 tive meu segundo filho

A convivência era muito difícil arrumei um trabalho e me envolvi com um

Enviar mensagem

O Facebook esta mostrando informações para ajudar você a entender melhor o propósito de uma Página. Veja as ações das pessoas que administram e publicam conteúdo.

Página criada em 3 de setembro de 2017

Membros Da Equipe Alice Girassol

Páginas relacionadas

Textos que parecem t... Lucy Ribeiro curtiu isso Blog pessoal Curtir

Narcisismo Materno Site de sociedade e cultura Curtir

Psiquiatria cuidados ... Serviço de saúde mental Curtir

Português (Brasil) · Português (Portugal) · English (US) · Español · Français (France) +

Bate-papo

facebook.com/vivagirassol/posts/2640654442635719?_tn_=_K-R

Movimento Girassol

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade
Publicações
Criar uma Página

A convivência era muito difícil arrumei um trabalho e me envolvi com um colega de trabalho ele descobriu aí que as coisas piorou
Não me lembro de ter um dia que ã era agredida ele me abusava e perguntava se era assim que o abusador fazia comigo
Tive coragem depois de uma agressão física e chamei a policia para ele Mas ele fugiu depois disso nós separamos depois de 6 anos morando juntos
Graças a Deus tive força para não voltar atrás
Mas agora vivo a meio um pesadelo casei com uma pessoa maravilhosa temos uma filha de 8 anos ela é linda nós primeiro 4 anos eu era louca por ele mas meu sonho era casar na igreja
E ele SEMPRE falava que não precisava que isso não era importante com o passar do tempo fui ficando desiludida a ponto de não sentir desejo pelo meu marido
E agora para piorar a situação voltei a morar onde nasci e minha família toda mora aqui há 2 meses atrás dei de cara com o homem que abusou de mim por muito tempo acabo vendo ele na rua quase toda semana o passado todo voltou a bater na minha porta já não sei o que fazer TENHO pesadelo todas as noites
Já senti muita vontade de matar aquele homem
Mas tenho consciência que se fizer isso vou perder pela segunda vez não sei o que fazer
Já tive a ponto de pensar em suicídio as vezes tenho nojo de mim mesma não me sinto bonita muito menos feminina existe uma angústia tão grande que não estou conseguindo superar tudo isso sozinha Fiquel

Enviar mensagem

Membros Da Equipe
Alice Girassol

Páginas relacionadas

Textos que parecem t...
Lucy Ribeiro curtii isso
Blog pessoal

Narcisismo Materno
Site de sociedade e cultura

Psiquiatria cuidadosos ...
Serviço de saúde mental

Português (Brasil) · Português (Portugal) · English (US) · Español · Français (France)

Privacidade · Termos · Anúncios · Opções de anúncio · Cookies · Mais · Facebook © 2019

Bate-papo

facebook.com/vivagirassol/posts/2640654442635719?_tn_=_K-R

Movimento Girassol

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade
Publicações
Criar uma Página

toda mora aqui há 2 meses atrás dei de cara com o homem que abusou de mim por muito tempo acabo vendo ele na rua quase toda semana o passado todo voltou a bater na minha porta já não sei o que fazer TENHO pesadelo todas as noites
Já senti muita vontade de matar aquele homem
Mas tenho consciência que se fizer isso vou perder pela segunda vez não sei o que fazer
Já tive a ponto de pensar em suicídio as vezes tenho nojo de mim mesma não me sinto bonita muito menos feminina existe uma angústia tão grande que não estou conseguindo superar tudo isso sozinha Fiquel
Por favor girassol me ajude

*Vale lembrar que quando você comenta aqui é como se estivesse falando diretamente com a Girassol autora do relato. Se ela estivesse agora na sua frente, o que você diria?
*Se você também quiser participar de forma anônima, envie seu relato, desabafo, depoimento ou mensagem para o messenger da página.
*Siga o Movimento Girassol no Instagram (@vivagirassol) e no Twitter (@vivagirassol)!

Enviar mensagem

Membros Da Equipe
Alice Girassol

Páginas relacionadas

Textos que parecem t...
Lucy Ribeiro curtii isso
Blog pessoal

Narcisismo Materno
Site de sociedade e cultura

Psiquiatria cuidadosos ...
Serviço de saúde mental

Português (Brasil) · Português (Portugal) · English (US) · Español · Français (France)

Privacidade · Termos · Anúncios · Opções de anúncio · Cookies · Mais · Facebook © 2019

Bate-papo

facebook.com/vivagirassol/posts/2640654442635719?_tn_=_K-R

Movimento Girassol

Priscila Página inicial Criar

Enviar mensagem



Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade

Publicações

Criar uma Página

Seguir Curtiu Seguinte Compartilhar

Seguir para provar a coragem e a força de caráter das vítimas e sobreviventes
toda mora aqui há 2 meses atrás dei de cara com o homem que abusou de mim por muito tempo acabo vendo ele na rua quase toda semana o passado todo voltou a bater na minha porta já não sei o que fazer TENHO pesadelo todas as noites

Já senti muita vontade de matar aquele homem

Mas tenho consciência que se fizer isso vou perder pela segunda vez não sei o que fazer

Já tive a ponto de pensar em suicídio as vezes tenho nojo de mim mesma não me sinto bonita muito menos feminina existe uma angústia tão grande que não estou conseguindo superar tudo isso sozinha Fiquei

Por favor girassol me ajude

*Vale lembrar que quando você comenta aqui é como se estivesse falando diretamente com a Girassol autora do relato. Se ela estivesse agora na sua frente, o que você diria?

*Se você também quiser participar de forma anônima, envie seu relato, desabafo, depoimento ou mensagem para o messenger da página.

*Siga o Movimento Girassol no Instagram(@vivagirassol) e no Twitter (@vivagirassol!)



Membros Da Equipe

Alice Girassol

Páginas relacionadas

Textos que parecem t...
Lucy Ribeiro curtiu isso
Blog pessoal Curtir

Narcisismo Materno
Site de sociedade e cultura Curtir

Psiquiatria cuidados ...
Serviço de saúde mental Curtir

Português (Brasil) · Português (Portugal) · English (US) · Español · Français (France) +

Privacidade · Termos · Anúncios · Opções de anúncio [>] · Cookies · Mais · Facebook © 2019

Bate-papo



**MINHA HISTÓRIA DE SOFRIMENTO
INCLUI ABUSO NA INFÂNCIA,
ABORTO, ESTUPRO NO
CASAMENTO E FALTA DE
APOIO DE MEUS PAIS.**

***Movimento
Girassol***

Anexo VI

facebook.com/vivagirassol/posts/2714308885270274?_xts_%5B0%5D=68.ARBw3TtF_UgLiELrzBghyGJSlw3h_SsfvFQBq1e73XuUkQ8nxZHO3i8dNpxk8iyE2GkQGy...

Movimento Girassol

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade
Publicações
Criar uma Página

30 de setembro às 15:35

AVISO: Este relato contém descrição detalhada de violência sexual.

*
*
*

Relato de uma Girassol

Olá Girassóis !!

Eu, finalmente criei coragem de vir aqui contar a minha história, na verdade eu gostaria de não lembrar nunca mais, mas isso se torna impossível para um sobrevivente.

Primeiro quero dizer que uma parte da minha vida apagou e eu não consigo de forma alguma me recordar, temo muito do que possa ter acontecido nesse meio, mas enfim, estou viva!!

A minha infância foi muito dura, passei muitas necessidades, meus pais tinham muitos filhos, e muitas das vezes faltava o básico para o nosso sustento, pra ter uma ideia eu sou a sétima de 9 filhos, foi muito difícil, minha mãe sempre muito cuidadosa porém muito ocupada com os afazeres e com o meu pai que bebia muito, presenciei muitas agressões a ela, um lar sofrido.

Por volta dos 7 ou 9 anos (não me recordo o certo) eu brincava com minhas primas no quintal da casa de uma delas, uma das minhas irmãs mais velhas estavam por perto, me recordo a roupa que eu usava, uma saia rodada, rosa florida e uma blusinha regata branca, eu era bem pequena, e eis que aconteceu, eis que fui ESTUPRADA pelo meu primo.

Lembro que eu fui até o riacho pegar água pra brincadeiras, sempre enor pra fazer isso, chegando lá ele estava, me pegou no

Estabelecendo conexão segura...

facebook.com/vivagirassol/posts/2714308885270274?_tn_=K-R

Movimento Girassol

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade
Publicações
Criar uma Página

linda e uma blusinha regata branca, eu era bem pequena, e eis que aconteceu, eis que fui ESTUPRADA pelo meu primo.

Lembro que eu fui até o riacho pegar água pra brincadeiras, sempre botavam a menor pra fazer isso, chegando lá ele estava, me pegou no colo, ele era de estatura alta não sei a idade, acho que uns 15 anos talvez, e ali aconteceu, me pegou a força, me ameaçou caso gritasse, ficou de joelhos e me pen**rou ao mesmo tempo ele falava que eu ia gostar, que aquilo era muito bom, e pedia pra eu responder que sim, que eu estava gostando. Eu nunca tinha visto um p**nis na minha vida, e ele fez, eja**lou em mim, me mostrando tudo, minha cabeça deu um nó, parecia um pesadelo, aqueles foram momentos de tortura, eu pedi chorando pra que me soltasse, que estava doendo que deixasse eu ir embora mas não, ele me estuprou aos 7 anos de idade.

Antes de ir embora ele me ameaçou se eu contasse ia falar que eu chamei ele pra ir, que eu fiquei pedindo, que ia fazer outra vez, que minha mãe ia me bater com essa coisa feia que eu fiz, dali ele entrou no mato e ordenou que eu voltasse, voltei toda suja, algumas manchas de sangue na calcinha e eu anestesiada.

Ao voltar para o quintal ele havia acabado de chegar, minha irmã chegou a perguntar pq demorei tanto, se ele tinha feito algo comigo, eu respondi que não, estava tudo bem.

Os dias se passaram eu cada dia mais assustada, o medo dele me dominou eu já não brincava mais como antes.

Até que um dia, lembro da minha mãe se queixando de dores e me pediu pra ir até a farmácia comprar uma dipirona, haviam 2 caminhos, o que passava frente a casa dele e um outro que passava bem longe porém um pouco deserto, e adivinham que eu escolhi o mais deserto que era mais perto e ele não poderia me ver, inocência, quando eu estava voltando sempre

Facebook esta mostrando informações para ajudar você a entender melhor o propósito de uma Página. Veja as ações das pessoas que administram e publicam conteúdo.

Página criada em 3 de setembro de 2017

Membros Da Equipe

Alice Girassol

Páginas relacionadas

Textos que parecem t...
Lucy Ribeiro curtiu isso
Blog pessoal

Narcisismo Materno
Site de sociedade e cultura

Psiquiatria cuidados ...
Serviço de saúde mental

Português (Brasil) · Português (Portugal) · English (US) · Español · Français (France)

Privacidade · Termos · Anúncios · Bate-papo

facebook.com/vivagirassol/posts/271430885270274?_tn_=K-R

Movimento Girassol

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade
Publicações
Criar uma Página

Os dias se passaram eu cada dia mais assustada, o medo dele me dominou eu já não brincava mais como antes.

Até que um dia, lembro da minha mãe se queixando de dores e me pediu pra ir até a farmácia comprar uma dipirona, haviam 2 caminhos, o que passava frente a casa dele e um outro que passava bem longe porém um pouco deserto, e adivinhem que eu escolhi o mais deserto que era mais perto e ele não poderia me ver, inocência, quando eu estava voltando sempre muito apressada, eu corria muito, lembro de muitas vezes ficar ofegante, corria sem olhar pra trás, e antes de eu começar a maratona ele já estava ali, sentado nos escombros de uma casa velha, me esperando como uma fera faminta, eu perdi o meu chão, já fui chorando pedindo pra não fazer nada comigo, ele me puxou pelo braço tão pequeno e indefeso e começou me tocar nas mesquinhas aonde ainda iriam nascer meus seios, sim eram apenas marquinhas, começou beijar minha boca, falando que era meu namorado, que nojo que eu sinto, e graças a Deus eu não me pe**trolei, me soltou falando que depois voltava e eu saí dali com tanto desespero correndo cheia de culpa por ter pego aquele caminho esquisito.

Continuarei em uma outra oportunidade, teve muito mais...
Deus abençoe a vida cada um de vocês.

*Vale lembrar que quando você comenta aqui é como se estivesse falando diretamente com a Girassol autora do relato. Se ela estivesse agora na sua frente, o que você diria?

*Se você também quiser participar de forma anônima, envie seu relato, desabafo, depoimento ou mensagem para o messenger da página.

*Siga o Movimento Girassol no Instagram (@vivagirassol) e no Twitter (@vivagirassol)

Enviar mensagem

O Facebook está mostrando informações para ajudar você a entender melhor o propósito de uma Página. Veja as ações das pessoas que administram e publicam conteúdo.

Página criada em 3 de setembro de 2017

Membros Da Equipe

Alice Girassol

Páginas relacionadas

Textos que parecem t...
Lucy Ribeiro curtii isso
Blog pessoal

Narcisismo Materno
Site de sociedade e cultura

Psiquiatria cuidadosos ...
Serviço de saúde mental

Português (Brasil) · Português (Portugal) · English (US) · Español · Français (France)

Privacidade · Termos · Anúncios

Bate-papo

Anexo V

Facebook interface showing the profile of **Movimento Girassol** (@vivagirassol). The profile picture is a circular logo with the text "Vítimas e Sobreviventes". The page is set to "Página inicial".

Post by Movimento Girassol (27 de setembro às 18:36):

Relato de uma Girassol

Sigo a página há mais de um ano mas nunca consegui contar minha história, talvez por medo, insegurança... mas também porque acho que nunca vou conseguir externar direito tudo que sinto. Enfim, vamos lá... Minha família é "estruturada", nas aparências. Moro em uma cidade boa, num bairro bom, numa casa boa, sempre frequentei os melhores colégios, nunca me faltou nada. Quando era criança minha mãe perdeu minha guarda na justiça por conta de problemas de alcoolismo. E fui morar com meu pai. Enquanto morei lá, me tornei muito próxima do meu irmão, ele sempre foi o queridinho da família, até que ele me abusou. Até hoje não entendo o que eu sentia, pq eu sabia que era errado, mas não fazia nada pra ele parar. Com 11 anos, contei isso pra uma amiguinha da escola, a mesma ligou pra mãe dela, que ligou pro colégio, e logo todo mundo ficou sabendo. Meu pai me acusou de querer machucar a pessoa que ele mais ama, todo mundo desacreditou de mim, me castigaram em casa, na escola fiquei com "fama"...

E aí, com 12 anos, meu pai começou a abusar de mim também... Dessa vez eu não contei pra ninguém, apenas resolvi voltar a morar com a minha mãe. Com 15 anos visitei meu pai novamente e ele tentou de novo, e eu saí do quarto dele e me tranquei no meu. Foi quando caiu a ficha... ele sabia que era verdade o que meu irmão fez, e resolveu fazer também... como ele me via? O que ele pensa que eu sou?

Desabei de pagar exemplar na adolescência desvirtuada, comecei a fumar

Facebook interface showing the profile of **Movimento Girassol** (@vivagirassol). The profile picture is a circular logo with the text "Vítimas e Sobreviventes". The page is set to "Página inicial".

Post by Movimento Girassol (27 de setembro às 18:36):

quarto dele e me tranquei no meu. Foi quando caiu a ficha... ele sabia que era verdade o que meu irmão fez, e resolveu fazer também... como ele me via? O que ele pensa que eu sou?

Passei da garota exemplar pra adolescente desvirtuada, comecei a fumar, reprovei diversas vezes, hoje em dia não vivo sem beber toda semana, por muitas vezes me vejo aceitando coisas e pessoas que são tão pouco pra mim, já transei com mais de 30 homens... Minha relação com eles é "boa", ninguém sabe o que aconteceu, então na aparência de família perfeita a gente permanece... Em 2015 tentei me matar, mas consegui superar isso. Não consigo olhar pra homens perto de mulheres sem desconfiar de algo a mais, não consigo me ver fazendo algo que não seja ajudar pessoas... Ontem me indicaram a série "Incrívelmente", na Netflix. Achei que conseguiria ver, porque as vezes eu sinto como se eu não fosse a mesma pessoa que passou por essas coisas que me aconteceram... mas foi um gatilho absurdo e precisei vir aqui desabafar. Querida agradecer pela existência dessa página, ela já me ajudou em diversos momentos, e o Girassol se tornou minha flor favorita. Só queria não ter tanto medo do meu irmão e sua esposa terem uma filha.

*Vale lembrar que quando você comenta aqui é como se estivesse falando diretamente com a Girassol autora do relato. Se ela estivesse agora na sua frente, o que você diria?

*Se você também quiser participar de forma anônima, envie seu relato, desabafo, depoimento ou mensagem para o messenger da página.

*Siga o Movimento Girassol no Instagram (@vivagirassol) e no Twitter (@vivagirassol)!

Facebook interface showing the profile of **Movimento Girassol** (@vivagirassol). The profile picture is a circular logo with the text "Vítimas e Sobreviventes". The page is set to "Página inicial".

Post by Movimento Girassol (27 de setembro às 18:36):

quarto dele e me tranquei no meu. Foi quando caiu a ficha... ele sabia que era verdade o que meu irmão fez, e resolveu fazer também... como ele me via? O que ele pensa que eu sou?

Passei da garota exemplar pra adolescente desvirtuada, comecei a fumar, reprovei diversas vezes, hoje em dia não vivo sem beber toda semana, por muitas vezes me vejo aceitando coisas e pessoas que são tão pouco pra mim, já transei com mais de 30 homens... Minha relação com eles é "boa", ninguém sabe o que aconteceu, então na aparência de família perfeita a gente permanece... Em 2015 tentei me matar, mas consegui superar isso. Não consigo olhar pra homens perto de mulheres sem desconfiar de algo a mais, não consigo me ver fazendo algo que não seja ajudar pessoas... Ontem me indicaram a série "Incrívelmente", na Netflix. Achei que conseguiria ver, porque as vezes eu sinto como se eu não fosse a mesma pessoa que passou por essas coisas que me aconteceram... mas foi um gatilho absurdo e precisei vir aqui desabafar. Querida agradecer pela existência dessa página, ela já me ajudou em diversos momentos, e o Girassol se tornou minha flor favorita. Só queria não ter tanto medo do meu irmão e sua esposa terem uma filha.

*Vale lembrar que quando você comenta aqui é como se estivesse falando diretamente com a Girassol autora do relato. Se ela estivesse agora na sua frente, o que você diria?

*Se você também quiser participar de forma anônima, envie seu relato, desabafo, depoimento ou mensagem para o messenger da página.

*Siga o Movimento Girassol no Instagram (@vivagirassol) e no Twitter (@vivagirassol)!



Anexo VI

facebook.com/vivagirassol/posts/2706013392766490?_xts_%5B%5D=68.ARD7D9D0X18M0PpnmkZqIcY9Zd9pMM7wSkZ2elxQgX5Ud-M53ewenOU6CopjviS1PB53...

Movimento Girassol

Priscila Página inicial Criar

Curtiu Seguindo Compartilhar

Enviar mensagem

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade
Publicações
Criar uma Página

Movimento Girassol
26 de setembro às 14:14

Relato de uma Girassol

olá Boa noite, tudo bem?
Me chamo Girassol (Sigilo) , tenho 37 anos e um filho de 10.
Me lembro como se fosse hoje, uma noite pouco fria meu abusador (Pai) foi me buscar pra irmos pra nossa casa onde iriamos morar juntos, eu ele e minha mãe, eu tinha apenas 6 anos. Minha mae trabalhava em casa de familia numa casa boa até, eu me lembro, me tratavam bem e me levavam pra sair. Porem ela deu uma chance ao meu pai que bebia demais mas deu, naquela noite ele passou de carro no trabalho dela e me levou pra dormir na casa nova, la só tinha o colchão e o fogão.
Peguei no sono, e então...
Senti ele mexendo em mim, me tocando...
quando vi ele estava em movimentos vai e vem (sem pen**ração) eu e silêncio nao falei nada. Ele terminou e dormiu, fui me limpar estava Sujal
Pela manhã ele fingiu que nada tinha acontecido e me deixou no quintal onde morava uma irma dele...
Fiquei brincando sem tomar banho, eu nao entendia nada do que ele fez, porem eu nao queria falar pra ninguem sobre aquilo.
Miinha mãe chegou a tarde e me deu banho e nao percebeu nada, ali ficamos uns meses morando junto, ate que ele me abusou de novo no meio da tarde e eu mais uma vez em silêncio.
Em meio ao tumulto e varios abusos naquele meio tempo, eu ja havia
ão dos meninos maiores da rua, eles me puxavam pra qualquer
um a mãe e eu sempre em silêncio, voltava pra casa

Aguardando o cache...

facebook.com/vivagirassol/posts/2706013392766490?_tn_=K-R

Movimento Girassol

Priscila Página inicial Criar

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade
Publicações
Criar uma Página

Curtiu Seguindo Compartilhar

Enviar mensagem

U Facebook esta mostrando informações para ajudar você a entender melhor o propósito de uma Página. Veja as ações das pessoas que administram e publicam conteúdo.

Página criada em 3 de setembro de 2017

Membros Da Equipe
Alice Girassol

Páginas relacionadas

Textos que parecem t...
Lucy Ribeiro curtii isso
Blog pessoal

Narcisismo Materno
Site de sociedade e cultura

Psiquiatria cuidados ...
Serviço de saúde mental

Português (Brasil) Português (Portugal) Bate-papo

70476469_270849...jpg

Exibir todos X

porem eu nao queria falar pra ninguem sobre aquilo.
Minha mãe chegou a tarde e me deu banho e nao percebeu nada, ali ficamos uns meses morando junto, ate que ele me abusou de novo no meio da tarde e eu mais uma vez em silêncio.
Em meio ao tumulto e varios abusos naquele meio tempo, eu ja havia rodado na mão dos meninos maiores da rua, eles me puxavam pra qualquer canto e passavam a mão e eu sempre em silêncio, voltava pra casa. Minha mae largou dele, achei que seria o fim...
ok, por algum tempo.
Voltaram de novo e pah, ele fazia oral em mim com aquele bafo de cachaça.
E sempre botando a banca em casa.
segi mais alguns abusos ate que se separaram de vez, mas nesse meio tempo juntos que ficaram, fui abusada tb pelos meus primos que se esfregavam em mim, primos PATERNOS, e meninos que nao lembro de onde eram, parecia que ele falava pra esses: vai la, pode ir, é fácil e ela nao fala nada!!!
Passou uns anos, eu ja tinha meus 11 anos quando cheguei da escola e minha mae avisou que ele havia morrido, eu nao soltei uma lagrima se quer, nao falei nada e segui em Paz.
Nao queria ver ninguem da familia dele.
Aos 16 tive o primeiro surto de nervoso com minha tia Materna que falou merda pra minha mae e eu nao gostei, de lá pra ca nao calei mais a boca pra ninguém.
Me tornei arredia, bocuda, falava na lata, briguenta e nem eu me entendia.
Nunca usei nada de cigarro e bebidas, isso me deixa pessima.
Dos 17 aos 27 anos eu saiz com varios, nao me dava valor, queria ser

facebook.com/vivagirassol/posts/2706013392766490?_tn_=K-R

Movimento Girassol

Priscila Página inicial Criar

Vítimas e Sobreviventes

Movimento Girassol
@vivagirassol

Página inicial
Sobre
Vídeos
Fotos
Comunidade
Publicações
Criar uma Página

Curtiu Seguindo Compartilhar

Enviar mensagem

U Facebook esta mostrando informações para ajudar você a entender melhor o propósito de uma Página. Veja as ações das pessoas que administram e publicam conteúdo.

Página criada em 3 de setembro de 2017

Membros Da Equipe
Alice Girassol

Páginas relacionadas

Textos que parecem t...
Lucy Ribeiro curtii isso
Blog pessoal

Narcisismo Materno
Site de sociedade e cultura

Psiquiatria cuidados ...
Serviço de saúde mental

Português (Brasil) Português (Portugal) Bate-papo

70476469_270849...jpg

Exibir todos X

Dos 17 aos 27 anos eu saia com varios, nao me dava valor, queria ser usada mesmo, afinal eu havia nascido pra isso.
Só fui soltar tudo isso aos 21 anos pra minha mãe numa briga, ela nao teve reação, alias ate hoje, ela finge que nao aconteceu, pq DÓI MAIS NELA que em mim.
Casei e me separei, tive meu filho.
O pai é um lixo que espalhou minha historia aos amigos dele, mais uma vez fui exposta.
Hj tenho alguem que cuida de mim e do meu filho, nao consegui me formar, pois nao consigo terminar nada, tenho varios gatinhos presos, ora to bem, ora não.
Mas sempre em pé pois hj tenho meu filho.
Eu sigio, sem entender pq nasci pra ser abusada tão cedo por quem deveria me proteger.
Não sei, sei que isso pesa, dói, e tem dias que as lágrimas caem...
Tem dias que eu esqueço e outros eu lembro.
Tem dias que é FOD@ e outros BEM FOD@
É isso.

*Vale lembrar que quando você comenta aqui é como se estivesse falando diretamente com a Girassol autora do relato. Se ela estivesse agora na sua frente, o que você diria?
*Se você também quiser participar de forma anônima, envie seu relato, desabafo, depoimento ou mensagem para o messenger da página.



